



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**EDINEI GONÇALVES GARZEDIN**

**“COMO SE FORA BRINCADEIRA DE RODA”: A CAPOEIRA  
COMO EXPERIÊNCIA DO LAZER DE CRIANÇAS DA CAPITAL  
SOTEROPOLITANA**

Salvador  
2021

**EDINEI GONÇALVES GARZEDIN**

**“COMO SE FORA BRINCADEIRA DE RODA”: A CAPOEIRA  
COMO EXPERIÊNCIA DO LAZER DE CRIANÇAS DA CAPITAL  
SOTEROPOLITANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, na linha “Educação, Cultura Corporal e Lazer”, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador:  
Prof. Dr. Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Salvador  
2021

Garzedin, Edinei Gonçalves.

“Como se fora brincadeira de roda” : a capoeira como experiência do lazer de crianças da capital soteropolitana / Edinei Gonçalves Garzedin. - 2021.

113 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Otávio de Lacerda Abrahão.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2021.

I. Capoeira. 2. Infância. 3. Corpo. 4. Lazer. I. Abrahão, Bruno Otávio de Lacerda. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 796.81 - 23. ed.

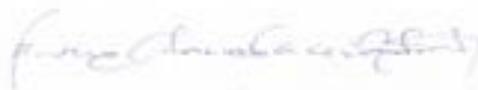
**EDINEI GONÇALVES GARZEDIN**

**"COMO SE FORA BRINCADEIRA DE RODA": A CAPOEIRA  
COMO EXPERIÊNCIA DO LAZER DE CRIANÇAS DA  
CAPITAL SOTEROPOLITANA**

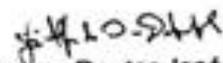
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, na linha "Educação, Cultura Corporal e Lazer", como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovada em 08 de outubro de 2021..

Banca examinadora



Professor Doutor Bruno Otávio de Lacerda Abrahão – Orientador  
Doutor em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro - RJ, Brasil  
Professor da Universidade Federal da Bahia



Professor Doutor José Alfredo Oliveira Debortoli  
Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, Brasil  
Professor da Universidade Federal de Minas Gerais



Professor Doutor César Augusto Rios Leiro  
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Bahia – BA, Brasil  
Professor da Universidade Federal da Bahia

“Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito.”

Colossenses 3:14

Dedico este trabalho à família que construí, junto com Ernesto, meu rapaz, companheiro apoiador dos meus projetos, sempre dando suporte para que eu possa realizar sonhos.

Dedico também ao meu orientador, Prof. Bruno Abrahão, que me escolheu, apostou, permitindo que eu realizasse algo que já julgava inatingível.

A Universidade Federal da Bahia, por me mostrar que tem espaço para todos. As professoras de Educação Infantil, de Ensino Fundamental, generalistas, capazes de abarcar tarefas hercúleas, trabalhadoras que sabem ser firmes e ao mesmo tempo doces. Aprendi tanto com vocês: Dica, Anete, Lourdinha, Nildinha, Rita Correia, Pró Lenice e minha querida pró Rita, nomeadas em homenagem à turma do Vieirinha. Vocês têm minha admiração e respeito.

Que muitas outras pró, em algum tempo chamadas de professorinhas, possam perceber a força e o poder que têm de fazer diferença na vida de seus alunos e também dos colegas.

Mais uma etapa cumprida. Gratidão, meu Senhor!

**AGRADECIMENTOS**

QUERO AQUI REVERENCIAR  
E AGRADECER IMENSAMENTE  
A DEUS, EM PRIMEIRO LUGAR  
E A MAIS UM TANTÃO DE GENTE  
AO MARIDÃO ERNESTO  
E A NOSSOS FILHOS EVANDRO E ANINHA  
PELO INCENTIVO INTERMITENTE  
AOS MEUS IRMÃOS, MEUS PAIS  
PELA TORCIDA FREQUENTE  
AO MEU ORIENTADOR  
BRUNO ABRAHÃO, O DOUTOR  
QUE VEIO LÁ DAS GERAIS  
FINCOU PÉ EM SALVADOR  
VEIO FAZER DIFERENÇA  
ME ORIENTOU, DESAFIOU  
A INFÂNCIA QUE ME ENCANTA  
À CAPOEIRA JUNTOU  
A ELE MEU MUITO OBRIGADA  
PELA PACIÊNCIA E TRANQUILIDADE  
COM AS QUAIS COMIGO LIDOU  
AO PROFESSOR DEBORTOLI  
E O PROFESSOR CÉSAR LEIRO  
POR SUA DISPONIBILIDADE  
SEU OLHAR OBSERVADOR  
EXAMINANDO ESSE ESCRITO  
DECRETANDO O VEREDICTO  
QUE O VALIDOU, APROVOU  
AOS PROFESSORES DA PÓS  
JONEI, BONILLA, ANDREIA  
EVERALDO, TEREZINHA  
AOS COLEGAS, FUNCIONÁRIOS  
GENTE PARCEIRA, COMPANHEIRA  
MINHA TURMA DO CAFÉ  
LILIAN, JAQUE, DAYDANÇARINA  
AMIZADE E GRATIDÃO  
POR NOSSAS TROCAS E UNIÃO  
A VECA, TELMA, MARINEUZA  
QUE APONTARAM CAMINHO  
AO BERÇARTE, GEPE, LARI, EDNA  
PELOS CONSELHOS E CARINHO  
AO GRUPO CORPO EM PESO  
QUE ACOLHE, INCLUI, AFAGA  
AO PROFESSOR CORI, A VOCÊS

MEU SEMPRE MUITO OBRIGADA!  
DAY, COLEGA E AMIGA  
SEUS BRAÇOS ABERTOS SEMPRE  
FACILITARAM A JORNADA  
PAULO MINISTRO, MESTRE FERREIRA  
DEMETRIUS, COLEGAS DE FÉ  
SUSTENTANDO, APOIANDO,  
MANTENDO A PESQUISA DE PÉ  
AOS MESTRES DE CAPOEIRA  
CANGURU, BALÃO, ZAMBI  
MESTRE TOSTA E O CAMUGERÊ  
E AOS QUE ME FIZERAM VER  
A VIDA POR OUTRO ÂNGULO  
AS CRIANÇAS, ESPECIALMENTE  
POR SUA VIVACIDADE, DESTREZA  
GINGANDO, DESENHANDO, CONTANDO  
BRINCANDO E ENCANTANDO  
TRAZENDO AO MUNDO MAIS BELEZA!

## TISTU

“Tistu é um nome esquisito, que a gente não acha em calendário algum, nem do nosso país nem dos outros. Não existe um São Tistu.

Mas havia, no entanto, um menino a quem todos chamavam Tistu... E é preciso explicá-lo.

Um dia, mal acabava de nascer e parecia um grande pão no bercinho de vime, fora levado à igreja para ser batizado. Um padrinho de chapéu preto e uma madrinha de mangas compridas declararam ao padre que ele se chamava João Batista. Nesse dia, como quase todos os bebês em idênticas circunstâncias, o coitadinho protestou, gritou, ficou vermelho de chorar. Mas, as pessoas grandes, que não compreendem os protestos dos recém-nascidos e teimam em sustentar suas ideias pré-fabricadas, garantiram com a maior firmeza que o menino se chamava mesmo João Batista.

Mas, em seguida, mal a madrinha de manga comprida e o padrinho de chapéu preto o recolocara no berço, deu-se um fato curioso: as pessoas grandes já não conseguiam pronunciar o nome que lhe haviam dado, e puseram-se a chama-lo de Tistu.

O fato, aliás, não é tão raro assim. Quantos meninos e meninas foram registrados no tabelião ou na igreja com os nomes de José, Maria ou Antônio, e só são chamados de Juca, Cotinha ou Tônico!

Isto prova simplesmente que as ideias pré-fabricadas são ideias mal fabricadas, e que as pessoas grandes não sabem mesmo o nosso nome, como também não sabem, por mais que o pretendam, de onde foi que viemos, por que estamos aqui e o que devemos fazer neste mundo.

Esta observação é muito importante e requer ainda algumas explicações.

Se só viemos ao mundo para ser um dia gente grande, logo as ideias pré-fabricadas se alojam facilmente em nossa cabeça, à medida que ela aumenta. Essas ideias, pré-fabricadas há muito tempo, estão todas nos livros. Por isso, se a gente se aplica à leitura ou escuta com atenção os que leram muito, consegue ser bem depressa pessoa importante, igual a todas as outras.

É bom notar que há ideias pré-fabricadas a respeito de qualquer coisa, o que é bastante prático, permitindo-nos passar facilmente de uma para outra.

Mas, quando a gente veio à terra com determinada missão, quando fomos encarregados de executar certa tarefa, as coisas já não são tão fáceis. As ideias pré-fabricadas, que os outros manejam tão bem, recusam-se a ficar em nossa cabeça: entram por um ouvido e saem pelo outro, e vão quebrar-se no chão.

Causamos assim muitas surpresas. Primeiro, aos nossos pais. Depois, a todas as outras pessoas grandes, tão apegadas às suas benditas ideias!

E foi justamente o que aconteceu com o garotinho, a quem chamaram de Tistu sem consultá-lo.”

O menino do dedo verde

GARZEDIN, Edinei Gonçalves. **“Como se fora brincadeira de roda”**: infância e capoeira no contexto soteropolitano. 2021. Orientador: Bruno Otávio de Lacerda Abrahão. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2021.

## RESUMO

A roda onde circulam saberes que entrelaçam a infância, a capoeira, a baianidade e a ludicidade como prática de lazer, através da colocação do corpo em cena, se forma nesse estudo. De abordagem qualitativa, ancorado na Sociologia da Infância, a partir de Sarmento, buscou-se aqui analisar o lugar da capoeira na vida de determinadas crianças soteropolitanas, praticada fora do tempo obrigado da escola, como atividade lúdica. Para escutar as crianças, a coleta de dados, realizada através dos mestres de capoeira, devido ao isolamento imposto pela invasão da Covid-19, elegemos o recurso dos desenhos, pelo fato de alcançar as crianças de idades variadas, além de ser presença na vivência delas, desde muito cedo, apresentando-se como recurso da intimidade do cotidiano infantil, mas eles poderiam também realizar escritos ou ainda encaminhar áudios ou vídeos. Ao tratarmos da infância, faz-se necessário um percurso pela história dessa categoria geracional, construída socialmente, buscando a referência de Philippe Ariès (1981) e Esteban Levin (2007). Foram ouvidos 9 (nove) mestres e 47 (quarenta e sete) crianças, cujos registros resultaram em vinte e oito desenhos, seis vídeos, dois escritos e onze escritos com desenhos. Analisando o conteúdo de quarenta e sete registros, elegemos categorias que expressam o que é a capoeira para eles. Destes, vinte e oito correspondem à musicalidade com os instrumentos da bateria; golpes/movimentos somaram vinte; oito registros tiveram mestres/professores; sentimentos corresponderam a nove; a roda totalizou cinco e cinco corresponderam a brincadeira. Nos registros realizados pelas crianças, os resultados mostram, com clareza, como o aspecto lúdico da capoeira atrai os pequenos e pequenas, revelando a intimidade que eles têm com esse universo porque esse também é o universo onde eles gostam de estar. A capoeira para eles, então, é lugar de gingar com seu corpo, de estar com seus pares, é tempo da diversão, da brincadeira, portanto, é tempo de lazer, pois a capoeira dos grupos analisados é praticada num tempo fora da obrigação da escola. A capoeira aparentava distanciamento das crianças quando elas não apareciam em registros sobre essa arte popular, mas após algumas buscas, encontramos motivos que justificam esse distanciamento: tendo sido perseguida, criminalizada, ela se aproximava dos meninos das maltas ou dos Capitães da Areia. Após resistir e ser ressignificada, vemos neste estudo como infância e capoeira não só estão na mesma roda, como atraem-se mutuamente, estabelecendo uma relação de camaradagem, de vadiagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância; Capoeira; Corpo; Lazer.

GARZEDIN, Edinei Gonçalves. “**As if it were a roda game**”: childhood and capoeira in the Salvador context. 2021. Advisor: Bruno Otávio de Lacerda Abrahão. 114 f. Dissertation (Masters in Education) – Faculty of Education, Federal University of Bahia, 2021.

## ABSTRACT

The circle where knowledge circulates that intertwine childhood, capoeira, Bahianness and playfulness as a leisure practice, through the placement of the body on stage, is formed in this study. With a qualitative approach, anchored in the Sociology of Childhood, based on Sarmiento, we sought to analyze the place of capoeira in the life of certain children in Salvador, practiced outside the compulsory time of school, as a playful activity. In order to listen to the children, the data collection, carried out through the capoeira masters, due to the isolation imposed by the invasion of Covid-19, we chose the resource of drawings, as they reach children of different ages, in addition to being a presence in the experience. of them, from an early age, presenting themselves as a resource of the intimacy of children's daily life, but they could also write or send audios or videos. When dealing with childhood, a journey through the history of this socially constructed generational category is necessary, seeking the reference of Philippe Ariès (1981) and Esteban Levin (2007). 9 (nine) teachers and 47 (forty-seven) children were heard, whose records resulted in twenty-eight drawings, six videos, two writings and eleven writings with drawings. Analyzing the content of forty-seven registers, we chose categories that express what capoeira is for them. Of these, twenty-eight correspond to musicality with drum instruments; hits/movements totaled twenty; eight records had masters/teachers; feelings accounted for nine; the wheel totaled five and five corresponded to play. In the records made by the children, the results clearly show how the playful aspect of capoeira attracts the little ones and the little ones, revealing the intimacy they have with this universe because this is also the universe where they like to be. Capoeira for them, then, is a place to sway with their body, to be with their peers, it is a time for fun, for fun, therefore, it is a time of leisure, as the capoeira of the analyzed groups is practiced in a time out of the obligation of the school. Capoeira seemed to be distant from children when they did not appear in records about this popular art, but after some searches, we found reasons that justify this distancing: having been persecuted, criminalized, it approached boys from the gangs or the Capitães da Areia. After resisting and being resignified, we see in this study how childhood and capoeira are not only in the same circle, but also attract each other, establishing a relationship of camaraderie, of loitering.

KEYWORDS: Childhood; Capoeira; Body; Leisure.

## LISTA DE IMAGENS

<b>IMAGEM 01.</b>	Menino aprendendo capoeira	19
<b>IMAGEM 02.</b>	Mapa – localização dos grupos de capoeira onde foram realizados os registros, na cidade de Salvador.	67
<b>IMAGEM 03.</b>	Representação de instrumentos	71
<b>IMAGEM 04.</b>	Representação de instrumentos	72
<b>IMAGEM 05.</b>	Representação de instrumentos	72
<b>IMAGEM 06.</b>	Representação de instrumentos	73
<b>IMAGEM 07.</b>	Representação de instrumentos – “chuva de berimbaus”	74
<b>IMAGEM 08.</b>	Representação de instrumentos	75
<b>IMAGEM 09.</b>	Representação de instrumentos	76
<b>IMAGEM 10.</b>	Representação de instrumentos	76
<b>IMAGEM 11.</b>	Representação de instrumentos	76
<b>IMAGEM 12.</b>	Representação de golpes/movimentos	78
<b>IMAGEM 13.</b>	Representação de golpes/movimentos	79
<b>IMAGEM 14.</b>	Representação de golpes/movimentos	79
<b>IMAGEM 15.</b>	Representação de golpes/movimentos	79
<b>IMAGEM 16.</b>	Representação de golpes/movimentos	80
<b>IMAGEM 17.</b>	Representação de golpes/movimentos	80
<b>IMAGEM 18.</b>	Representação de golpes/movimentos	81
<b>IMAGEM 19.</b>	Representação de golpes/movimentos	82
<b>IMAGEM 20.</b>	Representação de golpes/movimentos	83
<b>IMAGEM 21.</b>	Representação de golpes/movimentos	84
<b>IMAGEM 22.</b>	Representação de golpes/movimentos	84
<b>IMAGEM 23.</b>	Representação de professores/mestres	84
<b>IMAGEM 24.</b>	Representação de professores/mestres	85
<b>IMAGEM 25.</b>	Representação de professores/mestres	85
<b>IMAGEM 26.</b>	Representação da roda	89
<b>IMAGEM 27.</b>	Representação da roda	90
<b>IMAGEM 28.</b>	Representação da roda	90
<b>IMAGEM 29.</b>	Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira	92
<b>IMAGEM 30.</b>	Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira	93

<b>IMAGEM 31.</b>	Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira	94
<b>IMAGEM 32.</b>	Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira	94
<b>IMAGEM 33.</b>	Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira	95
<b>IMAGEM 34.</b>	Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira	95

## SUMÁRIO

<b>O MENINO NA RODA .....</b>	<b>14</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 O LAZER NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA INFÂNCIA .....</b>	<b>34</b>
<b>3 A CAPOEIRA NA CONSTRUÇÃO DA BAIANIDADE .....</b>	<b>52</b>
<b>4 NO COMPASSO DA PESQUISA, OUVIR O QUE AS CRIANÇAS TÊM A NOS DIZER.....</b>	<b>61</b>
4.1 Os instrumentos .....	70
4.2 Os golpes/movimentos .....	77
4.3 Os sentimentos .....	80
4.4 Os mestres/professores .....	84
4.5 A roda .....	88
4.6 Fazer amizades, se divertir, brincadeira .....	91
<b>5 POSSÍVEIS CONCLUSÕES .....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO A.</b> Termo de Consentimento Livre Esclarecido – Responsável pela Criança .....	111
<b>ANEXO B.</b> Termo Consentimento Livre e Esclarecido – Mestres e Professores de Capoeira .....	113

## O MENINO NA RODA

A ginga daquele que gira  
Circula na roda, rodeia  
Faz do gingado seu guia  
Enreda e rodopia.  
A roda circunda o menino  
Enlaça, acolhe, inclui  
No giro se faz criança  
Ciranda de esperança.  
O rodopio do menino  
Na roda, a circular  
Dá a ele compasso e ritmo  
Prepara o seu gingar.  
Ele ensaia a meia lua  
Cadeira e negativa  
Benção, desvio de frente  
Martelo, ponteira e esquiva.  
O mestre ensina ao menino  
O segredo de seu gingado  
Coloca na roda o saber  
Construído, ancestralizado  
Canto, dança, molejo  
Do povo escravizado.  
Na roda circula o saber  
Que a escola não ensinou  
Vem de longe esse aprender  
Dos tempos de seu avô  
Circulando, disseminando  
A arte se perpetuou  
Como se fora brincadeira  
De roda, a circular  
Na ginga da capoeira  
A criança pode encontrar

História e resistência  
Identidade, malemolência  
Sabedoria secular  
Brincadeira, luta, jogo  
Ancestralidade, hierarquia  
Da cultura popular  
Entrar e sair da roda  
Permitir, se encontrar  
O corpo parece de mola  
As pernas voltadas para o ar  
Mas, a cabeça orientada  
Está bem assentada  
Aprumada em seu lugar  
Capoeira é história viva  
Para em qualquer idade praticar  
Por isso o menino circula  
E esgueirando-se, anuncia:  
Na ginga da capoeira  
Vamos todos vadiar  
Nas voltas que o mundo deu  
Nas voltas que o mundo dá.

EDINEI GARZEDIN

## 1 INTRODUÇÃO

As crianças e seus corpos gingham mundo afora, diferentemente em cada contexto, mas sempre num brincar que envolve a cultura, mergulhada no universo lúdico que circunda a vida dos pequenos. O universo do brincar move a vida infantil, mesmo que nem todas elas tenham esse direito respeitado. O corpo, presença marcante na vida da criança, veículo através do qual interage com o mundo, marca o encontro dela com a vida do seu entorno. Este, marcado pela cultura onde o sujeito está inserido, carrega em suas posturas, algo da tradição, variando de um povo para outro, mas sempre refletindo o contexto desse povo.

Nesse sentido, voltamos o olhar para o contexto soteropolitano, observando as crianças de determinado grupo, analisando as experiências destas com sua cultura, com seu corpo em cena, suas relações com a roda de cultura que a circunda, através do aspecto lúdico marcante de suas vidas, buscando nesse circuito como elemento balizador a capoeira.

Ser criança em Salvador. Ser criança na cidade onde se joga capoeira pelos quatro cantos, onde ela é marca da identidade de um povo, marca da baianidade. Ser criança onde a cultura africana está impregnada, onde o corpo se apresenta para o jogo e onde vadiar se presentifica na ginga da roda brincante. Infância e capoeira, atreladas ao lazer, vamos enlaçar estes termos, destacando a singularidade do lugar da criança que vive na capital soteropolitana e pratica capoeira.

Infância e capoeira aparentam não ter um laço na construção da história, mas sendo as crianças sujeitos sociais, de alguma forma elas vivem o que se passa no entorno e muitas delas vivem a capoeira no seu dia a dia, através do grupo do qual faz parte. Na história, aparentam uma vivência em mundos opostos, onde a capoeira era vista como sinal de vadiagem, de malandragem, fora o fato de ter sido incluída no código penal, portanto, imprópria para os pequenos, é o que se supõe.

Quando se busca entrelaçar os termos infância e capoeira, numa pesquisa pela web, encontramos imediatamente a capoeira como proporcionadora de benefícios, mas sempre no sentido de preparar a criança para o futuro. A capoeira aparece como favorecedora do desenvolvimento motor, como a arte de desenvolvimento do corpo, enfim, está sempre no lugar de preparação da criança para o que há de vir. Como diz Rubem Alves (1995), a infância torna-se inútil se ela

só serve como preparação para o futuro. É preciso que a criança seja colocada em seu lugar de sujeito que tem direitos garantidos, assim ela precisa viver a infância agora. E vivê-la de forma integral, através das brincadeiras, especialmente.

As vivências do mundo infantil acontecem através de seu corpo e é na brincadeira que mora o volume dessas vivências. É nos momentos de lazer que a criança oportuniza a seu corpo viver esses momentos. O lazer aqui precisa ser entendido para além do uso da palavra pelo senso comum. Magnani (2015, p. 7-8), tratando do direito social do lazer na cidade do nosso tempo, compara o conceito de lazer com o conceito de cultura, no sentido de ambos os termos terem recebido inúmeras definições, cada um em momentos e contextos diferentes, isso devido ao fato de o lazer ter “sido construído com base na observação e na análise de múltiplas práticas e tomado como objeto de estudo de diferentes contextos”.

De acordo com Marcellino (2001, p. 19), “não existe um consenso sobre o que seja lazer entre os estudiosos do assunto, ou entre os técnicos que atuam nessa área, e muito menos no nível da população em geral”, o que dificulta lidar com o tema pois “se trata de um termo carregado de preferências e juízos de valor”. Fiquemos então com a constatação de Dumazedier (1973, p. 32), de que o lazer envolve três funções: descanso; divertimento, recreação e entretenimento; desenvolvimento.

A partir desta colocação, podemos pensar o lugar deste para a infância, pois as funções apontadas por Dumazedier (1973) podem ser associadas imediatamente ao mundo infantil. E para a infância, divertimento, recreação e entretenimento são condições essenciais para que a criança se desenvolva e se constitua como sujeito. Infância e lazer vivem assim a necessidade de ocuparem seus lugares na vida em sociedade. Brincadeira (lazer) é coisa séria para as crianças, assim como deve ser para toda a sociedade. Esse tempo de brincar, de se divertir, é constitutivo da infância, precisa ser preservado. E é o corpo que pode ser veículo essencial desse viver o lazer.

A infância nasce na modernidade, é termo socialmente construído para as crianças as quais, durante a Idade Média, viviam como miniatura dos adultos. Infância é a forma de ser criança, mas hoje já sabemos que não existe uma única forma de viver a infância, por isso usamos o termo no plural, infâncias, no sentido de que em cada grupo social a infância é vivida de forma diferente. Sarmiento (2004)

trata das infâncias dentro da infância, ela é singular para cada criança, na forma como vive.

A capoeira se insere em grupos variados de crianças na cidade de Salvador e muitos destes grupos de crianças vivem-na em atividades da escola, como parte do currículo, geralmente em aulas de Educação Física ou simplesmente quando é mostrada a elas na “Semana do Folclore”. Outros vivem a capoeira como marca da identidade de um povo, através da prática desta arte em grupos formados no bairro, por algum mestre ou praticante da capoeira, levadas pelos pais, enfim, praticam-na de forma mais espontânea.

Nos interessa, nesse estudo, analisar essa prática, desvinculada da instituição escolar, que carrega a vivência da prática embebida da cultura, de forma mais ampla. Entrelaçar essas temáticas – infância, lazer e capoeira – não é tarefa simples. Na roda onde elas se encontram – universo onde a ludicidade se faz presente – as aprendizagens são múltiplas.

A capoeira nasce nas senzalas, através da rica cultura africana, e se espalha pelas ruas, pelos quatro cantos da capital soteropolitana. As crianças viviam suas brincadeiras nas ruas, em rodas, cantando, dançando, vivendo a cultura. “Como se fora brincadeira de roda”. Temos aí um ponto de encontro entre infância, lazer e capoeira: na rua, na roda.

A roda, a forma circular, encontra-se em muitos aspectos da vida: na natureza, no corpo humano, na cultura, na arte e é elemento fundamental, tanto na capoeira como na brincadeira de criança. É na roda que a capoeira acontece, assim como é também na roda que as crianças vivem tantas brincadeiras. A roda, remete-nos a circularidade<sup>1</sup>, que tem como um dos significados: “qualidade do que é circular, do que volta ao ponto de partida.” Encontramos no site *A cor da cultura*<sup>2</sup> a informação de que “o círculo é uma figura geométrica onde o começo e o fim se encontram. Na cultura afro-brasileira, o círculo está sempre ali - nas rodas de samba e de capoeira, na dança em roda dos terreiros de candomblé e nas conversas ao redor da fogueira.” Infância, capoeira e lazer encontram-se na roda.

Quando buscamos aporte teórico que sustente o lugar do lazer, através da capoeira, para a infância, a dificuldade do encontro se anuncia de pronto. Os escritos sobre a capoeira não abarcam o lugar das crianças em seu histórico.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.meudicionario.org/circularidade>>. Acesso em: 03 set. 2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2l36HN5rBPc>>. Acesso em: 03 set. 2021.

Podemos conjecturar que, devido à sua ambiguidade, ao longo da história, a capoeira não era vista como prática apropriada para a infância?

Santos (2004, p. 48) nos informa que:

As contradições implícitas na construção da história da capoeira produzem uma identidade ambígua, a identidade do negro capoeirista que lutou, usou a capoeira enquanto resistência à escravidão e também a do malandro, desocupado, vagabundo, marginal. Essa ambiguidade marca a identidade do capoeirista ainda hoje.

Essa construção do capoeirista como malandro, vagabundo, marginal, certamente levou a capoeira para um lugar considerado inadequado para uma criança, podemos aventar. Mas, a criança, sendo ser social, em algum momento e de alguma forma estaria inserida no universo da capoeira.

No percurso de entrelaçamento da infância, associada ao lazer, a prática da capoeira surge numa encruzilhada. Encontramos sinal dela em fotografias, imagens, parcas crianças esgueirando-se entre os adultos, bem como registrada pelas mãos de Jorge Amado, escritor baiano, amante da capoeira, na obra *Capitães da Areia*. Encontramos ainda o entrelaçamento nos registros policiais do período e na criminalização imputada a ela, onde a legislação também criminalizava a infância.

Em imagem registrada no texto de Góes e Florentino (2018, p. 189), componente da obra organizada por Mary Del Priori (2018), visualizamos um menino aprendendo a jogar capoeira, sinalizando que, apesar de não ser aparentemente comum, de alguma forma havia crianças inseridas nesse contexto.

#### **IMAGEM 01.** Menino aprendendo capoeira



Fonte: Góes e Florentino (2018, p. 189)<sup>3</sup>

Fraga Filho (1994), em dissertação de mestrado, ao tratar sobre meninos, vadios, moleques e peraltas, narra os eventos onde meninos e meninas, no cotidiano da Bahia oitocentista, faziam da rua seu lugar tanto de trabalho como de divertimento, resultando em queixas das autoridades, bem como das famílias da época, moradores de casarões abastados.

Os garotos, muitos deles aprendizes de ofícios, viviam uma rotina dura de trabalho, sofrendo castigos, inclusive físicos e se rebelavam da vida dura através do que ficou conhecido como vadiagem. “Para esses adolescentes, a vadiagem era uma forma de rebelar-se contra as imposições do mundo adulto. Rebeldia que se expressava no desprezo, na preferência pela rua em detrimento da casa e no gosto pelas bebidas alcoólicas.” (FRAGA FILHO, 1994, p. 119).

Segundo o autor, eles se juntavam em grupos – faz referência a um evento onde a polícia prendeu 22 deles, dentre eles alguns escravos – apedrejando, vaiando, cuspidando, enfim, subvertendo a hierarquia social. Piedade, Terreiro de Jesus, Maciel, Cruzeiro de São Francisco, Largo da Saúde, Conceição da Praia, Santo Antônio Além do Carmo eram lugares onde circulavam maltas de peraltas (FRAGA FILHO, 1994).

Como sempre, na história da capoeira, esgueirando-se, passando pela periferia da história, “comendo pelas beiradas”, vão surgindo as insinuações dela no meio das crianças. Pires (2004) ressalta o lugar de menores, inseridos no mundo da capoeira, através de registros policiais, juntamente com registros literários. Segundo o autor citado logo acima, nos anos 1900, pelo menos 16% dos processados eram menores de 16 anos, denotando semelhanças no processo de difusão da capoeira, tanto no Rio de Janeiro como em Salvador. Os chamados meninos de rua, segundo o autor, foram fundamentais na propagação da capoeira, naquela época. Pires (2004, p.117) discorre sobre notícia no jornal, em 1901, onde pedia-se providência para uma “malta de garotos que infesta o Beco do Mota”. Os garotos, em grande número, formavam grupos que mobilizava a polícia, os jornais e a sociedade baiana daquele período.

---

<sup>3</sup> GÓES, José Roberto de; FLORENTINO, Manolo Florentino. Crianças escravas, crianças dos escravos. In: **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

Para a Literatura, o grupo mais famoso da época era chamado “Capitães da Areia”, imortalizado pela obra do baiano Jorge Amado. O grupo era conhecido como “crianças ladronas”, e o escritor baiano teve sua obra apreendida logo depois de publicada, em 1937. Na obra, Jorge Amado apresentava uma série de artigos publicados no Jornal A Tarde, onde classificava os garotos como “meninos assaltantes”.

Juntando lenda com registros policiais, Pires (2004) situa o leitor quanto ao fato de que as publicações nos jornais denotavam debates sobre os meninos, quando teriam assaltado a casa de um tal comendador, localizada no bairro da Vitória, bairro de classes média e alta da cidade. O autor continua sua escrita, apontando essas histórias como tendo feito parte da vida e obra de Jorge Amado, pois o mesmo traz as personagens das histórias em seu livro.

O trapiche era a “casa” desse grupo de garotos, relegados socialmente, abandonados ou simplesmente fugidos de uma vida de violência e opressão. João Grande, Sem-pernas, Gato, Professor, Pirulito, dentre outros, liderados por Pedro Bala, realizavam pequenos furtos e vendiam para sobreviver. Narrando as aventuras dos garotos, Amado traz um olhar, o olhar do escritor, sensível, destacando a cumplicidade de quem só tem seus companheiros para contar.

Ao final da obra, Zelia Gatai revela: “A temática das crianças que vivem nas ruas continua bastante atual. Para escrever Capitães da Areia, Jorge Amado foi dormir no trapiche com os meninos. Isso ajuda a explicar a riqueza de detalhes, o olhar de dentro e a empatia que estão presentes na história.” Amado tem uma relação estreita com a baianidade, especialmente com a capoeira. Suas obras refletem a essência da Bahia, traduzindo em palavras o que só dá para ser sentido, porque a baianidade é uma mistura de cheiros, de imagens, de caminhos, de mistérios, de história, mas principalmente de uma espécie de energia que só se sente quando se está lá, traduzida em sua gente. Em obras como Jubiabá, Mar Morto e Bahia de Todos os Santos, personagens da capoeira se fazem presentes, além da citada Capitães da Areia.

Nesta obra, o personagem Samuel Querido de Deus, lendário capoeirista que ensina a arte para os garotos do grupo, realmente existiu, tendo sido agregado à obra. Para Pires (2004, p. 120), Jorge Amado, “conhecedor dos segredos das ruas da Bahia”, trouxe para sua obra, agentes reais da história da capoeira na capital

soteropolitana, interessando ao pesquisador o lugar das crianças e suas relações com os grupos de capoeira.

As aproximações feitas por Jorge Amado “colocam a capoeira como uma cultura importante, que dá forças, agilidade e resistência aos seus pequenos heróis”. “Querido-de-Deus, o personagem que incorpora o capoeira, no romance de Jorge Amado, aparece como aliado das crianças; é quem ensinava o jogo da vadição e apresentava alternativas de sobrevivência”. Para Pires (2004, p. 121), o pai de Gabriela buscou inspiração em uma figura real para criar personagens.

Querido-de-Deus existiu e ficou famoso entre os capoeiras de sua época. Seu nome era Samuel, marítimo, homem do mar e da capoeira no cais do porto. Acreditamos, inclusive, que Samuel tenha cumprido um papel social junto a esse grupo de menores nas ruas da cidade do Salvador. Como um capoeira, autoridade das ruas, sabia que aquelas crianças precisavam de sua ajuda, de sua valentia e da experiência de alguém respeitado nas vielas e travessias da velha Bahia. Cabia a ele ensinar e passar os fundamentos da cultura da capoeiragem que, finalmente, os ajudariam a transitar entre o imbricado mundo da ordem e da desordem. Assim, os principais chefes dos “Capitães da Areia” teriam entrado em contato com a cultura da capoeira.

Jorge Amado, neste livro, compõe um mosaico de histórias, as histórias de cada garoto do grupo, que vai desenrolando ao longo da trama. A forma de narrar a história, em terceira pessoa, traz um olhar para essas crianças de maneira que possamos vivenciar suas histórias a partir da ótica delas, desconstruindo o olhar que tinha a polícia, os jornais e a sociedade baiana da época. Atentamos para o fato de que os meninos da história de Amado formavam um grupo que vivia pelas ruas, eram “menores abandonados, fugidos de casa ou simplesmente crianças trabalhadoras que, ao final do expediente, voltavam para suas casas.” (PIRES, 2004, p. 117).

Os registros sobre os meninos continuarem dando trabalho à polícia permaneciam até o ano de 1943, segundo o autor, mas “alcançaram a imortalidade através da pena magistral de Jorge Amado, pois além da documentação policial e tradição da capoeira, dão nome inclusive a grupos de capoeiristas contemporâneos”. O essencial neste registro foi o papel dos garotos na propagação da capoeira, “em que exerceram papéis singulares, muitas vezes, protegidos pela sua condição de crianças ou adolescentes (PIRES, 2004, p. 122).

Encontramos os sinais dessa relação na subversão dos garotos das maltas, os Capitães da Areia da vida real, suprimidos dos registros dessa relação devido à criminalização da capoeira, bem como da infância, conseqüentemente.

Lussac e Monti (2021) também fornecem aporte na justificativa dos poucos registros encontrados da presença de crianças na capoeira, ao longo de sua história. Esses autores, em artigo que trata da infância e capoeiragem no contexto do Rio de Janeiro, nos séculos XIX e XX, trazem esclarecimentos interessantes sobre a “ausência” de crianças na prática da arte/luta/jogo. Salientando que Pires (2004), chamou à atenção para a similaridade entre o contexto da capoeira em Salvador e Rio de Janeiro, valemo-nos dessa análise em nosso estudo, no sentido de apontar o não entrelaçamento entre a infância e a capoeira, no período compreendido entre o século XIX e XX.

Para esses autores, o como e o porquê da transmissão da capoeira na história passa pelo processo de criminalização imputado a ela, especialmente após ser incluída no Código Penal de 1890, mais especificamente na lacuna existente quanto à sua transmissão frente ao período citado – século XIX e início do século XX – mais ainda no que diz respeito a transmissão dos mais velhos às crianças daquela época.

A criminalização da capoeira passa pelo processo de “branqueamento” estabelecido após a Proclamação da República, onde o Brasil precisava se adequar ao padrão europeu. Dentro desse processo, estava limpar as ruas de indigentes, mendigos, vadios, citados na lei. Importante salientar que, após a lei que extinguiu a escravidão, a pobreza acentuou-se devido à oferta de mão de obra, agora não mais escrava, aumentando o contingente de pedintes, de trabalhadores informais e dos chamados desocupados, ou vadios, conforme registrado no Código Penal.

O contexto de miséria de grande parte da população da Bahia, essa uma população acentuadamente negra, no século XIX, levou Fraga Filho (1994) a nomeá-la de Pobre Bahia. Assim, a repressão policial a esses indivíduos era intensa e os vadios, termo que abrangia muitos indivíduos pobres da época, denominava todos aqueles que não tivessem trabalho ou moradia fixa, incluindo aí tanto trabalhadores informais como fugitivos, desertores (FRAGA FILHO, 1994).

Vadiagem, assim era um termo que abarcava a expressão da cultura dos negros recém libertos, expressa pelo candomblé, pelo samba, pelo batuque (MAGALHÃES FILHO, 2019). Esses negros e sua cultura iam de encontro ao ideal

que se preconizava. Por isso, a forma encontrada para retirá-los do contexto da cidade, que se queria como modelo europeu, foi através da repressão policial. Como o trabalho era o elemento que definia a ordem, a prática da vadiagem, atribuída aos homens sem trabalho, representava a desordem, aí incluída a capoeira. Sendo os ex-escravos detentores da prática, representavam uma ameaça à ordem proposta pelo projeto de país que estava sendo proposto, um país “civilizado”. A capoeira, marca da escravidão, deveria ser abolida pois não se adequava ao modelo de país que se estabelecia, a capoeira era o símbolo daquilo que se queria apagar.

Ao ser incluída como contravenção penal, a prática da capoeira não deixou de ser realizada, mas afastou muitos praticantes, além de futuros praticantes, no caso, as crianças. Muitos pais não queriam que seus filhos a praticassem, devido à pena imposta, e aqueles que não respondiam a seus pais ou eram crianças abandonadas, vivendo pelas ruas, entraram no cadastro de vadios e capoeiras, a partir do Decreto nº 145 de julho de 1893 (LUSSAC; MONTI, 2021).

Aqueles que tinham 14 anos ou mais já estavam sujeitos à penalidade pela prática da capoeira e este decreto autorizava a fundação de uma colônia correccional para os enquadrados no crime de capoeiragem ou vadiagem, medidas que estavam incluídas no projeto de modernização da cidade que incluía a retirada daqueles que não se enquadravam no modelo proposto, ou seja, aqueles que não tinham trabalho regulamentado ou os que andavam pelas ruas, como era o caso de muitas crianças. Com a Lei 947, de 29 de Dezembro de 1902<sup>4</sup>, tem artigos específicos para os menores:

I. Os menores de 14 annos, maiores de 9, inculcados criminalmente que forem julgados como tendo agido sem discernimento, nos termos dos arts. 30 e 49 do Codigo Penal.

II. Os menores abandonados de 14 annos, maiores de 9 que, por serem orphãos ou por negligencia ou vicios, ou enfermidades dos paes, tutores, parentes ou pessoas em cujo poder, guarda ou companhia, vivam, ou por outras causas, forem encontrados habitualmente sós na via publica, entregues a si mesmos e privados de educação.

Art. 8º Os menores abandonados serão remetidos administrativamente pelos pretores ou juizes de orphãos.

§ 1º Essa remessa será precedida de um processo administrativo sobre o comportamento e os habitos do menor, o character, a moralidade, a situação e os meios de vida do pae, tutor, parente ou

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-947-29-dezembro-1902-584264-publicacaooriginal-107022-pl.html>>. Acesso em: 17 ago. 2021.

pessoa sob cujo poder ou guarda se ache, ou em cuja companhia viva, o que se será compellido a dar necessarias informações.

§ 2º Os menores assim recolhidos á colonia permanecerão nesta até a idade de 17 annos completos, salvo decisão em contrario do respectivo juiz.

§ 3º O pae, tutor, parente ou pessoa em cujo poder, guarda ou companhia esteja o menor, não poderá obstar a internação deste na colonia, ordenada pela autoridade competente; só lhe é licito requerer a retirada do menor por acção summaria, proposta no Juizo de seu domicilio, com assistencia do Ministerio Público.

Concordamos com Lussac e Monti (2021, p. 76) sobre o fato de que os pobres, público alvo aos quais as leis são dirigidas, principalmente as crianças, não tinham esclarecimento ou conhecimentos para contestar as medidas tomadas e quanto ao primeiro contato dessas crianças com alguma medida educativa ser através da correção penal. “O brincar era substituído pela disciplina e pelo aprendizado do trabalho organizado, formando operários e trabalhadores para os ofícios geralmente ocupados pelas classes menos favorecidas”. A situação só foi melhorada com a publicação do Decreto 16.272, de 20 de Dezembro de 1923 com a criação de assistência aos menores e delinquentes e, mais tarde, com a criação do primeiro Código de Menores do Brasil.

Temos assim, com Pires (2004) e com Lussac e Monti (2021), impresso na foto do livro de Del Priori, registrada acima, um panorama da relação das crianças com a capoeira, ao longo da história. Esses autores apontam que a capoeira era ensinada às crianças, desde cedo. Primeiro, aprendiam por observação e imitação e à medida que iam crescendo, um praticante mais velho, o mestre, assumia os ensinamentos. Mais tarde, ingressavam numa malta de capoeiras, onde realizam diversos serviços, dentre eles provocar as maltas rivais.

Com a implantação das leis citadas acima, o medo se espalhou, minando a transmissão dos saberes ancestrais da arte/luta/jogo, da prática da vadiagem, promovendo uma lacuna, tanto na transmissão dos saberes da capoeira, quanto no lugar da criança como praticante desse Patrimônio Imaterial da Humanidade, justificando assim a ausência nos registros buscados por nós. Porém, a capoeira apresenta a singularidade de deixar no corpo a linguagem que a constitui, carregada por séculos através de seus praticantes, significada e ressignificada, sobrevivendo através dos tempos.

Esse lugar do corpo na capoeira encontra ancoragem em Mauss (2003) quando ele afirma não existir técnica nem transmissão se não houver tradição. Para

cada sociedade, o uso das técnicas do corpo é singular. É esse corpo que se utiliza de sua linguagem, da técnica adquirida da tradição de determinado grupo, para transmitir às gerações subsequentes, a tradição adquirida. O corpo, foi assim, para a capoeira, o guardião de sua carga, do movimento, da ginga que a define. Aqueles reprimidos pela lei ou os que conseguiram escapar dela, guardaram em seus corpos o legado recebido daqueles que vieram antes deles.

A prática da vadiagem, como vimos, esteve associada à capoeira desde sempre, mas a capoeira não esteve presente na vida das crianças em tempos idos devido ao seu caráter subversivo. Daí estar entre os “Capitães da Areia”, encontrados na encruzilhada de nossas buscas ou na infância criminalizada, de acordo com Lussac e Monti (2021).

A capoeira era praticada em diversos momentos, em variadas situações, inclusive em situações de desordem, mas geralmente, era praticada por trabalhadores, em momentos fora do trabalho, podemos ousar dizer então que essa é uma prática de lazer. Mas, não se encaixa numa prática de lazer esvaziada. Ela carrega “de arrasto” toda a gama de cultura propagada pelo povo africano que aqui assentou e merece ser resgatada em seu lugar de ancestralidade, junto às crianças contemporâneas, em seus momentos de brincadeira e de vadiagem.

Se o corpo insiste em se presentificar, na infância as possibilidades se alargam, trazendo para a roda um corpo brincante, um corpo que pede para entrar porque, através deste, dissemina não só trocas de habilidade, mas trocas recheadas de cultura.

A história da capoeira, marca da baianidade, reinventada desde seu surgimento, assemelha-se com a história da infância, construída na teia social, onde o lugar da criança sempre foi desconsiderado como agente protagonista no contexto da sociedade. Se, para a infância, brincar é essencial e estruturante, se ela diz com seu corpo, a capoeira carrega a mensagem que precisa ser espalhada através dos movimentos singulares trazidos em sua história. Se a criança precisa apropriar-se de seu lugar como agente social, precisa também apropriar-se da prática do lazer, como direito, assegurado em documentos, mas desconsiderado pelo mundo adulto, em sua cultura adultocêntrica. Se a capoeira oferece essa oportunidade de junção entre lazer na infância, por que não buscar?

Refletindo sobre o lugar de lazer na infância, no espaço da capital baiana, especialmente na contemporaneidade, deparamo-nos então com a marca indelével

da cultura soteropolitana - a capoeira -, pois esta praticada em rodas pelos tantos cantos da cidade, sinaliza uma possibilidade de engendramos os três elementos desse escrito: infância, lazer e capoeira, marcadamente assinalados no corpo. Corpo que grita, que tem voz, que se insinua quando desconsiderado e que é letra para ser lida.

A infância, fase da vida onde o corpo é veículo de idas e vindas nas trocas com o mundo que cerca a criança. Através dele, passam todas as sensações que promovem ação e reflexão, trocas, aprendizagens, elaborações...Esse mesmo corpo elabora e reflete tantas experiências através da brincadeira. Os momentos de brincadeira podem traduzir-se em momentos de seriedade porque brincar, para as crianças, é assunto muito sério. “A criança joga e brinca dentro da mais perfeita seriedade [...]. Mas, sabe perfeitamente que o que está fazendo é um jogo”. (HUIZINGA, 2000, p. 17).

Nessa brincadeira, o lazer apresenta-se ao universo infantil logo cedo, buscando seu lugar de direito. Para algumas crianças, esta apresentação não acontece, quando podada por excesso de atividades extracurriculares, ou por imposição da necessidade de trabalho. Apesar de não ser apresentado, o lazer bate sempre à porta, pois seu aspecto humano se impõe, esgueirando-se pelas brechas e inserindo-se na vida de labuta, de alguma forma. Todos, inclusive e principalmente as crianças, necessitam do tempo desobrigado para fazer algo que remeta a liberdade.

Magnani (2018, p. 30-31) fala sobre “passar dos adjetivos aos verbos”, pois os verbos trazem os atores da prática do lazer para outro lugar. “Tirar lazer, dar lazer, fazer nada, não fazer nada, fazer um monte de nada”. Pensando nessa perspectiva levantada por Magnani, talvez juntar infância, capoeira, corpo e lazer seja fazer essa passagem dos adjetivos aos verbos.

Nessa passagem aos verbos, podemos atar a capoeira à infância quando falamos do aspecto lúdico que os envolve. A capoeira, relacionada à musicalidade, ao jogo, à alegria, aproxima-se da infância através desses elementos, pois ambas comungam da ludicidade que as envolve. A razão e a racionalidade, próprias do mundo em que vivemos, impede-nos, muitas vezes, de viver esse universo lúdico, impede-nos de vadiar. A capoeira é luta, é jogo, mas também é divertimento, brincadeira, tema recorrente para a infância.

Assim, na tentativa de entrelaçamento desses termos, pensando no universo infantil, especificamente das crianças residentes em Salvador, surgiu o desejo de compreender, sob a ótica dos pequenos, o que é a capoeira para eles. Por que praticam? Onde? Com quem? Como veem a capoeira? Por que praticam? Portanto, o objetivo geral proposto nesse trabalho é analisar o sentido da capoeira na vida de determinadas crianças residentes em Salvador. Os objetivos específicos são: compreender o contexto histórico da infância, identificando o papel do lazer na construção social dela; analisar o entrelaçamento entre capoeira e a identidade baiana.

O estudo tratado aqui é de abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (1994, p. 22) “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Salvador tem muitos grupos de capoeira, dentre eles a maioria dos grupos com os quais mantivemos contato trabalham com crianças, mas estão com as atividades suspensas devido ao processo de isolamento social, imposto pela pandemia.

Para o levantamento das informações junto aos sujeitos da pesquisa – as crianças – conseguimos ouvir 47 (quarenta e sete) sujeitos, este número justificado pelo contexto em que foi realizado, durante o processo da pandemia da Covid-19, o que limitou a possibilidade da coleta in loco, contando assim com o apoio dos mestres de alguns grupos da cidade.

A proposta apresentada foi que as crianças respondessem o que é a capoeira para elas, através de desenhos, além de registros escritos feitos por eles ou por quem os acompanhou durante a realização dos desenhos, seguindo a ideia de Leal (2016) sobre aliar os desenhos as falas das crianças, e ainda através de gravação de vídeo. Sobre a escolha dos desenhos como recurso do método, merece um registro aqui de analogia feita pela psicanalista Sonia Magalhães (2013, p. 110):

A afirmação freudiana de que, quando brinca, a criança procede como um poeta, levou-me a pensar que na questão dos desenhos que surgem bem cedo na infância e que também desaparecem num dado tempo. Busquei estabelecer uma correlação entre o desenhar e o brincar, este brincar de que fala Freud. Ao lançar sobre a folha, ou outro material qualquer, o seu traço, não estaria a criança a brincar?

Se o brincar é tão importante para a infância e brincar é assunto sério, não poderíamos escolher outro recurso para a escuta das crianças. Magalhães (2013, p.

110), ainda prossegue, a respeito da analogia do desenhar com o brincar: “A antítese do brincar não é o que é sério, mas o que é real, diz-nos Freud. Se, ao brincar, a criança busca nas coisas visíveis e palpáveis do mundo real um ponto de apoio para as situações que ela imagina, no entanto ela distingue muito bem da realidade o mundo de seus jogos”.

A pesquisadora Silvia Maria Cintra da Silva, em sua obra *A constituição social do desenho da criança* também ressalta o lugar do desenho das crianças onde a intelectualidade se faz presente:

O artista plástico Saul Steinberg fala que “Desenhar é raciocinar no papel.” Penso que desenhar também é sonhar, imaginar, recordar e criar, seja no papel ou em qualquer outro suporte. De qualquer forma, é importante destacar o elemento cognitivo que aparece nessa citação, pois situa o desenho em uma esfera de atividade em que o elemento intelectual está presente (SILVA, 2002, p. 14).

O levantamento foi feito à distância, com mediação dos professores daquelas crianças, pois o momento em que vivemos diz respeito ao fato dela, a criança, estar sendo impedida de sair de casa e encontrar seus pares, portanto estando impedida de praticar a capoeira, com exceção do grupo no qual a coleta foi feita por último, onde as crianças já estavam tendo aulas presenciais e pudemos participar do momento de encontro e conduzir os registros feitos pelas crianças. Foi uma riqueza!

Na discussão sobre os dados levantados, tomamos o cuidado de não divulgar o nome das crianças, apesar do efeito poder ser o de invisibilizá-las, mas preferimos que se ressalte o discurso das crianças, sem correremos o risco da exposição delas. Mestres e professores de capoeira também participaram, fazendo um panorama sobre o grupo com o qual trabalham, participante da pesquisa. Gobbi (2009, p. 71) chama nossa atenção para o fato de que “o ambiente social influencia a produção infantil”. Daí, a inserção de mestre e professores ser mais um elemento a compor o cenário onde vivem as crianças escutadas.

De acordo com Sarmiento (2011, p. 27), “ouvir a voz das crianças” representa o aporte essencial na pesquisa com elas, estas vozes geralmente desconsideradas nas pesquisas até bem pouco tempo. Sarmiento & Gouvea (2009, p. 11) destacam que os estudos da Sociologia da Infância “alargam as fronteiras do campo disciplinar de onde provêm para, na verdade, configurarem uma abordagem renovada (nos planos teórico, epistemológico e metodológico) da infância como categoria social e das crianças como membros ativos da sociedade.”

Para Debortoli et al (2008, p. 44) “é preciso assinalar a histórica “menorização” das crianças na participação da construção da cultura e na organização dos sistemas sociais.” Sendo as crianças sujeitos sociais, construtores, assim como os adultos, da cultura da qual fazem parte, faz-se necessário abrir espaço para que sua voz e sua vez aconteçam agora. Ainda Debortoli et al (2008) sinalizam que contrário a essa “menorização” da infância, o conhecimento dela “se revela na capacidade de reconhecer as várias e surpreendentes formas de expressar sua “voz” e de agir no mundo.”.

Pesquisar com as crianças é a direção que tomamos, através da Sociologia da Infância de Sarmiento. Para Rodrigues, Borges e Silva (2014, p. 274), os estudos calcados na Sociologia da Infância “partem do pressuposto de que a criança é ator ativo do processo de socialização”, devendo suas falas serem ouvidas e compreendidas em sua perspectiva sobre o mundo. Citando Corsaro et al (2009) ressaltam que as crianças contribuem ativamente com a cultura, produzindo e mudando-a, não somente reproduzindo.

Colher suas impressões, através de linguagem através das quais podem se expressar, como é o caso dos desenhos, ajuda no entendimento de como os pequenos veem e se veem na capoeira, tratando-se de falar sobre o que praticam – seja por escolha própria ou não – em seu tempo “livre”. O desenho é um recurso muito interessante para levantamento de dados no trabalho com crianças porque geralmente elas são atraídas pela proposta de desenhar, utilizando a simbologia do desenho para se expressarem.

O desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças. Desde logo, porque o desenho precede a comunicação escrita (na verdade, precede mesmo a comunicação oral, dado que os bebês rabiscam antes ainda de articularem as primeiras palavras). Depois, porque o desenho infantil, não sendo apenas a representação de uma realidade que lhe é exterior, transporta, no gesto que o inscreve, formas infantis de apreensão do mundo – no duplo sentido que esta expressão permite de “incorporação” pela criança da realidade externa e de “aprisionamento” do mundo pelo acto de inscrição – articuladas com as diferentes fases etárias e a diversidade cultural. Nesse sentido, o desenho infantil comunica, e fá-lo dado que as imagens são evocativas e referenciais de modo distinto e para além do que a linguagem verbal pode fazer. (SARMENTO, 2011, p. 28-29).

Para Silva, Barbosa e Kramer (2005, p. 45), “no caso da pesquisa com crianças se coloca como fundamental ouvir os ditos e os não ditos; escutar os silêncios. Ser, como o poeta, um apanhador de desperdícios”. Neste sentido, precisamos de mais atenção ainda, uma vez que estamos distantes delas, apurando então o olhar para suas produções. A tentativa foi a de apanhar esses desperdícios entre as linhas do desenho ou entre as falas delas.

Demartini (2011, p. 12) nos questiona: “como observar as vivências infantis, tão complexas, procurando captar não as representações e reconstruções científicas dos adultos sobre aquelas, mas o “olhar” das próprias crianças?” Não temos respostas nem certezas, apenas desejo, assim, concordamos com a autora no que diz respeito a não termos respostas sobre o caminho teórico-metodológico mais adequado, mas caminhar no sentido de buscar possibilidades. Nessa perspectiva, segundo a supracitada, sobre cada metodologia, diversas que são, sugerirem “caminhos que podem levar à apreensão de algumas dimensões da realidade social infantil, mas, como sugeriu Florestan Fernandes, todas incompletas, pois a realidade é inexaurível”.

Diversos autores (DEMARTINI, 2009; QUINTEIRO, 2009; MARTINS FILHO, 2011; RODRIGUES, BORGES e SILVA, 2014) situam a obra de Florestan Fernandes, *As trocinhas do Bom Retiro* como pioneira dos estudos sobre a criança e suas expressões de cultura, voltando o olhar para a sociabilidade, expressa na arte do brincar. Rodrigues, Borges e Silva (2014), citam os concursos de desenho infantil, realizados por Mario de Andrade, após 1937, quando diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo, onde as crianças desenhavam sobre diversas esferas de suas vidas – escola, cidade, amigos, família – livremente. Além deste, fazem referência à experiência realizada por Paulo Freire, quando Secretário de Educação em São Paulo, de 1989 a 1992.

Nesta experiência, as crianças da Educação Infantil deveriam ser estimuladas a desenharem como viam a escola. Mais tarde, na década de 1990, José de Souza Martins, estudando a luta de trabalhadores pela terra, observou que as crianças estavam sempre por perto, observando, enquanto este entrevistava os adultos. Isso despertou Martins para o fato de que as pesquisas não davam “vez e voz” a estes pequenos, que ele denominou de “mudos da história”, devido ao fato de suas falas não serem ouvidas. O pesquisador decide então elevar as crianças a lugar de atores sociais, usando as falas destas em sua pesquisa.

Os registros dos trabalhos acima, precursores na pesquisa com crianças mobilizam-nos na tentativa de escutar o que elas têm a nos contar. E elas certamente têm muito. É sabido que a infância representa um período crucial na vida de todo ser humano, pois nela estruturamo-nos para viver a vida adulta. E brincar está no centro do exercício de interação da criança com o mundo, na estruturação para a vida adulta. Mas, o brincar infantil não pode limitar-se a ser período preparatório, isso vem, naturalmente. É necessário que esse brincar seja apenas ele, que seja vivido com o sentido da brincadeira, não com o que ela pode proporcionar, simplesmente.

Aqui entra minha implicação com essa pesquisa. Esse espaço do brincar, para as crianças, sempre chamou minha atenção, ao longo de 27 anos trabalhando no magistério, dando aulas para elas. Vi, ao longo dos anos, o espaço do corpo na brincadeira ir se estreitando, o panorama e o tempo de brincar sendo espremidos, então meu olhar passou a observar que essas mudanças traziam prejuízos no sentido de minar as brincadeiras herdadas de gerações passadas, ao abrir espaços numa certa preparação para desafios escolares futuros.

Como moradora da cidade de Salvador, ainda durante meu trabalho na sala de aula, mergulhei na história da capital soteropolitana, pois elaborávamos materiais específicos sobre a história e a geografia do lugar, conteúdo da série/ano na qual trabalhei por longo tempo. Quando estudávamos sobre a cultura de Salvador, via como estava marcado o lugar da cultura africana e como as crianças gostavam de vivenciar as festas populares, o artesanato; como gostavam das aulas de campo e se envolviam com a musicalidade, tão presente no contexto do povo baiano.

Dentre as manifestações, a capoeira sempre mexia com elas, algumas inclusive praticavam-na. No percurso da pesquisa, encontramos na capoeira essa ligação do corpo com a ludicidade, mas principalmente dela como marca da identidade baiana, mais especificamente soteropolitana.

Do interesse por investigar o lugar desse corpo – ou da ausência dele - na infância contemporânea, resolvemos juntar essas duas instâncias, no espaço geográfico da cidade onde vivemos, Salvador. Minha implicação com as questões da infância vem de longe, desde que iniciei minha vida profissional, sempre dando aulas para crianças, passando pela especialização em Psicomotricidade, estudos em grupos de pesquisa, agora dando aula para futuros pedagogos, atividades sempre voltadas para essa categoria geracional, o mundo dos pequenos e

pequenas. Com a capoeira, pude visualizar nesta prática uma aproximação do mundo das crianças, onde ambas estão relacionadas com a roda, com o corpo em cena, com a ludicidade, com a diversão, com o jogo. Nesse percurso, chegamos ao trabalho proposto.

Aqui queremos sinalizar o lugar da capoeira como prática de liberdade, de vadiagem, de prazer. Para Silva e Heine (2008, p. 49) “os capoeiristas mais antigos utilizam o termo vadiar quando se referem a jogar capoeira”. E continuam: “se for encarada como uma obrigação, a capoeira torna-se enfadonha e desinteressante, especialmente para as crianças”. Assim, ratifica-se o hiato que se apresenta para a história da capoeira: um lugar de vadiagem para aqueles que vivem a fase da vida destinada a vadiar: as crianças.

Estruturado em partes, começamos o trabalho com a introdução, onde a pretensão foi fazer a ligação entre os temas centrais – infância, capoeira e lazer (especialmente o aspecto lúdico) -, corpo, cultura.

A segunda parte trata então de um percurso pela história da infância, em sua construção, a partir do lugar do lazer, da brincadeira, nesta construção histórica, apontando assim o lugar do divertimento no arcabouço da vida infantil. A terceira parte aborda um outro percurso, desta vez da capoeira na capital baiana, acentuando seu lugar como marca da identidade soteropolitana, como marca cultural da chamada *baianidade*<sup>5</sup>. Por fim, temos os resultados da pesquisa, através do levantamento de dados, seguida de conclusão e referências.

---

<sup>5</sup> Mais adiante, trataremos do termo, a partir da obra de Agnes Mariano, *A invenção da baianidade: segundo as letras de canções*.

## 2 O LAZER NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA INFÂNCIA

A construção social da infância foi sendo forjada a partir de diferentes dimensões, como o olhar da família para o lugar da criança no seio familiar, a intervenção dos padres com a preocupação quanto à exposição dos pequenos ao mundo dos adultos, além do lugar do lazer, antes vivido pelas crianças juntamente ao dos adultos.

As crianças sempre existiram, mas a infância é categoria geracional socialmente construída, é fenômeno da modernidade. Até o século XVII, elas não tinham um lugar na sociedade, contrariamente ao que temos hoje. Eram vistas como miniaturas dos adultos, participando da vida social, do trabalho e do lazer, juntamente com todos. Assim, para entendermos a infância, precisamos fazer um percurso por sua história, adentrando nos aspectos sociais do seu contexto.

A diferença entre crianças e adultos parece-nos bem evidente, mas é interessante marcar que essa diferença nem sempre existiu. O sentimento de infância foi sendo construído ao longo da história, após a Idade Média. Segundo Ariès (1981), isso não significa que não existisse afeição pelas crianças, mas que elas não tinham um lugar especial, da forma como vemos na sociedade contemporânea.

O lazer, assim como a infância, é um fenômeno social da modernidade. O lazer sempre existiu, mas adquiriu lugar quando a sociedade moderna instituiu o trabalho em fábricas. Daí muitos associarem esse direito social como oposto ao trabalho. Ele tem aporte como direito social, no Brasil, na Constituição Federal de 1988. O fenômeno social denominado como lazer “foi gerado de uma clara tensão entre as classes sociais e da ocorrência contínua e complexa de controle/resistência/adequação/subversão” (MELO, 2012, p. 10).

Temos então o contexto do lazer onde convivem aspectos sociais, políticos e históricos, pois a classe trabalhadora precisou conquistar o que pode ser denominado de tempo do não trabalho. A Europa foi o centro de origem nas conquistas por esse tempo de não trabalho, enquanto no Brasil surgem as manifestações de lutas de operários por redução na jornada de trabalho no final do século XIX (MELO, 2012).

A dicotomia lazer/trabalho, nascida no período industrial, vem sendo desconstruída. Segundo Gomes (2014, p. 5), “a compreensão de lazer como uma

esfera oposta ao trabalho não vem conseguindo problematizar as complexidades e as dinâmicas que marcam as múltiplas dimensões da vida coletiva em diferentes âmbitos e contextos”.

Campo multidisciplinar, o lazer engloba as atividades culturais, em suas diversas linguagens e manifestações, podem ser praticadas no tempo livre das obrigações e objetivam a busca do prazer, embora nem sempre assim se processe, de acordo com Melo (2012).

Aportamos no escrito de Gomes (2014) para tratar o lazer como necessidade humana e dimensão da cultura. A autora situa o lazer, articulando-o a três elementos: ludicidade, manifestações culturais e tempo/espço social, que, no nosso entendimento, estão diretamente ligados à infância. O lazer é um campo complexo, assim também é a infância, ambos com sua “multiplicidade de vivências culturais lúdicas contextualizadas e historicamente situadas.” (GOMES, 2014, p. 15). Este capítulo objetiva então: compreender o contexto histórico da infância, identificando o lugar do lazer na construção social dela.

Infância e lazer são termos que, aparentemente, andam de mãos dadas, pois infância é tida como a fase da brincadeira, logo, tempo de lazer, naturalmente. As crianças, cidadãos de direitos, estariam incluídas neste a partir da nossa constituição, além de terem esse direito reafirmado pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Mas, na prática, muitas crianças vivem os momentos lúdicos como pressupostos para a vida futura de trabalho, outras nem têm oportunidade de viver esses momentos lúdicos. Ludicidade origina-se da palavra *ludus*, significando jogo. “Atividades lúdicas são aquelas que permitem que as crianças aprendam e desenvolvam suas capacidades por meio de brincadeiras, do uso da sua imaginação e da fantasia, próprias do mundo infantil”<sup>6</sup>. Termo muito utilizado na educação infantil, salienta o prazer, o respeito à subjetividade de cada criança e é praticada não só em momentos de brincadeiras, mas com músicas e histórias, próprias para a infância.

Destacamos aqui seu lugar por tratarmos do lugar que ele ocupa na vida infantil, quando se refere ao jogo, ao divertimento, mas não adentraremos em questões que envolvem a escola. Interessa-nos então o lugar que este ocupa em

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.significados.com.br/ludicidade/>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

momentos de lazer para a infância, pois são permeados pela fantasia, pela imaginação e pelo divertimento.

Gomes (2014, p.13), citando Debortoli, aborda a ludicidade como “uma possibilidade de expressão do sujeito criador, que se torna capaz de dar significado à sua existência, ressignificar e transformar o mundo”. Gomes (2014), amplia o conceito de ludicidade apontando sua construção a partir do sujeito em sua experiência vivida. Para as crianças, as experiências acontecem através da brincadeira, especialmente, ou seja, através das experiências lúdicas.

Num passeio pela história da criança, destacando o papel do lazer na construção social da infância, analisaremos o lugar da brincadeira na vida delas, do tempo lúdico, ao longo da história, bem como o lugar da criança na vida social, desde a Idade Média até a contemporaneidade. Debortoli (2008, p. 80) nos lembra que lançar luz sobre o brincar na direção de compreender o espaço das crianças no contexto social envolve um olhar para reelaboração da realidade como princípio da história e da cultura, onde corpo e memória são possibilidades de “experiência e produção lúdica”.

De acordo com Julieta Jerusalinsky (2002), o laço que une pais e filhos pode ser considerado bem recente, pois somente na passagem da sociedade medieval à sociedade moderna é que a estrutura da família passou a se organizar em torno da criança. Em nossos dias, o nascimento de um bebê é algo socialmente esperado. Os pais e outros familiares que estão no entorno aguardam e se preparam ansiosamente para a chegada do novo componente familiar, numa expectativa e investimento na perpetuação de ideais personalizados na criaturinha que chega. Freud ([1914] 2010, p. 25) intitulou essa expectativa com a expressão: “sua majestade o bebê” simbolizando a importância que damos ao nascimento de um novo ser nesse tempo contemporâneo.

Hoje em dia, espera-se desde o ideal social que o nascimento de um bebê – “sua majestade o bebê”, como situa Freud – comporte um grande investimento narcísico por parte dos pais em relação a este bebê recém-chegado ao mundo. As famílias costumam depositar no nascimento de um bebê a possibilidade de transcendência da morte pela transmissão dos ideais ao filho, zelando assim pela saúde, educação, formação e constituição desse pequeno bebê (JERUSALINKY, 2002, p. 27).

Mas, é interessante situar que no período medieval as crianças eram tratadas com cuidado por pouco tempo, somente até ter passado da fase da fragilidade, pois logo em seguida já era misturada aos adultos, passando a fazer parte do contexto da vida destes, inclusive em relação ao trabalho.

Pensar a infância requer situar no tempo a instituição do termo, da fase da vida. Recorremos ao escrito de Phillipe Ariès (1981, p. 50) para historicizar a infância, num retorno à era medieval. O autor informa que a fase dos pequenos aparentava ser desconhecida nessa era, uma vez que não se tem representação dessa etapa de vida, como a conhecemos, na arte desse tempo, como se “não houvesse lugar para a infância nesse mundo”.

Como ilustração, Ariès (2014) cita uma obra otomana, com representação de uma cena do evangelho, de acordo com a passagem bíblica onde Jesus pede que deixem vir a ele as criancinhas e elas são retratadas como oito homens reproduzidos em menor tamanho, muito distante de uma representação de crianças. Continuando com as descrições, o autor em questão faz um percurso pela arte medieval, onde até o fim do século XIII não havia representação de crianças verdadeiramente, estas estavam sempre representadas como seres humanos do sexo masculino em tamanho reduzido.

Ainda segundo Ariès (2014), nas representações artísticas da época medieval, as crianças não tinham representação, fazendo supor o autor que certamente elas não despertavam interesse, uma vez que as crianças logo se misturavam aos adultos, participando da vida cotidiana destes, só surgindo representações de crianças próximas às do mundo moderno por volta do século XIII, conforme ressaltado anteriormente. Um tipo de criança representado seria um anjo, com aparência de um jovem, um segundo como o Menino Jesus ou a Virgem Maria - alguns outros raros representados junto à sua família - e um terceiro, na fase gótica, que aparecia nu. Predominava a representação das crianças através de pinturas de aspecto religioso.

O escrito de Ariès (1981, p. 10) salienta ainda que nesse período da história, as crianças morriam em número considerável e o sentimento de perda denotava tristeza, mas não desespero em perdê-las. Elas também nasciam em maior número que na contemporaneidade, sendo os nascidos substitutivos dos que morreram. No século XVII, retratos de crianças sozinhas começaram a surgir, além de retratos de família. As crianças também começaram a ser vistas como “engraçadinhas” e

apareciam, algumas vezes, destacadas nas pinturas. Nesse período da história, as crianças estavam muito longe de terem a importância que têm hoje na família e na sociedade, apesar de não significar que eram negligenciadas, desprezadas. Eram cuidadas sem maiores demonstrações de afeto, até que passados cinco ou sete anos, juntavam-se aos adultos, persistindo assim por muito tempo nas classes populares.

Assim, segundo Ariès (1981, p. 50), “até por volta do século XII, [...] é mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”. O mesmo autor ressalta que uma espécie de “paparicação” foi surgindo, nas famílias, com as crianças pequeninas, culminando como um primeiro sentimento de infância. Um segundo sentimento de infância, Ariès (1981) assevera, partiu de fora das famílias, através de religiosos ou homens da lei, levados pela preocupação com os costumes, estendendo-se depois as famílias.

Quanto ao lazer, podemos situar aqui o registro realizado por Ariès (1981) sobre jogos e brincadeiras realizados pelas crianças no período medieval. O autor ressalta que “graças ao diário do médico Heroard, podemos imaginar como era a vida de uma criança no início do século XVII, como eram suas brincadeiras e a que etapas de seu desenvolvimento físico e mental cada uma delas correspondia” (ARIÈS, 1981, p. 82). Os registros médicos são do futuro Luís XIII, mas Ariès (1981) afirma não haver diferenças entre as crianças reais ou nobres, legítimas ou bastardas, ou seja, os registros podem traduzir o cotidiano de brincadeiras de um número considerável de crianças daquele período.

O relato situa brincadeiras com bonecas, jogo com arco, cartas, jogo de xadrez, em torno de seis anos, idas ao teatro, além de participação em jogos de salão, jogo de raquetes, que eram jogos de adultos. Esse registro continua situando que, em torno de sete anos, alguma coisa mudava: os brinquedos da primeira infância eram deixados para dar lugar a montar a cavalo, atirar e caçar, além de ser a idade para ir à escola ou trabalhar. Mas, não são muitas coisas que mudam. Muitas brincadeiras permanecem. Aos 13 anos, a criança citada ainda brincava de esconder. As crianças também participavam das festividades. “Por volta de 1600, a especialização das brincadeiras atingia apenas a primeira infância [...]. A partir dessa idade, a criança jogava os mesmos jogos e participava das mesmas brincadeiras dos adultos” (ARIÈS, 1981, p. 92).

As festas também contavam com a participação das crianças em papéis ativos, como nas encenações, nas celebrações, atuando ou como espectadores. Jogos de cartas, gamão, dados...também eram comuns às crianças. Huizinga (2000), tratando do jogo, caracteriza-o como sendo uma “evasão da vida real”, ilustrando essa expressão com um caso em que pai e filho dialogam sobre o que é real e o que é do mundo do faz de conta. Ariès (1981) vai pontuar que jogos de azar, naquele período, não atentavam contra a moral, assim eram praticados tanto por adultos como por crianças. Huizinga (2000), também situa o ar de mistério que caracteriza o jogo, envolvendo o ser humano desde a mais tenra infância.

No decorrer do século XVII, a participação de crianças e jovens nos jogos sofre mudanças, passando estes a serem reprovados, especialmente pelos jesuítas. Os padres, então, percebendo que não seria interessante proibi-los, escolhem alguns para fazerem parte da vida escolar, como é o caso da dança e do teatro, dando preferência a jogos que utilizassem o corpo, que remetessem ao movimento (ARIÈS, 1981).

Há ainda registros de lazer para as crianças através dos contos, que inicialmente era para adultos, passando depois também a estas. Boliche e críquete são citados como jogos que passaram dos adultos às crianças. Fantasiar-se, costume de bailes da boa sociedade, torna-se mais rara entre essa classe a partir do século XVIII, chegando as crianças, que até hoje “se fantasiam para brincar” (ARIÈS, 1981, p. 124).

Partimos de um estado social em que os mesmos jogos e brincadeiras eram comuns a todas as idades e a todas as classes. O fenômeno que se deve sublinhar é o abandono desses jogos pelos adultos das classes sociais superiores e, simultaneamente, sua sobrevivência entre o povo e as crianças dessas classes dominantes (ARIÈS, 1981, p. 124).

É interessante situar que só pensamos nossa infância após sermos adultos e as lembranças situam-se num contexto que certamente não corresponde à realidade, mas às lembranças que carregamos dos momentos vividos enquanto crianças. Daí a importância de recorrermos a registros, os mais variados.

Como estamos falando sobre lazer e infância, situamos os brinquedos, rapidamente. Walter Benjamin (2002) situa-os, para todos os povos, como provenientes da produção doméstica, tendo sido criados a partir das atividades desenvolvidas no labor, a partir dos materiais com os quais se fabricava os

utensílios de trabalho. Ainda de acordo com Benjamin (2002), alguns brinquedos estavam ligados ao afastamento dos espíritos, como o chocalho.

Num percurso lento e longo, chegamos à contemporaneidade, onde vai se desenhando um lugar especial para as crianças.

Canção da infância – Peter Handke

Criança,  
Quando a criança era criança  
Andava balançando os braços,  
Queria que o riacho fosse um rio,  
que o rio fosse uma torrente  
e que essa poça fosse o mar.

Quando a criança era criança,  
não sabia que era criança,  
tudo lhe parecia ter alma,  
e todas as almas eram uma.

Quando a criança era criança, não tinha opinião a respeito de nada,  
não tinha nenhum costume,  
sentava-se sempre de pernas cruzadas,  
saía correndo,  
tinha um redemoinho no cabelo  
e não fazia poses na hora da fotografia<sup>7</sup>.

O autor Peter Handke, ao escrever o poema no passado, leva-nos a questionar se a criança da qual trata os versos seria uma criança que não existe mais, assim como a criança da modernidade não é mais a criança que apareceu após a Idade Média, quando do surgimento do sentimento de infância.

A criança da modernidade muda completamente de lugar em relação à criança da idade Média. O lugar da infância encontra espaço e alarga-se, despertando estudos e pesquisas específicas. A criança da era moderna brinca de outra maneira, veste-se com roupas produzidas por uma indústria pulsante em produtos voltados para esse público, desfruta de brinquedos que praticamente brincam sozinhos, especialmente com o advento da tecnologia e vive a escola como espaço de socialização e aprendizagem para a vida de trabalho, que agora acontece num futuro, a partir da idade jovem ou adulta – pelo menos para a maioria – diferentemente das crianças da era medieval, cujo lugar da infância estava atrelado ao dia a dia dos adultos, na realização do trabalho conjunto, em atividades de lazer e no convívio social.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://lunetas.com.br/poemas-sobre-infancia/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

Com a chegada da indústria, a inserção do capitalismo, a ascensão da burguesia e do proletariado, mudanças sociais importantes aconteceram, atingindo em cheio a vida infantil, provocando mudanças significativas, levando os pequenos a ocupar um novo lugar, um lugar especial, singular, de protagonismo, dentro do sistema familiar e do sistema social.

Diferentemente da época da Idade Média, onde a criança era vista como miniatura do adulto, de acordo com Levin (2007), na era moderna, a infância tem um lugar bem diferenciado em relação aos adultos, arrastando a demanda do mercado, tanto no aspecto cultural como socioeconômico, numa questão dicotômica entre generalização e especialização, ao mesmo tempo, dando um status a esta fase da vida, agora instituída.

O nascimento de um filho é algo bastante simbólico numa família moderna. O ideal do filho persegue os pais, envolve o desejo, a espera e as expectativas em relação a esse ser que chega e que ocupará um lugar no seio dessa célula.

O lugar ocupado por muitas crianças no imaginário de seus pais, na modernidade, carrega tanto o peso de realizar grandes feitos, como também carrega a falta de espaço para a liberdade de realizar seus próprios desejos. Rubem Alves (1995) relata em uma de suas histórias, que numa propaganda no ano da criança deficiente (assim está cunhado o termo pelo autor), falava-se sobre educar aquelas crianças para serem úteis à sociedade. Mas que ele nunca tinha ouvido alguém dizer: “O que a gente deseja mesmo é que as crianças estejam se divertindo e possam vir a ser um pouquinho mais felizes [...]” (ALVES, 1995, p. 152).

As brincadeiras na modernidade passaram a ocupar o lugar de dar conta da preparação das crianças para o futuro. Se a infância é essa fase da preparação para o futuro, devemos concordar com Rubem Alves (1995) quando ele diz que a criança é um ser inútil. Podemos pensar que se o processo de brincar é usado como suporte para aprendizagem, ele acaba perdendo um tanto da naturalidade que devia acompanhar a brincadeira.

Se, na Idade Média, o jogo era considerado assunto “não sério” (KISHIMOTO, 2017, p. 62), na contemporaneidade ele adquire seriedade e intencionalidade para preparar o futuro. Mas, a criança vive a lógica do *Agora eu era*, aludindo a um tempo ilógico, um tempo que se instala na imaginação. Por isso, é preocupante ver, na brincadeira, a imaginação e a simbolização serem substituídos por objetos e projetos

que se antecipam à oportunidade que ela pode ter de simplesmente viver os momentos da brincadeira com liberdade, de divertir-se.

Se na infância o brincar é algo essencial, indiscutivelmente – brincar através da colocação do corpo em cena, brincar em movimento corporal – embrenhemo-nos numa inserção do lazer junto às questões discutidas até aqui, pois se a infância é tempo essencial do brincar, colocando o corpo no jogo, o fenômeno do lazer se faz presente como parte dessa discussão. Para Marcellino (2001, p. 52):

Entre as crianças, que teoricamente deveriam dispor de muito tempo para o lazer, afetado unicamente pela obrigatoriedade do trabalho escolar, a situação real é desestimulante, não apenas entre famílias de classe baixa, mas também entre as pertencentes às classes média e alta. Procurando afastá-las do perigo das ruas, os pais as limitam ao espaço de casa ou apartamento, onde passam a formar um público cativo da televisão, que além dos desenhos animados, de discutível qualidade, quase nada lhes dirige especificamente, levando em conta suas características enquanto faixa etária. Falta espaço, motivação e orientação para brincadeiras grupais e práticas criativas. Os folguedos tradicionais são substituídos por brinquedos sofisticados, quando há dinheiro para o consumo, com os quais se deve ter o máximo cuidado, pois quebram com facilidade.

O autor ainda ressalta a ideia recorrente no senso comum sobre a “esperteza” das crianças de hoje, pontuando que não quer julgar essa ideia nem tão pouco condenar os veículos de comunicação de massa, mas que vale questionar a tristeza e a palidez da infância dos dias atuais, mesmo com a dita esperteza anunciada.

Muito se encontra sobre o lazer relacionado com a infância devido à ideia preconcebida de que o lazer está atrelado à essa fase da vida, como inerente a ela, mas basta um olhar mais aprofundado, ou apenas um olhar com mais criticidade para vermos que não é bem assim. Marcellino (2001, p. 52) aborda esse aspecto a partir da ideia de que a criança, em nossa sociedade – pragmática e utilitarista – é vista “como um adulto em potencial”, vivendo a infância não como uma fase, mas geralmente como uma preparação para o futuro. Daí, as atividades que seriam de lazer acabam rondando a tal preparação para o que virá.

As atividades perdem então esse sentido do lazer, de vivenciar o tempo “livre”, para se tornar atividades preparatórias. Elas perdem o verdadeiro sentido de “aproveitar o que está sendo” para adquirirem as habilidades que precisará no futuro. Algo importante fica perdido aí, pois o interesse acaba se esvaindo e o tempo de viver o lazer efetivo fica limitado ao que ainda há de vir. O “agora eu era”, tempo

não lógico que só a infância pode proporcionar é assim desperdiçado, massacrado por um real que impõe e não supõe a infância como ela deveria ser.

Para Marcellino (2001, p. 53), ainda um olhar para o lazer das crianças de baixa renda vale a pena ser lançado: esse autor pontua que essas crianças desconhecem a palavra férias, pois seus pais não possuem meios para programar férias, muitas vezes as férias escolares não coincidem com as férias dos pais e ainda pontua o fato de muitos pais venderem suas férias, reduzindo assim o tempo que seria dedicado ao lazer.

Nesse sentido, apelamos ainda a Marcellino (1990) quando este cunha o termo “furto do lúdico”, sendo aí obturado da infância os momentos de jogo, do brinquedo, da festa, dando lugar ao consumo, propagado pela sociedade burguesa, onde a cultura foi instrumentalizada, dando destaque apenas ao aspecto produtivo, desconhecendo as crianças como produtoras de cultura. Elas consomem o que é fabricado para elas, não por elas.

Apesar do contexto aparentemente desalentador, enxergamos possibilidades para que as crianças possam viver o tempo da infância. Por isso, buscamos apontar caminhos possíveis para a vivência dos momentos de lazer pelos pequenos, aliando o dizer corporal com a cultura, através de experiências que fazem parte do cotidiano destas, na vivência de sua cidade. A criança contemporânea, que ao longo da história conquistou lugar social, faz parte da fase da infância, fase especial da vida humana e precisa ocupar também lugar junto às demandas do lazer como direito social.

Enquanto o futuro não vem, pensemos no que temos em relação à infância na pós-modernidade. Não podemos prever o que virá porque esse aspecto do real é aquilo do que não damos conta. Diante disso, pensemos no que se anuncia, partindo do contexto em que nos encontramos. Temos hoje uma demanda de antecipação para a infância, num anseio que é próprio da contemporaneidade. As crianças são demandadas cada vez mais cedo: as brincadeiras devem ter uma utilidade, é necessário desenvolver alguma habilidade para o futuro, a imaginação e a fantasia encontram cada vez menos espaço. Concordamos com Huizinga (2000, p. 14):

A criança mostra, desde a mais tenra infância, um alto grau de imaginação. A criança representa alguma coisa diferente, ou mais bela, ou mais nobre, ou mais perigosa do que habitualmente é. Finge

ser um príncipe, um papai, uma bruxa malvada ou um tigre. A criança fica literalmente “transportada” de prazer, superando-se a si mesma a tal ponto que quase chega a acreditar que realmente é esta ou aquela coisa, sem, contudo, perder inteiramente o sentido da “realidade habitual”. Mais do que uma realidade falsa, sua representação é a realização de uma aparência, é “imaginação” no sentido original do termo.

Com relação às brincadeiras, também vivemos o tempo do anseio, onde a criança não precisa mais esperar para ver acontecer. Tudo acontece a tempo e a hora, e muitas vezes temos a sensação de que, ao invés da criança brincar com o brinquedo, é ele que brinca com ela. Ou de ao invés de criar uma brincadeira a partir de um objeto sem sentido, a brincadeira já vem pronta, preparada pelo mercado do capital. “Como novos cidadãos consumidores [...], foram incluídos – como se isso fosse uma grande conquista – em um novo lugar e valor social” onde brinquedos, jogos, viagens, festas, ou seja, produtos, são ofertados como cultura (DEBORTOLI, 2008, p. 81).

As famílias têm menos tempo para seus filhos, ocupadas e apressadas, terceirizando a educação e orientação das crianças, ao mesmo tempo que precisam buscar cada vez mais os especialistas da infância, pois as crianças hoje recebem diagnósticos como nunca: TDAH, autismo, transtorno de ansiedade, problemas de linguagem, de socialização. Ressaltamos que não é intenção desse escrito culpabilizar ninguém, mas trazer para a cena o contexto social da infância. Para isso, é necessário tratar das mudanças pelas quais ela passou ao longo do tempo.

A infância, como parte da humanidade, está em processo constante de mudanças, desde sempre. Mas, os desafios contemporâneos parecem sempre ocupar lugar central de maior importância para reflexão. Com este tempo, não seria diferente, este nosso período parece ser dos mais desafiadores de todos os tempos. O psicanalista Esteban Levin (2007, p. 11), pesquisador da infância, pontua:

O mundo e a cultura das crianças mudaram. As expectativas e exigências a que elas estão sujeitas multiplicaram-se. São outros os brinquedos que lhe são oferecidos, com os quais elas ocupam o tempo. As crianças da atualidade têm outro jeito de brincar, imaginar, sofrer, pensar e construir sua realidade infantil. As experiências e vivências infantis estruturaram-se e se desenvolvem de maneira diferente que em qualquer época. Hoje, o fascínio e a sedução exercidos pela imagem estão em posição central.

A criança dessa época vive a velocidade da sociedade da informação. Como o coelho de Alice<sup>8</sup>, vive atrasado para tantos compromissos, demandados pela vida moderna, como gente grande. No curta “A invenção da infância”<sup>9</sup>, de Liliana Sulzbach, podemos também ver as imposições dos tempos modernos para as crianças. No filme, a autora trata das atribuições da vida moderna impostas à criança que, independentemente da condição social, vive as mais variadas atribuições da sociedade moderna, como o acúmulo de tarefas a cumprir.

Para Debortoli et al (2008), o tempo das crianças transparece ser programado e previsível. Brincadeiras e jogos, ele pontua, não acontecem mais em espaços públicos, seja pela programação que precisa ser seguida, seja pela insegurança, pelo perigo, ficando estas atividades, para determinadas crianças, a cargo de instituições. “A ideologia da saúde parece se sobrepor ao prazer nas atividades físicas tidas hoje, como item essencial da vida do homem moderno e bem-sucedido” (DEBORTOLI et al, 2008, p. 29). Brincadeira deixou de ser natural, foi institucionalizada também.

O volume de informações e de imagens oferecidas às crianças dá a estas um lugar semelhante ao dos adultos, onde são expostas a todo tipo de propaganda de produtos que contribuem para estabelecimento de um padrão ao qual precisam responder. Recorremos mais uma vez a Levin (2007, p. 12), para pensar o lugar social que a criança ocupa na contemporaneidade<sup>10</sup>:

Os transtornos e sintomas das crianças manifestam-se com intensidades nunca antes observadas, chegando por vezes a ser comparáveis aos casos dos adultos: distúrbios na alimentação, na aprendizagem, na atividade escolar, no desenvolvimento psicomotor, na linguagem, na estruturação subjetiva, além de sintomas de depressão, agressão, insônia, tédio, dependências, estresse, abulia, superexcitação, fadiga, inibição, constantes consultas e preocupações, tanto no âmbito clínico quanto no educativo.

O quadro pintado por Levin (2007) certamente merece atenção. O mundo dos brinquedos também vive duas faces de uma mesma moeda: ao mesmo tempo em que oferta um número sem fim de opções, bem como o acesso aos brinquedos fabricados em série pela indústria, vive um esvaziamento do mundo imaginativo e

---

<sup>8</sup> Alice no país das maravilhas – Lewis Carrol. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0B-eg6n\\_xOlehakxyaXZaZW5OLTg/view](https://drive.google.com/file/d/0B-eg6n_xOlehakxyaXZaZW5OLTg/view)>.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c0L82N1C7AQ>>.

<sup>10</sup> De acordo com Agamben, é uma relação singular com o próprio tempo, que adere a este e ao mesmo tempo toma distância.

simbolizado, importantes elementos na constituição do sujeito, assim como a oferta não é para todos.

O lazer, permeado pela tecnologia, sofre a invasão dos tablets, smartphones e computadores de última geração, alçados à categoria do que se usa para brincar, provocando dúvidas quanto aos efeitos que pode produzir no corpo e na mente dos pequenos. Já vemos pesquisas que tratam do assunto. Em uma delas, da pesquisadora Joseilda Sampaio de Souza, da UFBA, o brincar com tecnologias móveis é colocado como mais uma possibilidade de vivenciar a brincadeira, numa nova perspectiva desse brincar. “Vivenciar essas práticas significa dizer que novos hábitos são construídos, novos termos, pautas e ritos estão sendo incorporados às suas atividades lúdicas, de modo que cada vez mais estejam inseridos nas dinâmicas da cultura digital” (SOUZA, 2019, p. 400).

É sabido que a tecnologia foi incorporada à vida humana, assim também na vida infantil. É sabido que não podemos desconsiderar isso, mas também não podemos deixar de pensar que a infância é tempo de viver as experiências com sentido, o que para as crianças acontece na passagem da colocação do corpo em cena, pois é o corpo infantil que faz a interação entre a experiência vivida e o sentido dado a ela.

Um dos perigos que se apresentam é que o uso indiscriminado da tela consuma o elemento infantil – distorcendo a experiência corporal –, fazendo com que ele exista apenas na televisão, nos computadores, nos videogames, na roupa da moda, nos alimentos congelados, na inteligência artificial, na aprendizagem eficaz, e na infinidade de imagens, objetos e propostas que o mundo da gente grande prepara para a gente miúda (LEVIN, 2007, p. 15).

É sabido que a interação com seus pares favorece a construção de elementos para a constituição de sujeito na criança. Gomes e Gouvea (2008, p. 56), vão sinalizar:

No exercício de uma sociabilidade centrada nos grupos de pares, a criança busca significar a ordem social adulta, por meio do brincar, experimentando relações de dominação, autoridade, transgressão, no que Corsaro e Miller definem como reprodução interpretativa da cultura adulta. Nas brincadeiras coletivas, vivenciam-se conflitos, atos de solidariedade, amizade e rompimento, numa dramaticidade que teatraliza o que observa no mundo adulto. É na rua que tais jogos tornam possível o convívio com o Outro, as demais crianças que se encontram e confrontam no brincar.

Esse exercício não é possível diante da tela. Junto a seus pares, a criança constrói e reconstrói o exercício de vida, onde brincar com outras crianças é a oportunidade do exercício para levantar os pilares de sua estruturação psíquica.

O fato é que, diante do panorama apresentado, resta-nos perguntar, para refletir: e agora? É inegável que a infância é uma fase da vida humana, “por isso as ações das crianças não constituem parte de uma cultura isolada”, requerendo muita atenção. Ao longo do tempo viveu sob o olhar de cada época, diferentemente. Hoje, ela vive a complexidade da era moderna, desde quando, antes do sujeito ser criança, ele é humano, estando sujeito aos dilemas do mundo moderno.

O mal-estar observado no contexto infantil contemporâneo decorre da problemática contemporânea, onde se exige a felicidade a qualquer custo. O mito da felicidade atinge em cheio a criança, talvez porque essa carregue o estigma de que é sempre feliz, sendo a infância vendida como a fase onde ser feliz é regra. E as crianças sofrem por não poderem corresponder a essa idealização, uma vez que elas vivem as angústias e os sofrimentos, mostrados em seus problemas. Para Levin (2007, p. 157),

[...] as crianças representam seus problemas, quando lhes é permitido, dramatizando sua angústia num espaço de ficção. Por isso, ao desacelerarem o tempo elas encenam, brincam, representando – por exemplo – o nascimento, a morte, a violência, a paz, a guerra, serem “gente grande” (pais) e voltar a ser bebês (filhos), entre outras muitas ideias que lhes ocorrem.

Diante desse fato, vemos que a infância, apesar de ter se constituído como uma fase especial da vida, é parte desta, por isso não pode ser dissociada da vida humana e da sua complexidade, conseqüentemente. Assim, em algum ponto, as crianças contemporâneas, assim como as da Idade Média, vivem como miniaturas dos adultos: afazeres, horários, tarefas a cumprir, necessidade de ficar à frente das telas planas, necessidade de consumir determinadas mercadorias, determinados serviços, numa rotina diária típica dos adultos.

O “ficar à toa”, tido como preguiça para adultos, mas não para crianças, ficou para trás. Hoje, elas também não devem ficar “sem fazer nada”. Para as crianças de famílias abastadas, uma rotina de atividades sociais, para as menos favorecidas, o ritmo do trabalho. Observa-se assim que a infância, atualmente, está constituída por muitas faces, desafiando-nos a pensar as crianças por uma nova ótica, como sujeito

que participa do contexto social, ocupando lugar e estabelecendo relações. De acordo com Resende e Debortoli (2007, p. 5):

[...] percebemos em um contemporâneo que se aparenta, cada vez mais globalizado, que as crianças estão, paradoxalmente, extremamente solitárias. Algumas têm seus pais ocupados unicamente com as próprias vidas, preocupados em ganhar dinheiro, outras experimentam duras relações e condições de sobrevivência em suas famílias, muitas habitam brutalmente as ruas construindo sozinhas suas próprias relações e princípios éticos. Tais questões precisam ser aprofundadas para que novas compreensões da vida e das relações das crianças com seus pares, com os adultos, com as cidades, com a temporalidade e a espacialidade contemporânea possam ser produzidas.

Criança superprotegida, criança em situação de risco, crianças que têm tudo, crianças que não têm nada!

Faz-se necessário, portanto, compreender o contexto da infância contemporânea, voltando o olhar tanto para o passado como para o que virá, caminhando pela trajetória percorrida por ela, em sua construção, esta uma construção social, desde sua criação pela humanidade. As novas construções pautadas no regulamento e no consumo, feitas na contemporaneidade para a infância, exigem que se tente compreender as novas subjetividades construídas nas crianças. Já sabemos que para a infância é essencial viver o tempo da brincadeira, do lúdico, tempo do lazer, corroborando com Levin (2007, p. 160), onde ele assertivamente, afirma:

Para as crianças, brincar é certamente imaginar, evocar e pensar. Nunca é uma banalidade, mas sim um ato estrutural que cria a experiência infantil originária, aquela que suscita mais questionamentos no mundo contemporâneo. Não se trata de recordar a infância, mas de manter vivo, após o esquecimento, o saber infantil que deixou em nós o germe do que virá. Sem ele, a infância, como tal, não teria sentido.

Divertir-se, entreter-se, estar com seus pares em momentos lúdicos, onde não se busque instrumentalizá-lo para o futuro, viver as experiências do brincar, do tempo de lazer, porque criança leva a sério o tempo da brincadeira. Leiro (2006, p. 50) aponta que:

Ao longo do tempo muitas experiências de lazer foram desenvolvidas. Trata-se de lazeres que implicam em obrigações repousantes, recre(cri)ativas e informativas, que envolvem distintas categorias socioprofissionais e relações etárias, étnicas e de gênero.

Essas obrigações repousantes, destacadamente aqui nas relações etárias, atingem em cheio o universo infantil. Oportunizar experiências de lazer na infância é permitir que ela experimente a prática de atividades através das quais possa elaborar sua existência e constituir-se como sujeito.

Winnicott (1975, p. 70), assegura que “o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia.” Ou seja, brincar é estruturante!

Apesar do contexto complexo, carregamos a esperança de que a infância possa ser sempre essa fase da vida em que a construção subjetiva, aí estabelecida, possa reverberar na vida adulta, onde a criança que o adulto foi possa dar a ele a mão, sempre que necessário, para que não se perca a essência do humano, assentada na infância.

A infância, seja antes, agora ou depois, será sempre o começo e o recomeço. Todo mundo foi criança um dia e a cada dia novas crianças surgem, sinalizando que cada tempo tem sua própria forma de fazer a infância acontecer. Por isso, o olhar para essa fase da vida – onde a vida começa – deve estar sempre atento para o que ela quer sinalizar a cada era.

Sarmiento (2009, p. 19) aponta um paradoxo na abordagem sociológica da infância, acentuando que, apesar do desenvolvimento de políticas para a infância, dos avanços em relação a transformações sociais, proteção da criança, a Sociologia ainda deixa muito a desejar quanto à atenção para essa categoria geracional como componente da teia social. Ele acentua, a partir de Qvortup, que “a infância parece ser confinada no imaginário coletivo aos “pequenos mundos”, ficando restrita a áreas como a psicologia, antropologia e ciências da educação, não passando pela economia ou geografia, por exemplo.

Sarmiento (2009) salienta o lugar destinado às crianças ao longo da história como subalternos em relação aos adultos. Isso lembra uma velha expressão dos mais velhos, onde se ouvia: “menino e cachorro, fora!”.

As razões sociais residem na subalternidade da infância relativamente ao mundo dos adultos; com efeito, as crianças, durante séculos, foram representadas prioritariamente como “homúnculos”, seres humanos miniaturizados que só valia a pena estudar e cuidar pela sua incompletude e imperfeição. Estes atores sociais “em trânsito” para a vida adulta, foram, deste modo, analisados prioritariamente como objeto do cuidado dos adultos. A precocidade

do estudo das crianças pela medicina, pela psicologia e pela pedagogia encontra aqui as suas razões de ser: as crianças eram consideradas, antes de mais, como o destinatário do trabalho dos adultos e o seu estudo só era considerado enquanto alvo do tratamento, da orientação ou da ação pedagógica dos mais velhos. Esta imagem dominante da infância remete as crianças para um estatuto pré-social: as crianças são “invisíveis” porque não são consideradas como seres sociais de pleno direito. Não existem porque não estão lá: no discurso social (SARMENTO, 2009, p. 19).

A partir da sinalização de Sarmento, vemos o paradoxo construído: ao mesmo tempo que aparenta ocupar lugar especial no seio familiar, para alguns, não encontra lugar no social porque não exerce lugar conhecido como lugar de cidadão. A criança fica então num entre-lugar (SARMENTO, 2004): é, mas não é; está, mas não está. Está cercada de aparente proteção, mas exposta de diversas formas. Uma delas refere-se à exposição excessiva aos efeitos ditos modernos: violência, exposição, exploração, propaganda, consumo. Debortoli (2008) sinaliza que “a cultura e a civilização moderna [...] vislumbraram uma infância abstrata e atemporal, [...] ponto de partida de um futuro idealizado”. Mas, é necessário um olhar para a criança concreta, real, na verdade, crianças, pois temos contextos de infância muito diversos, mas todas expostas de alguma maneira.

Para Levin (2007, p. 143), “a cultura contemporânea não destrói o elemento infantil, mas afeta-o e condiciona porque cria outro universo imaginário”. Ele continua pontuando que o corpo infantil está sempre em evidência: “Elas [as crianças] põem em cena um verdadeiro desfrute corporal”. Ao concorrer com a tela “aparece outro desfrute, mudo no tato, visível no olhar, escuro no sabor, insípido no odor, imóvel no espaço”. Ele chama isso de “desfrute da imagem”. Mas, o desfrute corporal, da criatividade, do gesto, do olhar, do movimento cria sentido e dá sentido ao que a criança produz.

É esse desfrute corporal que faz efeito em cadeia para, futuramente, se manifestar novamente, na idade adulta. É esse desfrute corporal que o lazer pode proporcionar. Oportunizar esse desfrute do corpo amplia as possibilidades para que a criança possa viver os desafios futuros, pois aprende, através do jogo do corpo, a simbolizar o que vive. Debortoli (2008, p. 80) cutuca essa ideia lembrando-nos que na construção da história algo da novidade sempre emerge e que “de dentro da história é que se pode reconstruir as regras, [...], recriar o mundo com pinturas, esculturas, festas, brincadeiras etc., ressignificar o humano como artistas e artesãos

de um mundo e histórias que nos enredam.” É buscar novas possibilidades em “pedaços” da cidade.

Buscando nos quatro cantos da cidade, eis que a capoeira se insinua como esse “pedaço”<sup>11</sup> da cidade soteropolitana onde a criança pode viver um desfrute corporal cujo significado está para além de uma prática corporal. Embebida de cultura, a capoeira, praticada num tempo “livre”, fora do tempo das obrigações, apresenta-se como atividade física, no âmbito da busca por prática física para as crianças, mas ela alcança um lugar e avança para um tempo em que pequenos e pequenas podem envolver-se num universo próprio da prática de lazer. A capoeira se apresenta como oportunidade de vivência do lazer, abarcando aspectos valorosos para a infância contemporânea: alia corpo, cultura, música, troca social, ancestralidade, num jogo que entrelaça esse corpo com infância e lazer, no cenário onde essa capoeira se fez marca da identidade baiana, marca da *baianidade*.

---

<sup>11</sup> Termo cunhado por Magnani. O referido autor relata que, no contato com artistas circenses eles comentavam que em cada novo lugar que chegavam buscavam manter contato com os moradores da localidade, assegurando uma permanência tranquila, determinavam uma rede de relações bem como um grau de pertencimento, construindo fronteiras que eles denominavam como “pedaço”. Este termo, então, se estendeu a outras situações, caracterizando “um tipo particular de sociabilidade e apropriação do espaço urbano.” Pedaço seria, assim, o espaço que fica entre a rua e a casa, entre o público e o privado. Aqui, me aproprio desse termo para tratar do espaço ocupado pela capoeira na vida da criança soteropolitana, onde ela pode usufruir dessa prática que fica entre a rua e a academia, entre ter sido criminalizada e ser chamada de “esporte brasileiro”, que fica entre prática ancestral e ao mesmo tempo tão atual. Capoeira que assim como a infância, viveu e ainda vive num *entre-lugar*.

### 3 A CAPOEIRA NA CONSTRUÇÃO DA BAIANIDADE

A infância, o brincar e toda a ludicidade envolvida no mundo dos pequenos e pequenas, após formar a roda onde circulam tantas reflexões, convida a capoeira para darem giros nesta roda, aportando na capital baiana, marcada pela cultura africana, destacando-se aqui essa prática ancestral como marca identitária da cidade do Salvador. No capítulo que segue, vamos buscar os sinais que fazem da capoeira elemento marcante, tatuado na história e no cotidiano desta cidade e do seu entorno. A capoeira, perseguida, marginalizada, resiste, através do povo que se identifica com ela, mas que vai além: deixa sua marca, começando no cais do porto, pelas ruas, nas praças, em monumentos espalhados por locais diversos, em leis, mas especialmente, no que a primeira capital do Brasil tem de mais bonito, seu povo. Ao passar pela cidade, é inevitável não notar a baianidade construída ali, através do dendê que espalha seu cheiro, das vestes brancas, dos turbantes, dos cabelos trançados, assim como das rodas, as rodas de capoeira.

As cidades brasileiras guardam particularidades; cada uma delas carrega elementos que as caracterizam, revelando a essência do povo daquele lugar, da sua história, traduzida em festas, indumentárias, culinária, práticas corporais. Um passeio pelas ruas de Salvador, especialmente na sua parte mais antiga, oportuniza ao andante o encontro com vários símbolos alusivos à capoeira. Paredes pintadas com pessoas na prática da arte/luta, faces de seus atores mais ilustres, telefones públicos em formato de berimbaus são alguns exemplos do amálgama que se formou entre a capoeira e a construção da identidade do Estado, entre capoeira e a capital do Estado da Bahia.

Essas cenas, aparentemente comuns em muitos dos seus cantos, está recheada de significados, trazendo em seu bojo toda uma trajetória de lutas, de resistência, união, partilha, inclinações e também interesses. Para entender o que representa este elemento da cultura brasileira desenvolvido na Bahia, é necessário fazer um passeio pela história da capoeira, aqui especialmente a história desta em Salvador, o que se desdobra em passear pela história da cultura afro-brasileira, solo que a germinou.

Tratar da temática da capoeira exige um imbricamento entre cultura, identidade, resistência e mobilização. Para Santos (2007, p. 63), “resistir é, ao mesmo tempo, o resultado da ação de opor-se a algo, mas, também o conjunto de

estratégias utilizadas para defender uma posição, um lugar ou um conjunto de práticas culturais”. A africanidade, marca da cultura baiana, identifica esse povo como herdeiro do legado que foi trazido de África e ressignificado aqui, adquirindo características próprias, num movimento de resistência à cultura imposta, onde através de “jogo de cintura”, esquivou-se de reproduzir a cultura dominante. Nesse movimento, assegurou elementos que hoje dão cara e corpo ao que se conhece como cultura da Bahia. Entrelaçando a capoeira com cultura e identidade, temos aí uma roda onde circulam valores, sentidos, história, tensões, socialização.

Para Denys Cucho (2002, p. 175), “atualmente, as grandes interrogações sobre a identidade remetem frequentemente à questão da cultura. Há o desejo de ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos. Veem-se as crises culturais como crises de identidade”. A partir disto, podemos pensar que a identidade diz respeito à marca, ao que identifica e define algo ou alguém. São as características que definem um grupo e o identifica como singular, que o distingue de outros. Cucho (2002) faz a ligação entre identidade e cultura, pois seria então a cultura que faz a marca como identidade em cada situação analisada.

Para Woodward (2014, p.17): “Na arena global, por exemplo, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas.” Assim, temos a identidade relacionada com nações, com a identificação do povo de determinado país. E, dentro de cada país, de cada região, identidades mais particulares, relacionadas a grupos mais específicos, dentre eles, a identidade relacionada a grupos étnicos. Interessa-nos aqui o recorte para esses grupos, especificamente o grupo de negros, originários da África, trazidos para o Brasil como escravos, e mais particularmente, os que vieram para a Bahia, disseminando sua cultura e sua arte, formando a identidade do solo onde se radicou.

Num percurso pelo processo de formação da identidade, dentre as cidades brasileiras, destacamos a cidade de Salvador, berço do nascimento do Brasil, com características bastante singulares, nomeadas como baianidade<sup>12</sup>. A baianidade assenta-se em elementos diversos, amparados no cotidiano do povo baiano, notadamente em sua capital e entorno. De acordo com Mariano (2019), em sua obra *A invenção da baianidade*, Salvador viveu dois períodos nessa construção da

---

<sup>12</sup> Disponível em: <file:///C:/Users/Evandro/Desktop/Neinha/a-invencao-baianidade\_repositorio%20(1).pdf ->. Acesso em: 16 mar. 2021.

baianidade: um primeiro, pautado pelo jeitinho baiano, o dengo, o modo de vestir, a corporeidade, a destreza física, outro onde a abordagem é da festa, da alegria.

Em comemoração aos 469 anos da cidade, o programa Mosaico Baiano<sup>13</sup> fez homenagem à cidade, perguntando: “o que é ser soteropolitano?” Para responder à pergunta, foram entrevistados, dentre outros, a deusa do ébano do Ilê, uma baiana de acarajé e um mestre de capoeira. Eles exaltaram a música, o ritmo, mas principalmente o jeito de ser baiano. Segundo Coelho, a paisagem de Salvador é seu povo. Pensando nessa identidade soteropolitana, identificamos elementos que estão diretamente relacionados a ela: a comida – acarajé, vatapá, caruru, a figura da baiana; fitinhas do Senhor do Bonfim, além da capoeira.

Essa identidade cultural soteropolitana, marcadamente assentada na cultura africana, é um atrativo para turistas que visitam a cidade, bem como um atrativo para que as pessoas venham à capital conhecer o centro de origem da capoeira no Brasil. A cultura negra soteropolitana assume lugar oficial com o lançamento de plano de ação da prefeitura municipal, realizado no final de novembro do ano 2019 onde, segundo o prefeito, “a iniciativa é resultado de um trabalho de pesquisa que durou nove meses e envolveu 658 pessoas. Baianas de acarajé, capoeiristas, turbanteiras, trançadeiras, representantes de blocos afro, artistas griôs, agências de operadoras de turismo, além de empresários e até estilistas”<sup>14</sup>. Além dessa ação, no site do Ministério do Turismo, encontramos mais informações que colocam a capoeira no patamar de manifestação cultural, marcadamente na Bahia:

Ela é uma expressão cultural genuína do Brasil que surgiu como resistência à escravidão – mas de tão valiosa, conquistou o título de patrimônio imaterial da humanidade. Ao misturar arte marcial, esporte e música popular, a capoeira conquistou – e ainda conquista - brasileiros e estrangeiros, sendo reconhecida no país e no exterior. Apenas o Forte da Capoeira, na Bahia, no centro histórico de Salvador, registrou um aumento de 282% na visitação nos últimos três anos. O local, que atraía quase 800 pessoas em 2011, chegou a 2.255 no ano passado. A demanda extra pela capoeira pode ser explicada por alguns fatores, entre eles, um esforço para divulgá-la em eventos nacionais e internacionais. Foram 26 eventos internacionais de capoeira realizados na Bahia no ano passado, de acordo com o Escritório Internacional da Capoeira, instituição que tem por objetivo fomentar e difundir a capoeira da Bahia.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Mosaico-Baiano/noticia/soteropolitanos-homenageiam-a-cidade-em-seus-469-anos.ghtml>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/plano-de-acao-do-turismo-etnico-afro-quer-salvador-como-destino-mais-afro-do-mundo/>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

Entendendo a construção de identidades como um processo de atribuição de significados a determinados sujeitos, interessa-nos compreender: como a capoeira participa do processo social da construção identitária da cidade de Salvador? A fim de respondê-la, o objetivo proposto aqui é analisar o entrelaçamento entre capoeira e identidade baiana. Uma vez que as identidades são construídas, é necessário que elas estejam ancoradas materialmente para possamos fazer nossa interpretação. Para tanto, nos atentamos à presença da capoeira na cidade, tomando como fontes para este momento a sua presença na legislação que orienta o ensino nas escolas e na geografia da cidade através dos nomes de suas ruas, praças, do seu espaço.

Na legislação educacional, podemos citar a lei 10.639/2003<sup>15</sup>:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (Artigo 26-A).

Em Salvador, especificamente, a lei 9.072/2016<sup>16</sup>, reconhece a capoeira como um dos símbolos da capital baiana, permitindo o estabelecimento de parcerias para o ensino da arte/luta em todos os estabelecimentos de ensino públicos ou particulares do município.

De acordo com a lei, fica reconhecido o caráter educacional e formativo da capoeira em suas manifestações culturais, esportivas e como elemento formador da identidade soteropolitana. Os estabelecimentos de ensino municipais, públicos e privados, poderão celebrar parcerias com associações, federações ou outras entidades que representem e congreguem mestres e demais profissionais de capoeira.

Além disso, o ensino da capoeira poderá ser integrado à proposta pedagógica das escolas, nos termos da Lei nº 4.013/1989, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos e fortalecer a identidade local. Para o exercício da atividade prevista na lei, não se

---

<sup>15</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 26 abr. 2021.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/2016/908/9072/lei-ordinaria-n-9072-2016-dispoe-sobre-o-reconhecimento-da-capoeira-como-expressao-cultural-e-esportiva-de-carater-educacional-e-formativo-e-permite-o-estabelecimento-de-parcerias-para-o-seu-ensino-nos-estabelecimentos-de-ensino-municipais-publicos-ou-privados?q=9072+2016>>. Acesso em 05 set. 2021.

exigirá do profissional de capoeira a filiação a conselhos profissionais ou a federações ou confederações esportivas.

A legislação citada logo acima garante a previsão da inserção da capoeira integrada à Proposta Pedagógica no currículo das escolas. Explicita a justificativa deste conteúdo em função da sua relação com a formação e o fortalecimento da identidade da cidade. Chama atenção o modo e quem realizará este ensino: através de parcerias celebradas entre instituições de ensino de capoeira representadas por membros destas instituições.

Sendo as escolas os lugares institucionalizados para legar o patrimônio humano considerado cultural, ela demanda o ensino da capoeira entre os saberes promovidos por ela, sobretudo, no caso, da capoeira, um conteúdo de tamanho significado. A questão que se coloca é: como se dará este ensino? O que será ensinado a cada novo ano que inicia um ano escolar? Ainda em tramitação, temos o projeto de Lei Moa do Katendê<sup>17</sup> nº 23.281/2019, “que dispõe sobre a Salvaguarda e Incentivo da Capoeira no Estado e tem como um dos objetivos incentivar o Estado, os municípios e a rede privada de educação a implementarem programas de capoeira no ensino.” Ressalte-se que uma imagem do Mestre Moa do Katendê foi colocada no Dique do Tororó, local onde viveu o Mestre e um dos cartões postais de Salvador.

Logradouros, nomes de praças, monumentos também são acionados para essa ancoragem. Dias (2004) chama atenção para áreas históricas de conflitos onde a presença marcante da capoeira e dos capoeiras eram notórias. Lugares como: Sé, São Pedro, Vitória, Santana, Nazaré, Rua do Paço, Santo Antônio, Brotas, Conceição da Praia, Pilar, Mares e Penha faziam parte da região urbana e Pirajá, Paripe, Aratu, Cotegipe, Matoim, Passe, Maré e Itapoan. Esses lugares citados por Dias (2004) até os dias de hoje são vistos como locais de importância da capoeira principalmente no centro histórico da cidade de Salvador, onde a capoeira assume o papel de anfitriã e recebe de braços abertos todos que vêm conhecer e visitar a cidade.

Mariano (2019) aborda determinadas localidades da capital baiana como ponto forte do comércio, porém, nessas mesmas localidades a capoeira tinha presença marcante, pois muitos dos trabalhadores informais que viviam do comércio e da estiva tinham a prática da capoeira como seu passatempo nas horas vagas.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://www.al.ba.gov.br/midia-center/noticias/37800>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Santos (2004) descreve as ocupações exercidas pelos capoeiras da época, reforçando ainda mais essa relação da capoeira com os locais de comércio, como chama atenção Mariano (2019).

Uma das formas de acessar esta relação identitária entre capoeira e cidade pode advir das canções tocadas nas suas rodas. Entre elas, destacamos a cantiga “Cartão Postal”, interpretada pelo Mestre Paulo dos Anjos, registrada em seu LP gravado em 1992 intitulado de “Mestre Paulo dos Anjos – Capoeira da Bahia” onde a letra descreve alguns bairros e monumentos da cidade tendo a capoeira o papel de anfitriã, caracterizando a sua inserção na geografia da cidade, e assim, contornando o olhar de Dias (2004) quando descreve acerca dos locais de conflitos envolvendo personagens da capoeira no início do século XX.

CARTÃO POSTAL  
Autor- Gato

Igreja do Bomfim  
Mercado Modelo  
Ladeira do Pelourinho  
E a Baixa do Sapateiro  
Fala na Cidade Alta eu me lembrei do Terreiro  
Igreja de São Francisco  
É a Praça da Sé  
Aonde fica as Baianas  
Vendendo acarajé  
Por falar em Itapoã  
Lagoa do Abaeté  
Camaradinha!  
Viva meu Deus!

De acordo com uma matéria publicada pelo Jornal A tarde no dia 29 de março de 2015<sup>18</sup>, Salvador é uma cidade heterogênea, diversa e multicultural e cada bairro transpira o seu universo cultural, tornando-a, assim, um verdadeiro celeiro plural e multicultural.

Dos estudos levantados sobre a manifestação da prática da capoeira em cada bairro da cidade de Salvador – BA encontramos 163 instituições, situadas nesses diversos bairros, de acordo com a distribuição geográfica da cidade. Quando nos referimos à cidade de Salvador, logo compreendemos que o coração e o pulmão da cidade realizam suas trocas culturais entre os bairros, ruas e avenidas e em cada ponto desse a capoeira está presente.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1670721-bairros-de-salvador-compoem-uma-cidade-plural-e-diversa>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

De acordo com essa distribuição geográfica, foram encontradas instituições de capoeira em inúmeros bairros da cidade, distribuídas da seguinte forma: da região do Centro ao bairro de Brotas, 38; no bairro de Valéria, 4; do bairro da Barra ao da Pituba, 26; do Cabula ao bairro Tancredo Neves, 16; do bairro de Itapuã a Ipitanga, 23; do subúrbio a Ilha encontramos 10 instituições de capoeira; no bairro de Cajazeira, 5; no bairro da liberdade e no bairro de São Caetano, 23; no bairro de Pau da Lima encontramos 8 e na Cidade Baixa, 10 instituições de capoeira. Para Serpa (2004, p. 22) o cotidiano e vida do bairro são processos dinâmicos que ganham conteúdos diversos à medida que mudam nas estratégias dos diferentes agentes que produzem esses espaços.

Quando Serpa (2004) menciona a relação das renovações acerca dos diferentes agentes que surgem em cada bairro, podemos compreender que essas lideranças são responsáveis por construir a relação de orgulho e pertencimento que cada morador levará consigo por onde quer que ande. Sendo assim, os bairros representam toda culturalidade que é expressada pelos seus habitantes. Em cada bairro mencionado, a capoeira, junto a outras manifestações culturais, realiza esse papel transformador sócio identitário, provocando em seus moradores uma sensação de orgulho e pertencimento.

Os Mestres de capoeira do passado, existentes em cada bairro de Salvador, foram personagens marcantes na construção desses valores de identidade cultural assumida por esses bairros, seus papéis desenvolvidos como construtores culturais lhes renderam algumas homenagens nas praças e ruas da cidade de Salvador-BA. Pensando a capoeira na cidade podemos citar algumas ruas e praças existentes nesses bairros que homenageiam os Mestres, contribuidores dessa identidade cultural. Em Amaralina, em frente ao quartel do exército, na Praça dos Jangadeiros, encontramos a Praça Mestre Bimba. Ainda dentro dessa região da “Barra a Pituba”, encontramos no bairro do Nordeste de Amaralina a Rua Mestre Bimba. Também nesta região, no Carnaval, tem o Circuito Mestre Bimba.

A presença do nome do Mestre Bimba no bairro que viveu boa parte da sua vida tem a ver com a lembrança do seu papel na ressignificação da capoeira na cidade, antes visto como reduto de vadios, vagabundos e malandros. Com a criação do seu método de ensino e a adesão de pessoas de diferentes classes sociais, Mestre Bimba “empreteceu” a alta sociedade baiana. Isso alterou de uma forma positiva o cenário cultural baiano (soteropolitano). O que antes era visto como uma

atividade marginal, passou a ser vista como algo legal e de complemento cultural, tendo a sua inserção em todo cenário territorial baiano (NENEL, 2018).

No bairro da Federação encontramos a Rua Mestre Pastinha. Na região da Liberdade e São Caetano não encontramos nenhum monumento ou rua que faça menção a algum mestre de capoeira que ali tenha vivido, porém, relatamos com sucesso a herança deixada no bairro da Liberdade pelo Mestre Waldemar da Paixão, mais conhecido como Waldemar da Liberdade, que muito contribuiu para a formação sociocultural do bairro com o seu Barracão de Capoeira.

Na região de Itapoã e Ipitanga destacamos o Centro Esportivo e Cultural Armindo Biriba que tem grande relevância no papel da formação cultural e na identidade do bairro. Na Cidade Baixa, o Mercado Modelo se destaca como local de grande referência e divulgação da capoeira, pois, além de ser um cartão postal da cidade, é também local de preservação cultural.

Na região de Brotas e Centro damos destaque ao Pelourinho, pois nesse bairro se concentra a grande herança da riqueza cultural baiana. Ainda dentro dessa região, também destacamos o Bairro de Santo Antônio onde está localizado o Forte da Capoeira, que assumiu o papel acolhedor de alguns grupos dessa região e é o seu principal polo de divulgação ao sediar eventos e abrigar bibliotecas para seu estudo. Essas regiões em destaque são exemplos da relevância para o caráter formador da sociedade e de grande destaque para a capoeira, porém, todas as regiões encontradas têm sua participação e dividem os mesmos holofotes na contribuição cultural formadora da cidade.

Assim como o Tango está para Buenos Aires, a prática corporal da capoeira se mistura com a identidade da cidade de Salvador. O que nos interessa são os mecanismos acionados para esta construção. Apesar de toda repressão, apesar de muitas tentativas de negação de um lugar para a capoeira, ela não só resistiu, como ao longo do tempo, passou a ocupar um lugar na história do Brasil e conquista espaços variados a cada dia, ressaltando seu lugar na cultura baiana e brasileira. O canto e a ginga ocuparam espaço, ganharam terreno e demarcaram o lugar da capoeira na cultura como marca da identidade baiana.

A capoeira sempre teve a sua base formativa na construção de identidade desde quando ela era praticada nas fazendas, nos engenhos, nas senzalas, no meio do mato durante a escravidão, no cais do porto, pelas ruas e ladeiras, esse ideal de construção e resgate identitário é fator marcante na capoeira e essa prática se

estende até os dias atuais, onde a capoeira busca nos ligar a ancestralidade do nosso povo e cultura fortalecendo assim a identidade atual dos seus praticantes.

No século XX, a cidade de Salvador passou a ser vista como a “Meca” da Capoeira, sendo esse título atribuído à cidade pelos seus praticantes e amantes da cultura da capoeira. Uma espécie de “lugar sagrado” que todo capoeira que se preze deve visitar. A relação de pertencimento da capoeira para com a sociedade baiana é algo notório em toda Salvador. Ensinada nas instituições de ensino, incrustada ao lazer da cidade, inserida no dialeto baiano de quem pratica ou não pratica, a capoeira está nos monumentos, nas festas populares, cantada em canções populares, ou seja, ela assume de forma tenaz o seu papel de pertencimento local.

A capoeira e a identidade baiana se entrelaçam de tal forma que os soteropolitanos, envolvidos nesse entrelaçamento, nem se dão conta do lugar que ela ocupa na construção da baianidade. O berimbau, o jogo de corpo, a roda, estão espalhados em cada canto da capital soteropolitana. Uma roda de capoeira pode ser vista nos mais variados espaços geográficos da cidade. Esse panorama de construção, realizado no tecido social, no cotidiano dos soteropolitanos, deixam a presença da capoeira quase passar despercebida.

Mas, essa pesquisa não pretende desnaturalizar esse lugar, atentando para que sua presença seja marcada, apertando o laço que une a capoeira ao processo social da construção da identidade da capital baiana. Aqui, apontamos algumas marcas da ancoragem entre a capoeira e a baianidade, certamente existem outras que não conseguimos encontrar, outras surgirão em outras buscas e assim seguimos, gingando na baianidade, marcada pela capoeira.

#### **4 NO COMPASSO DA PESQUISA, OUVIR O QUE AS CRIANÇAS TÊM A NOS DIZER**

No terreno da pesquisa, a infância encontra largo campo na área da Psicologia ao longo do século XX (SARMENTO; GOUVEA, 2009). Já para a Sociologia, à qual nos apegamos para este escrito, as crianças nunca estiveram ausentes, mas também não apareciam como categoria social, “até o último quartel do século XX, com um significativo incremento a partir do início da década de 90” (SARMENTO, 2009, p. 18).

Pesquisar não é tarefa fácil. Acrescente-se pesquisar a infância e temos aí um desafio gigante porque os saberes e falares da infância, ou seja, suas representações da vida social, estão longe de receberem atenção, especialmente das Ciências Sociais. De acordo com Faria, Demartini e Prado (2009, VII), “não se trata apenas de ouvi-las e amplificar a voz das crianças, mas, principalmente, o que fazer com tais informações e conteúdos, falares, saberes, tanto em termos acadêmicos como éticos e políticos.” O que nos parece importante mesmo é permitir que essa inserção da criança como cidadã seja posta em discussão, tanto nos trabalhos acadêmicos como na vida prática.

Pensando assim, encaramos o desafio de realizar a coleta de dados, ou seja, a escuta das crianças, de acordo com o que nos possibilitou o momento, através do auxílio dos mestres, extremamente disponíveis, muito receptivos, mas sempre com o cuidado de que a voz das crianças fosse a essência desse estudo. A pandemia foi pedra no caminho, mas não nos paralisou.

Precisamos destacar o fato relevante no desenvolvimento dessa pesquisa que foi a chegada do vírus Covid-19, justamente no momento em que se iniciariam as idas a campo. Isolados socialmente, vimos minguar a proposta de visitar grupos e fazer os registros e a escuta das crianças nos espaços destinados aos momentos destes com a capoeira, mas diante da “rasteira” tomada, seguimos o ritmo dos capoeiras e tentamos cair de pé; precisamos nos reinventar e buscar alternativas para o levantamento dos dados necessários possíveis.

Assim, trilhamos um caminho novo e pedregoso para que o trabalho pudesse se concretizar. Começamos fazendo contatos com pessoas do círculo da capoeira em Salvador e já de partida, no primeiro contato, recebemos resposta negativa, além de emprestar os ouvidos a um sermão sobre a pesquisa partir de pessoa branca,

sem envolvimento com a história da capoeira, sem engajamento com o círculo da capoeira, que estava cansado de ver isso acontecer, que iria pensar. Foi uma primeira investida sem sucesso e, após passado o susto inicial, partimos para outras tentativas.

A segunda foi bem-sucedida, o mestre foi extremamente receptivo e assim continuamos a fazer contatos, enquanto elaborávamos o plano de ação para que a coleta acontecesse porque, sem a presença das crianças, o Mestre precisaria entrar em contato com elas remotamente e mediar a coleta, a partir de nossa orientação. Ponderamos que questionários não serviriam, contação de história sem o contato físico poderia atrapalhar a coleta. Por fim decidimos elaborar vídeos, onde as orientações pudessem ficar mais claras e acessíveis, na busca de atingir a proposta que desse conta de responder à pergunta da pesquisa.

Com a ajuda de colegas praticantes da capoeira, conseguimos contato com mais três mestres, que se dispuseram a ajudar. Os vídeos foram elaborados, revisados e refeitos várias vezes, contando com apoio do grupo de orientandos que analisaram, sugeriram, pontuaram, até que chegamos a uma versão final, esta encaminhada para os Mestres com os quais havíamos feito contato, na qual figurava a pergunta a ser feita para as crianças: “o que é a capoeira para você?”.

Um dos mestres conseguiu contato com cerca de nove crianças que realizaram os registros, outro não conseguiu realizar nenhum e um terceiro sinalizou a realização com cerca de seis crianças que moram no entorno do espaço onde aconteciam os encontros. No decorrer dessa elaboração, as cinco crianças voltaram a praticar a capoeira, presencialmente, facilitando a realização dos registros. Continuamos buscando contatos, chegando a mais um, desta vez uma professora, que estava realizando trabalho com três crianças, em sua casa e que, prontamente, nos auxiliou realizando os registros, de acordo com as orientações. Os contatos foram realizados via WhatsApp, quase que diariamente, mas a sinalização dos mestres era da dificuldade em encontrar as crianças pois, devido à pandemia, muitas famílias migraram para o interior, ficando complicada a realização da proposta, devido à falta de comunicação com as famílias das crianças.

Após meses de tentativas, uma ideia surgiu: buscar contato, através do livro *A capoeira em Salvador: registro de mestres e instituições*, levantamento realizado pela Fundação Gregório de Matos, onde constam endereço e telefone de cada uma das instituições catalogadas. São 168 instituições, cujo telefone foi acionado por

nós, resultando no demonstrativo da tabela abaixo. Durante cinco dias, buscamos contato, no período compreendido entre 12 e 16 de julho de 2021.

SITUAÇÃO	GRUPOS	TOTAL
Número de telefone não atende / caixa postal.	AABEC; Academia de Capoeira Tribo de Angola; Associação Beneficente Cultural Educacional de Capoeira Angola Viola de Ouro; Associação Cultural de Capoeira Gingado Baiano; Associação cultural Meninos da Bahia; Associação cultural Raízes do Dendê; Associação Cultural Desportiva Obará; Associação Cultural de Capoeira Zambiacongo; Associação de Capoeira Angola Folha do Cajueiro; Associação de Capoeira Angola São Jorge Guerreiro; Associação de Capoeira Bahia Arte; Associação de Capoeira Cultura Brasileira; Associação de Capoeira e Cultura Tribo de Judá; Associação de Capoeira Mestre Boa Gente; Associação de Capoeira Relíquias Espinho Remoso; Associação de Cultura e Arte Leão de Judá; Associação de Resgate da cultura Original 3 Capoeira – ARCO3 CAPOEIRA; Bando Anunciador da Capoeira Angola de Rua; Capoeira Alabama; Capoeira São Bento; Centro esportivo de Capoeira Angola João Pequeno de Pastinha; Cia. João de Barro; ECAIG; ETCA; FICA; GAS Capoeira; Grupo de Capoeira Filhos de 5 Estrelas; Grupo Luanda; Grupo Nzinga de Capoeira Angola; Núcleo de Estudos e Pesquisas da Cultura da Capoeira Angola Linisi; Projeto sociocultural Oriundoerê; ACBO; Associação de Capoeira Estilo e Mandinga; Bando Tupinambá; Centro Cultural Ganga Zumba; Grupo de Capoeira Bahia Ginga; Grupo de Capoeira Magia Verde do Mestre Hulk;	42

	Naeicô Capoeira; Nagote Negaça; Academia de Capoeira Raça Brasileira do Curuzu; Associação Cultural Ginga N'ativa da Capoeira; Projeto Ginga Mussurunga.	
Número inválido / inexistente.	ABCA; ABCR; Academia de Capoeira Angola da Bahia; ACAL; Associação Beneficente Cultural Vivendo e aprendendo; Associação Cultural de Capoeira Globo Brasil; Associação Cultural de Capoeira Jalará; Associação cultural de Capoeira Stella Mares; Associação Cultural GUETO; Associação Cultural Nação Capoeira; Associação de Capoeira Angola Chapéu de Couro; Associação de Capoeira Angola Corpo e Movimento; Associação de Capoeira Calabar; Associação de Capoeira Engenho; Associação de Capoeira Filhos da Senzala; Associação de Capoeira Ginga Mundo; Associação de Capoeira Regional da Bahia; Associação de Capoeira Renascer na Terceira Idade; Associação de Capoeira Toques de Berimbau; Associação Educarte Capoeira; Associação Quilombo Capoeira; Centro Cultural Desportivo Capoeira Difusão Baiana; Centro de Cultura Negra Camará Capoeira; Escola de Capoeira Regional Remanescentes; Escola Regional amantes da Capoeira; Grupo de Capoeira Angola Cabula; Grupo de Capoeira Angola Pai e Filho; Grupo de Capoeira Barro Negro; Grupo de Capoeira Mangangá; Grupo de Capoeira Regional Porto da Barra; Grupo Falcão Capoeira; Grupo Guriatá de Capoeira Angola; Grupo Internacional de Capoeira Mundo Negro; Grupo Internacional de Capoeira Topázio; Grupo Vadição Capoeira; Jequitibá Capoeira; Instituto	47

	Mestre Acordeon – projeto Kirimurê; União Internacional de Capoeira Regional; Associação Cultural Capoeiragem Regional; CCCB; Centro Cultural Capoeira Obirin Dúdù; Centro de Educação Cultural Afro Brasileiro Negro Nagô; Grupo de Capoeira Aceçapê; Grupo de Capoeira Besouro Preto Filhos de Santo Amaro; Escola Cultural de Capoeira no Estilo Regional; Grupo de Capoeira Raízes da Origem; Núcleo de Capoeira Angola Quilombo do Bem-te-vi.	
Não trabalham com crianças	ABADÁ; ACANNE; Associação Beneficente Cultural de Capoeira Angola Palmares; Capoeira de Rua do Terreiro de Jesus; Grupo de Capoeira Angola Pelourinho; Grupo de Capoeira Novo Mundo; Grupo de Capoeira Regional Tempo.	7
Trabalham com crianças, mas a pandemia interrompeu.	Associação Cultural de Capoeira Berimbau me chama; Associação Cultural de Capoeira Gangarra; Associação Cultural de Capoeira Mangangá; Associação Cultural de Capoeira Maré; Associação Cultural Desportiva Idalina; Associação Cultural Recreativa Carnavalesca de Capoeira Bloco afro SAMBUÊ; Associação de Capoeira Crescendo e Aprendendo a Meia Lua do Mestre Gajé; Associação de Capoeira Mestre Bimba; Associação Grupo de Capoeira Regional Capoarte; Os Bambas do Sol Nascente; As Maltas Grupo Guerreiro de São Jorge; Ginga Associação de Capoeira; Grupo Bantu de Capoeira Angola; Grupo Berimbau Viola; Grupo Capoeira Impacto; Grupo Cultural Movimento de Corpo; Grupo de Capoeira Berimbahia; Grupo de Capoeira Semente do Jogo de Angola; Grupo Maltas de Capoeira; Grupo Revelação Capoeira; <i>Instituto</i>	23

	<i>Cultural Omoayê; Fundação Pierre Verger.</i>	
Trabalham com crianças e estão em atividade	<i>Associação Cultural Lua Branca; Associação Cultural de Capoeira Clips Academia; Associação Cultural de Capoeira Anjos de Angola; Centro de Ensino Camugerê Capoeira; Fundação Mestre Bimba; Grupo de Capoeira Kilombolas; Instituto CTE Capoeiragem; Grupo de Capoeira Farol da Barra.</i>	8
Desativado	CASA DA TURMA DE BIMBA	1

***Tabela produzida pela pesquisadora. Algumas instituições possuem mais de uma sede, portanto, o total nesta tabela não corresponderá ao número citado. Instituições grafadas em itálico são as que se dispuseram a ajudar na coleta de dados.***

Realizados os contatos, totalizamos 10 (dez) grupos que aceitaram contribuir com a pesquisa, ressaltando que 8 (oito) deles constam na tabela acima e 2 (dois) não estão lá, devido a terem sido criados após publicação do livro. À medida que iam realizando os registros, os mestres encaminhavam via WhatsApp. Os registros contaram com desenhos, escritos e vídeos breves, onde as crianças discorriam sobre a pergunta já citada. Os mestres também fizeram uma contextualização sobre as crianças para que possamos ter uma ideia do contexto em que estão inseridas.

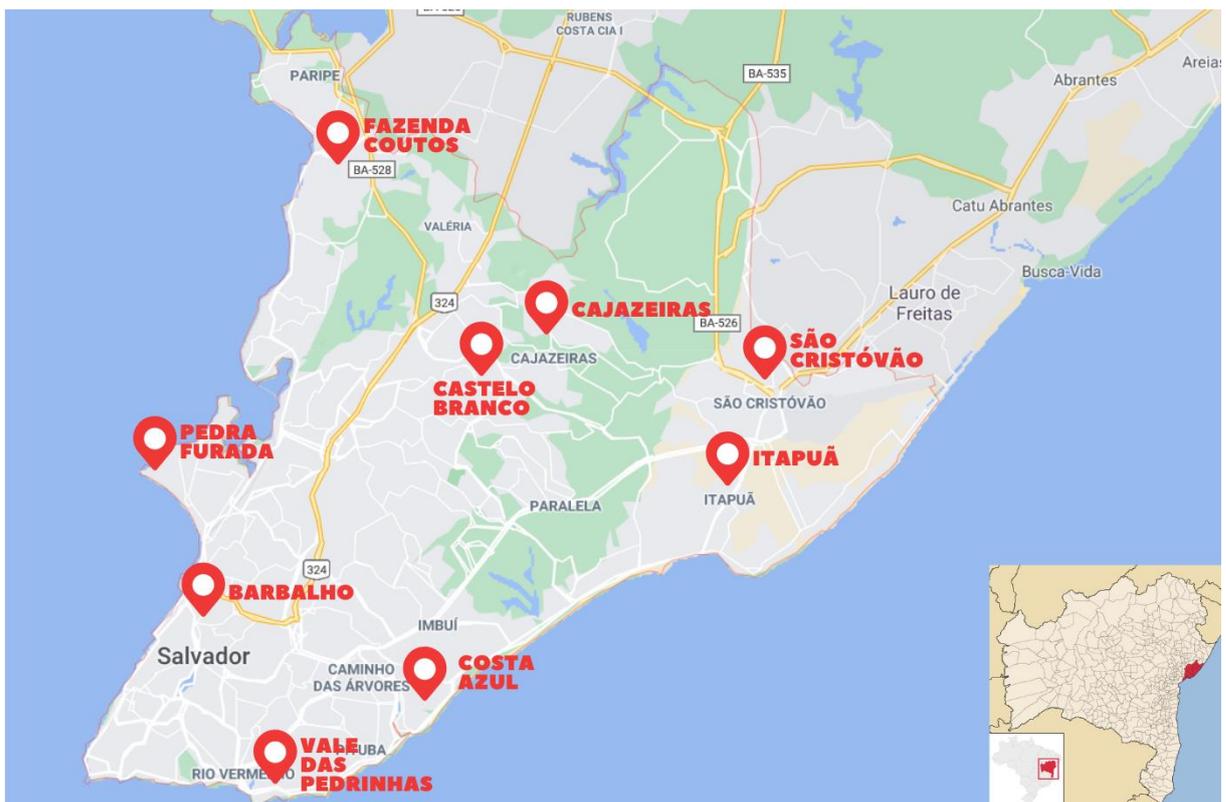
Vimos então que temos grupos diversificados: a maioria dos grupos trabalha com crianças residentes em bairros mais periféricos: Cajazeiras, Vale das Pedrinhas, Fazenda Coutos, Castelo Branco, além de um grupo da Cidade Baixa (Pedra Furada). Um grupo fica sediado no bairro de Itapuã, outro no Costa Azul, que também não são bairros tão centrais, ou bairros mais elitizados, como Barra, Graça e Ondina. Alguns registros vieram de crianças do Barbalho/Soledade, que são bairros bem antigos da cidade.

Salvador está dividida em 10 (dez) prefeituras-bairro<sup>19</sup>: Centro/Brotas; Valéria; Barra/Pituba; Cabula/Tancredo Neves; Itapuã/Ipitanga; Subúrbio/Ilhas; Cajazeiras;

<sup>19</sup> A Secretaria Geral de Articulação Comunitária e Prefeituras-Bairro é uma unidade representativa da Prefeitura, conforme Lei nº 8.376/2012, Artigo nº 13, que visa oferecer todos os serviços disponibilizados à população, sem que haja necessidade de deslocamento até a sede de cada órgão ou secretaria, garantindo um diálogo permanente com o cidadão e agilizando em um prazo reduzido as articulações necessárias para a execução dos referidos serviços, desde a solicitação até a resolução dos problemas. É a responsável pela interlocução das dez unidades da Prefeitura-Bairro e suas comunidades. Propicia a articulação entre os órgãos governamentais, não governamentais e demais secretarias municipais, com o objetivo de realizar e supervisionar o exercício de atividades

Liberdade/São Caetano; Pau da Lima; Cidade Baixa. Destas, conseguimos coletar dados em grupos que se localizam em 6 (seis) delas, ou seja, na maioria. Eles estão localizados nas áreas de prefeituras-bairro de Centro/Brotas (Barbalho/Soledade), Barra/Pituba (Vale das Pedrinhas; Costa Azul), Itapuã/Ipitanga (Itapuã), Subúrbio/Ilhas (Fazenda Coutos), Cajazeiras (Cajazeiras) e Cidade Baixa (Pedra Furada). Nossa coleta abrangeu grupos de localização bem diversa, uma área considerável, dando-nos assim um diagnóstico consistente.

**IMAGEM 02.** Localização de bairros onde ficam os grupos da pesquisa



Fonte: Mapa recortado do *Google maps*, adaptado pela pesquisadora. Acesso em 26 ago. 2021.

Segundo relato dos mestres, temos um mosaico formado por crianças que participam dos momentos de capoeira dentro de projetos sociais, em grande maioria, enquanto para outras os pais pagam um valor simbólico, para manutenção do espaço. Em um dos núcleos, por exemplo, temos a narrativa do mestre, que vale a pena ser contada. Ele trabalha há muitos anos e explica que as crianças foram inseridas nos momentos da capoeira porque os pais delas são praticantes e, toda

---

administrativas da competência do Município, promovendo também uma participação da comunidade na Gestão Pública. Disponível em: <<http://prefeiturabairro.salvador.ba.gov.br/index.php/quem-somos>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

vez que iam, levavam as crianças junto com eles e elas “aprontavam”: jogavam pedra nas vidraças, nas mangueiras para derrubar mangas, resultando em queixas das pessoas do entorno, elas estavam incomodando.

Essa fala do mestre remete-nos, inevitavelmente a Fraga Filho (1994, p. 121), em sua dissertação de mestrado intitulada *Mendigos e vadios na Bahia do século XIX*, onde o autor registra o comportamento dos meninos daquela época: “o repertório de divertimentos e travessuras desses menores era bastante extenso. Jogavam pedras, invadiam os pomares dos sobrados em busca de frutas, formavam rodas de jogo nos recantos das ruas, batucavam. Alguma semelhança? Certamente não na solução encontrada pelo mestre e seu grupo.

Assim, surgiu a ideia de inseri-las nos momentos da capoeira. Ele destaca a carência dessas crianças, definida por ele como carência total, desde a falta de comida até atenção e cuidado em casa. Após a inserção, essas crianças passam a ter o espaço da capoeira como suas “casas”, eles encontram suporte para suas vidas. Os que não estão na escola, retornam ao espaço escolar, o acompanhamento passa a acontecer de forma sistemática, pois muitos têm pais usuários de drogas, assim eles assumem a capoeira como extensão de sua vivência.

A capoeira, a casa, a escola, tudo passa a funcionar de maneira integrada, não sendo possível separar um do outro, vira uma extensão. Para eles, a capoeira passa a ser sua família, seu pai, sua mãe, mudando o rumo, dando a eles possibilidades de formação para se colocarem como cidadãos. Crianças que estavam em situação de risco passam a ter oportunidade de vivenciar uma vida saudável e digna. Deste projeto, já existem adultos que vivem da capoeira, moram fora do país, outros vivem em Salvador mesmo, apontando os frutos plantados através do projeto.

Outros mestres fazem relatos semelhantes, sempre no sentido de apontar a realidade de crianças que vivem em situação de risco, mas que a inserção da capoeira em suas vidas muda o rumo, trazendo benefícios e oportunizando a eles viverem uma infância saudável, com mais esperança e, principalmente, com alegria. Em dois grupos analisados, algumas crianças já são da classe média, tendo pais presentes, profissionais que dão suporte e que escolheram a capoeira para elas por motivos variados, como, por exemplo, ser uma prática inserida na cultura, na cultura popular, ressaltando-se que essas crianças dividem espaço com outras, no mesmo grupo, que não pagam pela prática, estão dentro de projeto social, no mesmo grupo.

Outro mestre ressalta como tem sido positivo para as crianças participarem dos momentos na capoeira pois vão bem na escola, relacionam-se com as pessoas do entorno sem problemas, refletindo assim esses aspectos positivos em sua comunidade. Essa contextualização faz-se necessária pois as crianças estão inseridas num contexto social, cultural, econômico, assim saberemos onde e como vivem os sujeitos da pesquisa, oferecendo-nos um arcabouço que possibilite entender melhor suas posições. O mais importante, porém, é lembramos que as crianças ouvidas são, antes de tudo, as crianças que residem na capital soteropolitana, envolvidas no contexto da capoeira, crianças como tantas outras, mas ao mesmo tempo, singulares na forma e no espaço onde vivem.

Neste sentido, voltamos nosso olhar e nossa escuta para o lugar dessa criança de Salvador, junto à prática da capoeira, através de registros realizados por elas, sobre os quais discorreremos agora, não numa análise de seu nível de cognição ou numa análise interpretativa de seus registros, mas no sentido de perceber quais sentidos/significados têm para elas esse jogo/luta/arte que remonta à uma ancestralidade, inserida na cultura soteropolitana, fazendo-se marca na identidade da capital baiana.

No levantamento realizado em 10 (dez) grupos de capoeira na capital soteropolitana, com crianças da faixa etária compreendida entre 3 e 12 anos, (uma delas tem 13), através de seus mestres/professores, no período compreendido entre abril a julho de 2021, conseguimos um total de 47 registros. Dos 10 grupos que se dispuseram a colaborar, somente um não conseguiu realizar coleta, os outros – nove grupos -fizeram registros em desenhos ou escritos, ou ainda em vídeo ou áudio. Um deles realizou a coleta numa escola formal privada, levando-nos a desconsiderar o registro para a pesquisa. Diante dos resultados, a partir do que surgiu nos registros das crianças, elegemos algumas categorias, apontadas nos desenhos e relatos, listadas aqui em ordem decrescente, partindo do que foi mais sinalizado para o menos sinalizado por elas.

1. Instrumentos
2. Golpes
3. Sentimentos
4. Mestres/Professores
5. A roda
6. Fazer amizade/se divertir/brincadeira (Lazer)

#### 4.1 Os instrumentos

Para a infância, a diversão pode ser encontrada de diversas formas, algumas até bem inusitadas. Bater duas tampas de panelas, uma latinha vazia ou um simples objeto que produza som gera divertimento. Nos registros que fizemos, os instrumentos aparecem na maioria deles, às vezes acompanhados dos praticantes da arte, às vezes soltos pelo papel, noutras vezes sendo tocados pelo mestre. Nesses registros, o berimbau reina, dentre os instrumentos destacados nos desenhos. Dos 47 registros analisados, 28 têm os instrumentos e, dentre eles, o berimbau está em 26 (vinte e seis). Rego (1968), afirma que o berimbau é o principal instrumento da capoeira, atualmente, ressaltando ainda que ele pode funcionar sozinho, sem necessidade dos outros instrumentos. O berimbau, de acordo com Rego (1968, p. 72):

O berimbau que hoje é divulgado e tocado em todo o território brasileiro é um arco feito de madeira específica, pois qualquer madeira não serve, ligado pelas duas pontas por um fio de aço, de vez que arame, além de partir rapidamente, não dá o som desejado. Numa das pontas há uma cabaça (*Cucurbita lagenaria*, Linneu) que não deve ser usada de modo algum verde, quanto mais seca melhor. Faz-se uma abertura na parte que se liga com o caule e parte inferior, dois furos, por onde deve passar um cordão para ligalo ao arco de madeira e ao fio de aço. Toma-se de um dobrão (moeda antiga), um pedacinho de pau, um caxixi e o instrumento está pronto para se tocar. Esse é o berimbau que atualmente se conhece no Brasil e em outros cantos do mundo.

O berimbau, instrumento essencial na capoeira leva-nos a Luana, personagem criada pelos autores Aroldo Macedo, engenheiro e pelo jornalista Oswaldo Faustino<sup>20</sup>, que é uma capoeirista de 8 anos, descendente dos africanos

---

<sup>20</sup> Biografia dos Autores: Aroldo Macedo, é formado em Engenharia civil, e começou a trabalhar como modelo e manequim, sendo o primeiro modelo negro do Brasil. Trabalho na TV Globo em novelas, e programas. Exercendo a profissão de fotógrafo, mudou para Nova York, onde morou por 6 anos. Voltou ao Brasil em 1995, onde criou, desenvolveu e dirigiu a primeira revista direcionada a população negra, a Raça Brasil. Atualmente está à frente da empresa Tronic, voltada à criação e produção de projetos de comunicação. Oswaldo Faustino é jornalista desde 1976, e exerce outras atividades como dramaturgo, compositor, roteirista, estudioso de relações étnico-raciais e professor de técnicas de redação. Trabalhou em diversos jornais do país – Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo – é colaborador regular da revista Raça Brasil, desde o seu lançamento. Desenvolve cursos e oficinas sobre Historiografia e cultura afro-brasileiras e sobre a aplicação da diversidade na Educação. É coautor dos livros da coleção Aventuras de Luana, junto com Aroldo Macedo e a A cor do sucesso. Fonte: MACEDO, Aroldo; FAUSTINO, Oswaldo. Luana, capoeira e liberdade. São Paulo: FTD, 2007.

escravizados no Brasil. Foi criada quando Aroldo ouviu, sentado numa cadeira de dentista, que uma amiga desta profissional não sabia o que fazer porque sua filha, negra, queria ser loira como as apresentadoras dos programas infantis da época. Ele ficou pensando que as crianças mereciam uma personagem negra que protagonizasse uma aventura heroica. Assim nasceu Luana que, com seu berimbau mágico, viaja para lugares de um tempo passado, onde viveram seus ancestrais africanos. Recorro à história de Luana para chegar ao instrumento que apareceu na maioria dos desenhos das crianças: o berimbau!

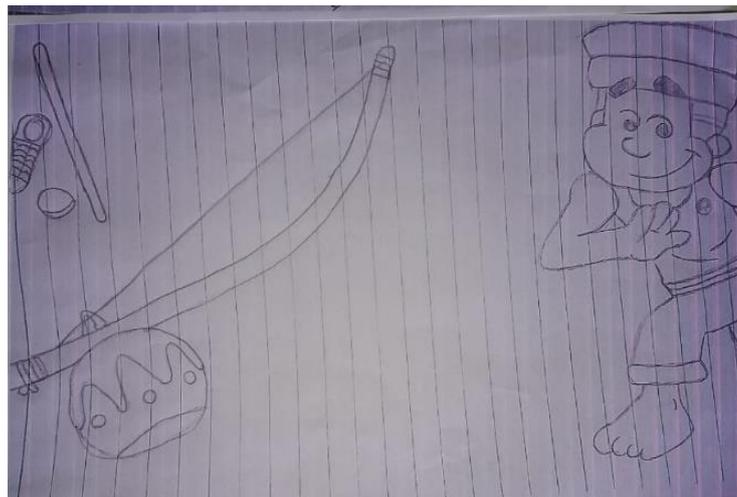
**IMAGEM 03.** Representação de instrumentos



**IMAGEM 04.** Representação de instrumentos



**IMAGEM 05.** Representação de instrumentos



**IMAGEM 06.** Representação de instrumentos

Junior e Santos (2019), vão sinalizar que o berimbau e a musicalidade são fundamentais na prática e vivência da roda, eles trarão estética e beleza, ditando o tom e o ritmo das expressões da capoeira. Ainda de acordo com esses autores, é o berimbau que determina se o jogo será lento, se será mais rápido, se será forte ou fraco, cabendo a quem toca e a quem joga, na relação que estabelecem, definir os caminhos. Assim, fica claro para os pequenos e pequenas o lugar dos instrumentos, especialmente do berimbau, no jogo da capoeira. Através de seus registros, eles reafirmam o que os autores pontuam. A musicalidade, marca da capoeira, através do toque do berimbau, se fez tão presente para as crianças que não deixa dúvidas quanto ao lugar destes elementos, também sob o olhar deles.

O berimbau está atrelado a capoeira de tal forma que os registros das crianças o destacam, como a nenhum outro instrumento. Num dos desenhos, aparece até uma espécie de “chuva” de berimbaus, denotando como eles “caem” literalmente, encharcando o território da capoeira, muito bem representado pelas crianças.

**IMAGEM 07.** Representação de instrumentos



A capoeira, componente rico da cultura popular, traz em sua formação, além do berimbau, outros elementos. De acordo com Junior e Santos (2019 p. 176):

Entre os elementos que compõem a capoeira, fazem-se presentes: os capoeiristas ou capoeiras, os instrumentos musicais (berimbau, atabaque, pandeiro, reco-reco e agogô), que assumem uma relação visceral entre corpo sujeito e corpo-objeto, uma relação entretecida de corpos-capoeira, formando a orquestra-coro da capoeira e dos jogos corporais.

Em nossa coleta, outros instrumentos, além do berimbau, aparecem nos registros das crianças: o pandeiro aparece 11 (onze) vezes, o atabaque, 5 (cinco), o reco-reco 2 (duas), o agogô 2 (duas). Vemos aí uma predominância incontestável do berimbau na cena da capoeira, para essas crianças.

O ritual da capoeira, personificado na roda, envolve e absorve a todos, especialmente os que estão gingando nela, sejam eles os que “lutam” no meio da roda, sejam os tocadores e acompanhadores, com suas palmas. Para Rego (1968, p. 43):

Segundo o que se tem escrito e o que consegui apurar de capoeiristas antigos, o acompanhamento musical da capoeira desde os primórdios até nossos dias, já foi feito pelo berimbau, pandeiro, adufe, atabaque, ganzá ou reco-reco, caxixi e agogô. No presente, só vi, até agora, acompanhamento com berimbau, pandeiro, caxixi e agogô, nas academias de Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha) e Canjiquinha (Washington Bruno da Silva).

Rego (1968) ainda sinaliza que os instrumentos da capoeira têm procedências diversas, mas que foram enumerados como sendo de procedência africana. Eles foram a categoria mais sinalizada nos desenhos das crianças, são eles que dão o tom da alegria e da ludicidade na capoeira, envolvendo-as num universo mágico que congrega corpo, cultura e o bom da infância.

Silva e Heine (2008, p. 73), ao tratar da bateria da capoeira, afirmam:

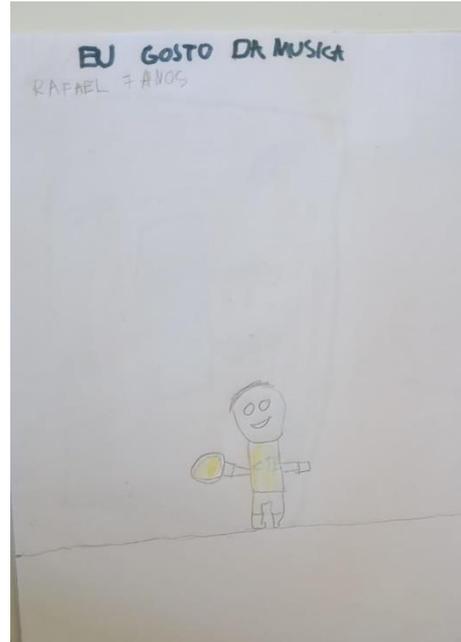
Primeiramente, pode-se falar na qualidade dos instrumentos que são selecionados para a composição da roda. O atabaque, os pandeiros, o reco-reco, o agogô e, especialmente, os berimbaus devem estar perfeitamente afinados para que produzam um som da melhor qualidade, em que melodia, ritmo e harmonia sejam perfeitos. Um berimbau que produz um som sem qualidade não contribui para o Axé da roda de capoeira.

Encontramos ainda registros em Araújo (2015, p. 86) sobre não sabermos exatamente quando os instrumentos passaram a fazer parte da orquestra da capoeira, porém sabermos que eles “tornaram-se partes fundamentais ao que hoje chamamos *roda de capoeira*”.

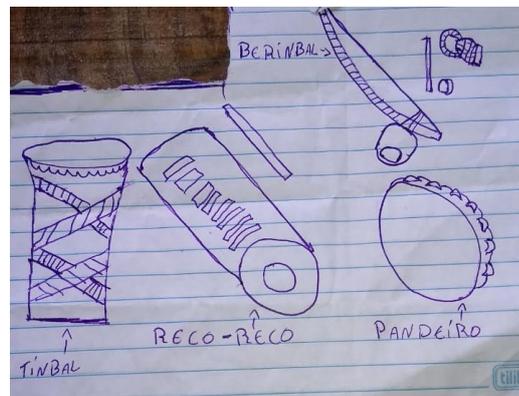
#### **IMAGEM 08.** Representação de instrumentos



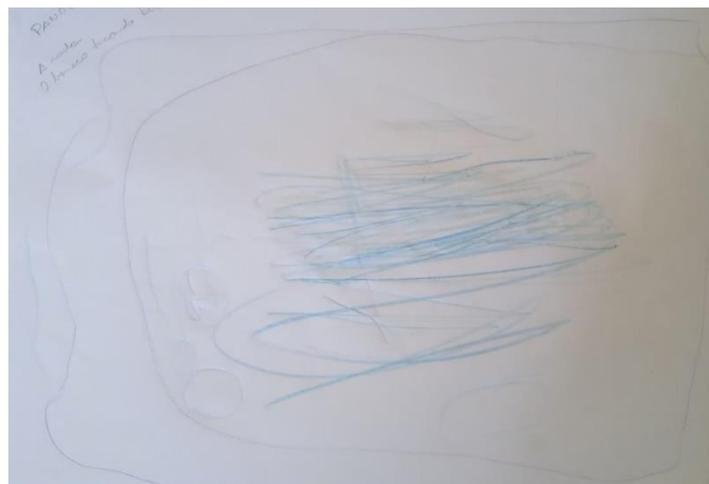
**IMAGEM 09.** Representação de instrumentos



**IMAGEM 10.** Representação de instrumentos



**IMAGEM 11.** Representação de instrumentos



## 4.2 Os golpes/movimentos

Os golpes ou movimentos da capoeira aparecem em 21 (vinte e um) do total de registros, figurando como a segunda categoria mais citada pelas crianças. Num deles, ela vai desenhando e nomeando os movimentos: au, au batido, cocorinha e meia lua, além do toque do berimbau. Em outros desenhos, é interessante registrar o aparecimento da figura da criança de pernas para o ar, desenhos onde as crianças foram registradas em duplas, pulando no ar, gingando.

Tanto Silva e Heine (2008) como Waldeloir Rego (1968) enfatizam o número elevado de movimentos da capoeira, indo dos mais simples aos mais complexos. Para os primeiros autores, a concentração é essencial na realização dos movimentos e a consciência corporal é o principal ingrediente na produção desses movimentos. Eles ainda ressaltam flexibilidade, força, resistência e agilidade como qualidades proporcionadas pela prática dos movimentos da capoeira. Já Rego (1968) ressalta que o jogo da capoeira é difícil e complicado, exigindo leveza, flexibilidade, além da ginga, que deve permear todo o jogo. Trata da ginga como o que dá origem a golpes, tanto de ataque como de defesa.

As crianças percebem esse elemento como um destaque, perdendo apenas para os instrumentos no que lhes captura o olhar, denotando a significância desse elemento. Rego ainda vai trazer a informação intrigante de que, apesar de não ter fidedignidade, pode ser que o jogo da capoeira acontecesse sem o uso dos instrumentos, embasando essa possibilidade com o fato de Mestre Bimba não admitir o uso do berimbau no início do aprendizado, além do registro de Rugendas (1835), numa ilustração onde se usa apenas o atabaque, apesar do registro referir-se a *jogo* e não a capoeira, especificamente.

Há, porém, o registro da relação entre os toques e os golpes, tendo o último recebido nomes associados ao primeiro, mas que foram se perdendo ao longo do tempo, ou foram adaptados por Mestres, tanto toques como golpes. Eles podem variar de Mestre para Mestre, de academia para academia, mas alguns são comuns a todos, conforme revela Rego (1968), registrados pelas crianças, como *cocorinha* e *meia lua*.

É difícil uma descrição rigorosa dos golpes, de vez que há muito de pessoal nos mesmos, entretanto há duas excelentes tentativas de explicação de uma boa parte deles, por Mestre Bimba, numa

plaqueta anexa à gravação já citada, assim como Lamartine Pereira da Costa, em trabalho eminentemente técnico, no qual se preocupa exclusivamente com o aprendizado dos golpes, daí as explicações minuciosas, com ilustrações (REGO, 1968, p. 119-120).

Os registros analisados denotam essa percepção, tão própria da infância, no sentido da apropriação das imagens, incorporadas ao seu repertório, pela via da cultura. Brougère (2017, p. 41), assevera que

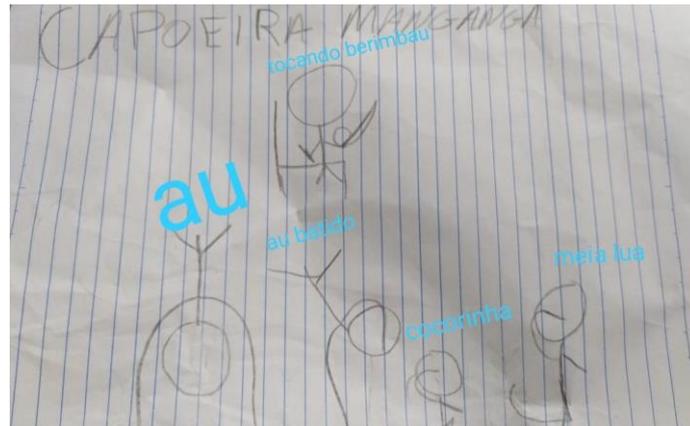
Toda socialização pressupõe apropriação da cultura, de uma cultura compartilhada por toda a sociedade, ou parte dela. A impregnação cultural, ou seja, o mecanismo pelo qual a criança dispõe de elementos dessa cultura, passa, entre outras coisas, pela confrontação das imagens, com representações, com formas diversas e variadas.

Vemos assim, nos desenhos, uma perna, ou ambas, para o ar, numa demonstração de apropriação desses movimentos que traduzem os golpes da capoeira, numa representação realizada a partir de como ela se apropria da orientação dos movimentos propostos, e de como, ao nomear os movimentos, ela “escolhe” aqueles que são mais atrativos para ela, ou, talvez, aqueles que ela já consegue realizar.

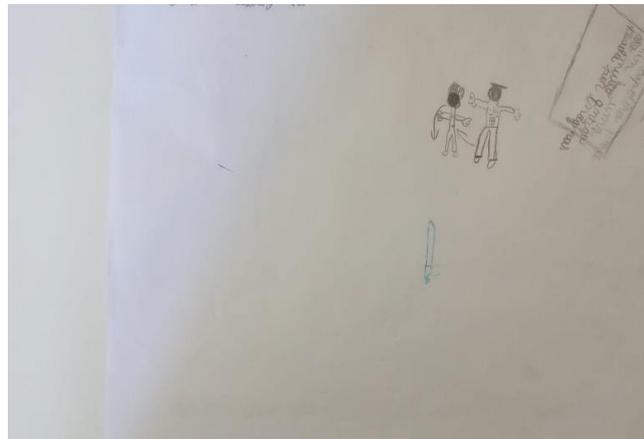
#### **IMAGEM 12.** Representação de golpes/movimentos



**IMAGEM 13.** Representação de golpes/movimentos

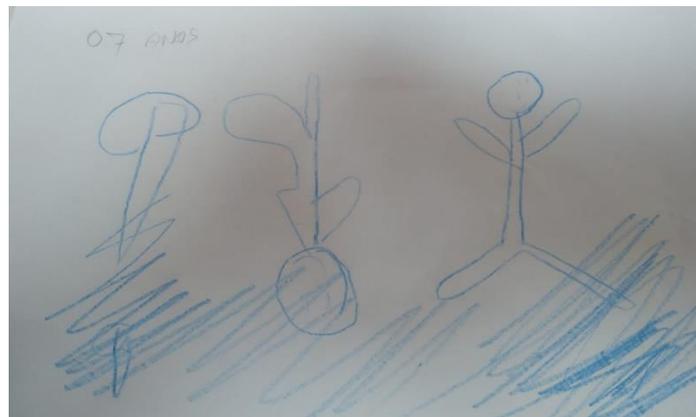


**IMAGEM 14.** Representação de golpes/movimentos



**IMAGEM 15.** Representação de golpes/movimentos



**IMAGEM 16.** Representação de golpes/movimentos**IMAGEM 17.** Representação de golpes/movimentos

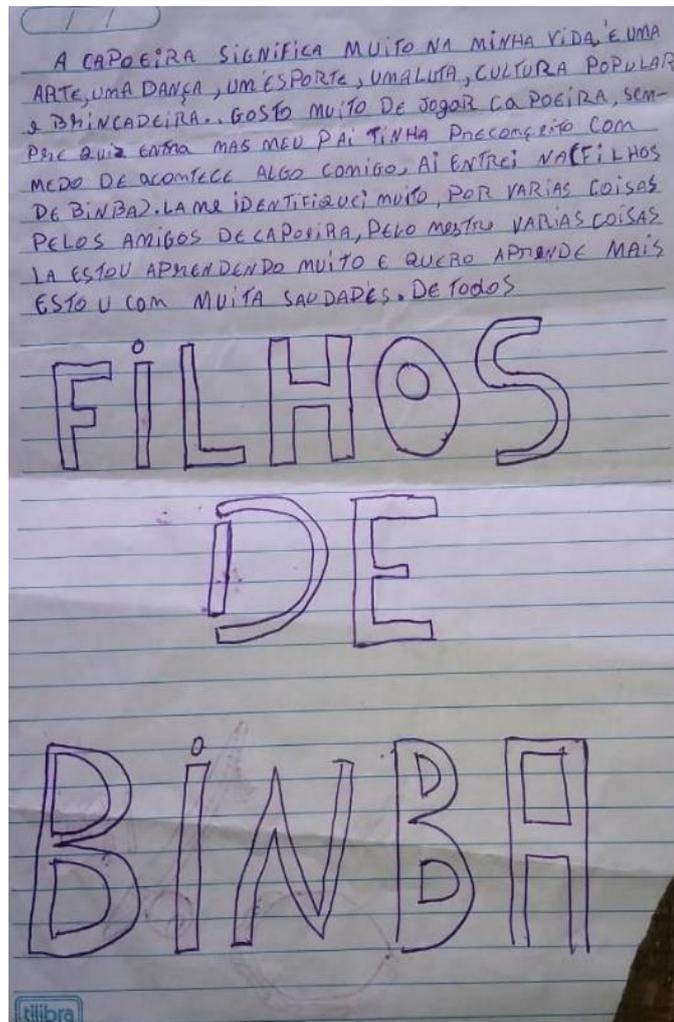
### 4.3 Os sentimentos

Javier Naranjo (2019), na introdução de sua obra *Casa das estrelas*, escreve: “Ainda que pareça excessivo para os adultos que somos, sem a voz da criança, não há descoberta possível, nem poesia, nem paraíso, nem dor, nenhum conhecimento, nenhuma comunhão.” Ele ainda ressalva que “Infância”, do latim *infans*, significa aquele que não fala, mas que as crianças que falaram para os registros de sua obra desconhecem essa definição. Assim como Naranjo (2019), pensamos que as crianças deste estudo também desconhecem, ou simplesmente ignoram o significado do termo. Elas trouxeram seus sentimentos à tona, na realização dos registros propostos.

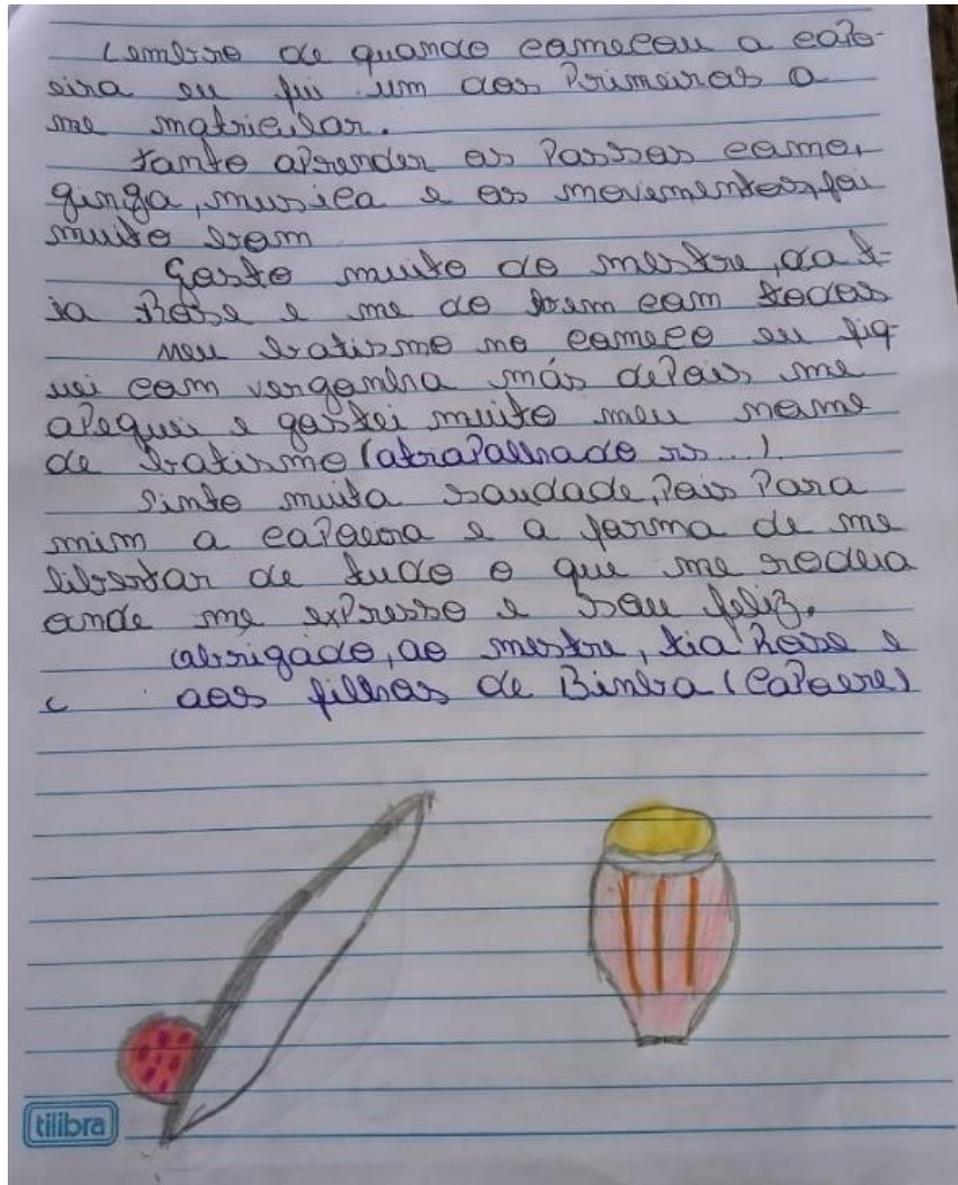
Ao ser lançado para eles o questionamento “O que é a capoeira para você”, surgiram muitas e variadas respostas, mas da representação dessas respostas

emergiu uma categoria interessante, a qual não havíamos suposto: sentimentos. Eles estão representados em corações coloridos de vermelho ou em preto e branco mesmo, registrados nos escritos, dirigidos à capoeira, ao Mestre e até mesmo como resultante da situação pandêmica. Também marcam presença o sentimento de desvalorização da capoeira, percebido por uma das crianças, além do sentimento de pertença relatado por algumas delas, pois ali eles fazem parte de um grupo. Com 9 (nove) de um total de 47, palavras como saudade, felicidade, amor estão presentes nesses registros. Um deles, talvez, possa ilustrar bem essa categoria.

### IMAGEM 18. Representação de golpes/movimentos



**IMAGEM 19.** Representação de golpes/movimentos



Para Silva e Heine (2008, p. 63), na capoeira “o clima de paz e descontração deve prevalecer. A capoeira surgiu da necessidade de um povo de se livrar da opressão. Esse é um dos seus pontos essenciais”. Diante dessa passagem, é razoável que não deixássemos passar em branco o registro do que intitulamos como categoria de sentimentos porque eles são próprios da conduta humana, não seria diferente com as crianças. Porém, com elas, eles tomam uma dimensão de leveza, a dimensão não de pureza, necessariamente, mas a de quem ainda não foi cooptado completamente pela roda viva, própria do fazer e viver humano.

No livro de Naranjo (2019, p. 65), Carolina Haayen, 10 anos, define uma das palavras citadas pelas crianças do estudo, felicidade: “A felicidade é quando o amor,

a paz e as coisa boas estão juntas”. Também há definição de amor, por Lina Maria Murillo, 10 anos na obra de Naranjo (2019, p. 22): “O que cada coração reúne para dar a alguém.” Só não encontramos no referido livro uma definição de crianças para “saúde”.

Já na coleta realizada, ela aparece no sentido de traduzir o sentimento que atravessa a rotina, não só da criança se lançou-a ao papel, mas daqueles que lamentaram a chegada do processo pandêmico, impedimento para a suspensão dos momentos na capoeira, traduzida pelas crianças como momento de expressão e de liberdade. A definição de felicidade, bem como a de amor, dadas pelas crianças da obra de Naranjo (2019) se aproximam do uso dado a elas pelas crianças do nosso estudo, a partir dos relatos que elas trazem. Uma delas registra: “Sinto muita saudade, pois para mim a capoeira é a forma de me libertar de tudo o que me rodeia, onde me expresso e sou feliz.” Outra assevera: “A capoeira para mim é paz, amor [...]”.

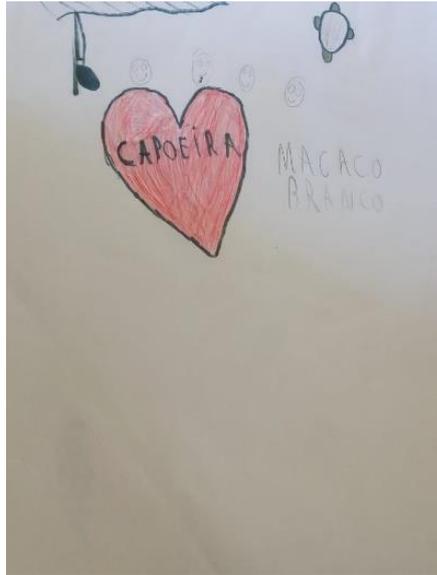
Pedimos emprestado ainda palavras de Naranjo (2019, p. 15-16):

Sei que muitas pessoas e muitos escritores menosprezam o que as crianças escrevem, pois, a seu juízo, nisso não há rigor nem disciplina, nem um conhecimento da língua medianamente operativo. Os motivos que eles combatem são justamente os que me fazem desfrutar essas criações infantis e encontrar nelas um alto valor estético. É por seu abandono com as palavras, por sua liberdade de associação, por sua indiferença ao uso justo e normativo da linguagem que as crianças ocasionalmente criam textos plenos de riqueza. [...] As crianças estão mais próximas da experiência poética que os adultos.

#### **IMAGEM 20.** Representação de golpes/movimentos



**IMAGEM 21.** Representação de golpes/movimentos



**IMAGEM 22.** Representação de golpes/movimentos

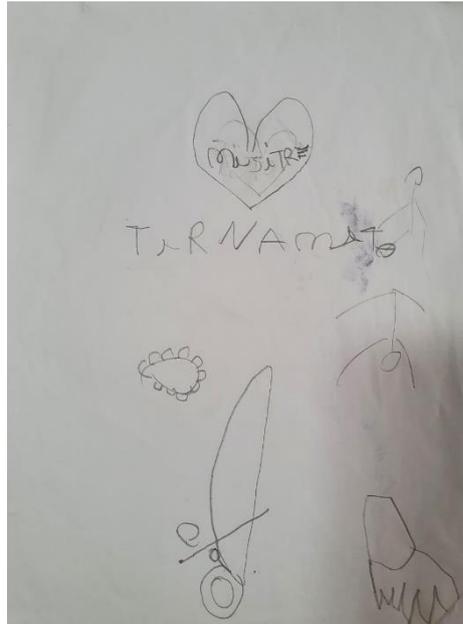


#### 4.4 Os mestres/professores

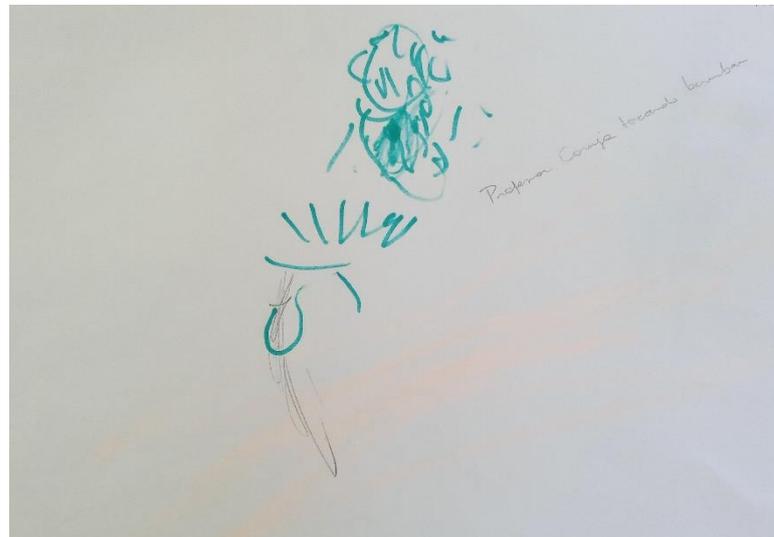
**IMAGEM 23.** Representação de professores/mestres



**IMAGEM 24.** Representação de professores/mestres



**IMAGEM 25.** Representação de professores/mestres



**Na roda da capoeira**

Menino quem foi teu mestre  
 Meu mestre foi Salomão  
 A ele devo dinheiro  
 Saber e obrigação  
 O segredo de São Cosme  
 Quem sabe é São Damião  
 Olê, Água de beber, camarada  
 Água de beber olê  
 Água de beber, camarada  
 Faca de cortar, camarada  
 Ferro de engomar, olê  
 Ferro de engomar, camarada

Terra de brigar, olê  
Terra de brigar, camarada.

Composição de capoeira baiana, interpretada por Nara Leão in Opinião de Nara, P 632.732 L, Companhia Brasileira de Discos (Philips), lado 2, faixa 5 (REGO, 1968).

Mestre Bimba, Mestre Pastinha, Mestre Nô, Mestre Canguru, Tosta, Zambi, Balão.

São muitos os mestres inscritos na história da capoeira soteropolitana. São vários os mestres que abriram a roda e deram as mãos a este trabalho, com boa vontade estenderam suas mãos as nossas, colaborando com a coleta, diante do impedimento da pesquisa in loco, devido à pandemia. A eles, nossa gratidão e respeito. Eles, os mestres, também tiveram número expressivo nos registros analisados. Foram 8 (oito) do total, reafirmando o lugar do saber transmitido. O mestre é a marca da ancestralidade, marca muito cara à cultura da capoeira.

Num dos registros, a criança sinaliza identificação com a capoeira por vários motivos, dentre eles a identificação através de seu mestre; outro registro, este em desenho, realizado por uma pequena de apenas 3 anos, consta dos dois professores com os quais ela aprende os movimentos da capoeira. Enquanto um está de pé, o outro parece estar num movimento de AU. Esse número expressivo da associação do mestre como representação do que é a capoeira para ela aponta o lugar que ele ocupa no cenário da capoeira, assim como para as crianças que participaram deste estudo, a percepção delas aponta para o lugar de orientação do mestre. Ela entende esse lugar do mestre como marcante e essencial para perpetuação da arte da capoeira, através de seus ensinamentos, em seu ofício de preservar a prática, a partir do que aprendeu com os mestres que o antecederam.

Para Junior e Santos (2019), a capoeira se solidifica, sai do lugar de ser praticada como arte marginal, através de seus mestres, principalmente, pois estes foram referência para os praticantes, que para além da prática foram encaminhados pelos mestres a reconhecerem o lugar da tradição, a história e o espaço social que a capoeira, carrega.

Os mestres de capoeira perpetuaram o lugar da tradição, da cultura, contribuindo para que ela se reinventasse, que fosse conhecida e praticada por várias gerações, e o mais importante, foram passando esse legado a outros

mestres, afirmando o lugar deles como guardiões dessa cultura para que ela pudesse – e possa – ser aproveitada por muitas gerações.

De acordo com a página do IPHAN<sup>21</sup>:

O Ofício dos Mestres de Capoeira, inscrito no Livro de Registro dos Saberes, em 2008, é exercido por aqueles detentores dos conhecimentos tradicionais dessa manifestação e responsáveis pela transmissão de suas práticas, rituais e herança cultural. O saber da capoeira é transmitido de modo oral e gestual, de forma participativa e interativa, nas rodas, nas ruas e nas academias, assim como nas relações de sociabilidade e familiaridade construídas entre mestres e aprendizes. A capoeira é largamente difundida no Brasil e no mundo, a capoeira depende da manutenção da cadeia de transmissão desses mestres para sua continuidade como manifestação cultural. Foram, também, os mestres brasileiros os responsáveis por articular aspectos culturais a uma manifestação que poderia ficar restrita à face marcial, mas que, ao contrário, é reconhecida por sua riqueza musical e gestual, o que a aproxima também de uma dança especial, reminiscência de jogos de combate de sociedades tradicionais.

A responsabilidade carregada pelo mestre, no sentido de ser aquele que orienta, bem como aquele responsável por transmitir o legado da capoeira, exige dele compromisso e cuidado, disponibilidade e muita sensibilidade, especialmente aqueles que lidam com crianças, pois são os mensageiros do acúmulo de anos de história, de resistência, de construção da cultura.

Cabe ao Mestre de Capoeira a responsabilidade de transmitir os conhecimentos adquiridos, conhecimentos estes, na sua imensa maioria, absorvidos pelo processo da oralidade. No entanto, os verdadeiros Mestres, comprometidos em repassar o legado recebido criam estratégia própria e, com um dinamismo fora do comum, vencem obstáculos, preconceitos e mantêm as tradições, transmitindo para os alunos um jeito de ser brasileiro e viver a realidade, a partir dos substratos que a história popular oferece (CAMPOS, 2001, p. 85).

Que importância tem o mestre de capoeira! As crianças atestam isso! A universidade também atestou o lugar desses mestres através de reconhecimento do seu trabalho, do seu legado, outorgando a alguns deles, como Mestre Bimba, Mestre Pastinha, Mestre Nô, o título de *Doutor Honoris Causa*<sup>22</sup>. Os mestres são muito

---

<sup>21</sup> IPHAN (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL). cujas ações visam preservar a cultura, manter a ligação entre passado, presente e futuro como resgate e preservação da memória.

<sup>22</sup> João Pereira dos Santos – o mestre João Pequeno de Pastinha – é considerado o mais importante discípulo e continuador da obra do mestre Pastinha, expandindo o conhecimento e a prática da

importantes para a capoeira, assim como a capoeira tem importância na vida deles. Campos (2001, p. 35) revela que na escuta dos mestres com quem estabeleceu contato ao longo de trinta anos, ficou evidente o lugar de importância da capoeira na vida deles, onde afirmaram que a capoeira era “como uma filosofia de vida e um jeito de ser”.

As crianças sabem das coisas!

#### 4.5 A roda

A roda, representada pelo círculo, traz a ideia de encontro, nele não há começo nem fim. Circular é fazer passar de um ao outro. Encontramos a roda nos povos ancestrais, em volta da fogueira, hábito que cultivamos ainda hoje; vemos a roda nas brincadeiras infantis, embalada pelo canto e pela dinâmica que envolve o brincar; no samba conhecido como “de roda”; nas rodas de música, ou “de choro”; nas atividades escolares da educação infantil. São variadas as situações onde a roda se apresenta. Uma, especialmente desenhada nos registros das crianças participantes deste estudo: a roda de capoeira.

Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, com aprovação realizada na 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para Salvaguarda da Capoeira, em novembro de 2014, em Paris, lançada pelos pequenos e eleita como categoria nesta pesquisa, registrada em 5 (cinco) dos 47 registros coletados.

A Roda de Capoeira – inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão, em 2008 – é um elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana – notadamente banto – recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes

---

capoeira Angola para diversas partes do mundo. A sua trajetória qualificou-o a receber, em 2008, o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal da Bahia e a ser homenageado, no próximo dia 15 de dezembro, às 18 horas, no Salão Nobre da Reitoria da UFBA, em cerimônia que celebra os 100 anos do seu nascimento. Disponível em: <[https://www.ufba.br/ufba\\_em\\_pauta/ufba-homenageia-jo%C3%A3o-pequeno-mestre-de-capoeira-e-doutor-honoris-causa](https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/ufba-homenageia-jo%C3%A3o-pequeno-mestre-de-capoeira-e-doutor-honoris-causa)>. Acesso em: 11 ago. 2021.

“É uma conquista não só minha, mas também da capoeira”, celebrou Norival Moreira de Oliveira, o Mestre Nô, na realização do ato solene em que a UFBA entregou a declaração de reconhecimento do seu notório saber, nesta quinta-feira, 16 de agosto, no salão nobre da Reitoria. Disponível em: <<http://www.edgardigital.ufba.br/?p=9168>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

mestres, se transmite e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros.<sup>23</sup>

Nos registros onde a roda foi representada pelas crianças, podemos visualizá-la claramente, imediatamente, pois o efeito da circularidade está bem marcado em praticamente todos que a representaram. Interessante que a roda foi registrada por crianças de idade entre 4 e 6 anos, o que pode ser uma coincidência, mas chama a atenção. Um desses registros, em particular, chama mais atenção ainda por apresentar a roda composta por vários círculos menores, o que provavelmente seriam os componentes da roda, acentuando o aspecto da circularidade de maneira incontestável.

#### **IMAGEM 26.** Representação da roda



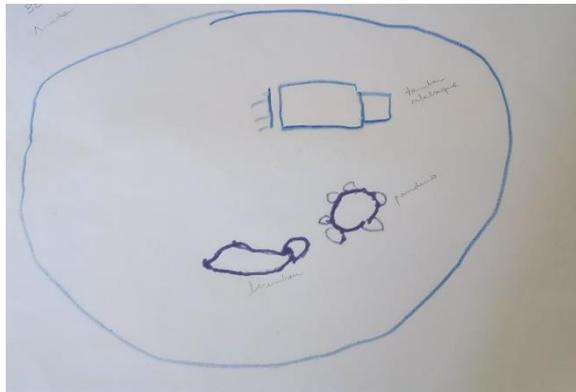
A roda, velha conhecida da infância, eternizada nas brincadeiras, no vai e vem do balanço de mãos dadas, talvez não tenha aparecido em maior número nos registros devido à sua “intimidade” com os pequenos, como se fazendo parte da vida deles não necessitasse mais figurar no registro, “como se fora brincadeira de roda.” Além disso, outros elementos, como os instrumentos e os golpes – expressão do corpo – provavelmente chamam mais a atenção deles. Conhecida e reconhecida pelos pequenos capoeiristas analisados, a roda recebeu reconhecimento nacional. “O reconhecimento da Roda de Capoeira, pela Unesco, é uma conquista muito

<sup>23</sup> Disponível em: IPHAN <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

importante para a cultura brasileira e expressa a história de resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão.” (IPHAN).

Junior e Santos (2019) relatam a musicalidade na roda, elencando o berimbau como primeiro a ser tocado, iniciando a “relação corpo-capoeira-musicalidade, sendo acompanhado por outros instrumentos, elevando a “potência da vibração da roda”, ressaltando que a finalização da roda será entoada pelo berimbau, certificando assim que o ritual da roda segue, tendo começo e fim através do toque do berimbau. As crianças visualizam a roda, conhecida das brincadeiras, mas relatam, através do gosto por “jogar”, a roda onde circulam a cultura ancestral e o legado de muitos que, através da capoeira, mantiveram circulando essa prática, carregada de história, de africanidade. A roda envolve um cabedal de elementos: movimento, musicalidade, história, ginga, cultura, relações, amizades.

**IMAGEM 27.** Representação da roda



**IMAGEM 28.** Representação da roda



#### 4.6 Fazer amizades, se divertir, brincadeira

“É brincadeira, é brincadeira  
Deixa o menino brincar,  
Bela...”<sup>24</sup>

A ludicidade presente e prevalente na capoeira leva-a para o contexto da diversão, da recreação, do entretenimento, aspectos que atraem com especialidade as crianças. O contexto em que ela se encontra, rodeada de música, de canto, do movimento corporal, é muito atraente para os pequenos e pequenas que enxergam nela esse espaço de encontro com seus pares, encontro com o tempo de diversão, encontro num tempo e espaço que fogem à rotina de obrigações, apesar do ritual estabelecido. Enquanto aprendem os movimentos e o ritual da capoeira, as crianças podem se encontrar com outras crianças que também se divertem com aquele jogo de corpo, aliás, essencial na construção da infância.

Capoeira pode ser até brincadeira de criança, afirmação atestada no levantamento de dados aqui apresentado. No registro de 5 (cinco) crianças, encontramos a sinalização do entrelaçamento entre capoeira e tempo de lazer, pois como bem afirmou R, enquanto elaborava seu registro: “Durante a semana eu tenho trabalho, mas sábado vou para a capoeira me divertir, é meu tempo de lazer.” Uma das crianças escreve que a capoeira é lugar de fazer amizades, outra diz que é lugar de se divertir, outra ressalta o momento na capoeira como lugar de brincadeira.

Silva e Heine (2008, p. 83), tratam da presença das crianças na capoeira, chamando a atenção para o aumento no número de pequenos e pequenas, a cada ano, na prática desta arte, apontando como motivos que as leva a praticarem capoeira: “ter diversão; desenvolver habilidades e aprender novas habilidades; estar com amigos e fazer novos amigos; ter sucesso ou vencer; exercitar-se e se manter saudável.” Vemos aí apontados registros semelhantes a estes pelas crianças, após o questionamento feito a elas, proposto neste trabalho.

As crianças vivem e sentem o universo lúdico como algo muito íntimo de sua vivência, elas se interessam por tudo que segue nessa direção. A capoeira, com toda a sua pujança de ludicidade, construída por sons, palmas, movimentos, canto,

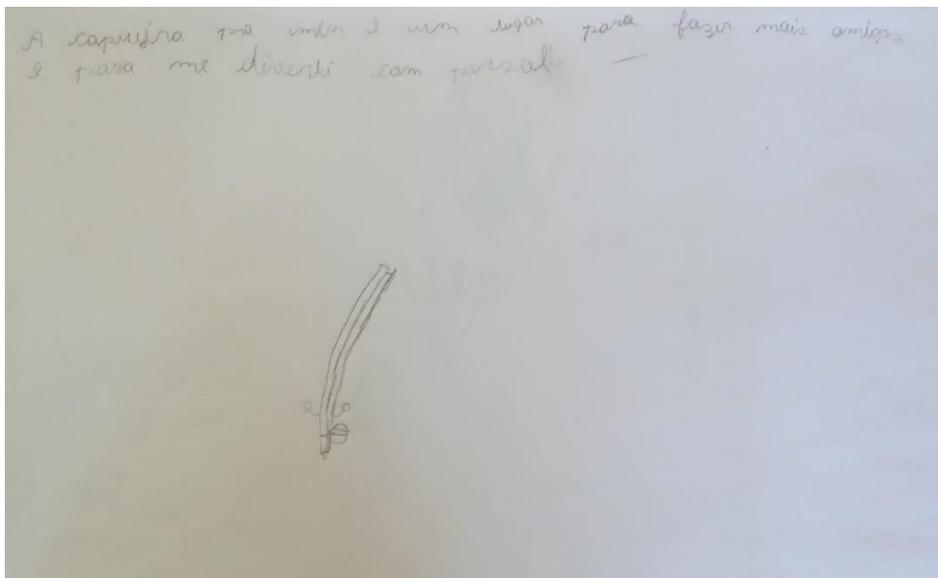
---

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/geraldo-azevedo/e-brincadeira/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

batuques, atrai estes pequenos e pequenas capoeiristas ou pretendentes, encontrando no universo da roda não só uma prática corporal, mas uma prática onde se misturam a cultura, a ludicidade, os pares, resultando em momentos de descontração, de risadas, de encontro.

Fazer amigos, divertir-se, brincar podem ser encontrados facilmente na capoeira, mas a percepção das crianças em seus registros mostra que elas estão atentas ao que não se mostra prontamente, mas que fica sob o que estaria encoberto pelas regras do ritual da roda, pelos encaminhamentos do aprendizado. Eles descortinam, desvelam e nos surpreendem com seu olhar desprezioso, mas sempre revelador.

**IMAGEM 29.** Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira



Campos (2001, p. 71), citando Mestre Carlos Sena, sobre a capoeira: “A capoeira, além de suas inúmeras vantagens, tais como ser linda aos olhos para quem aprecia, diversão, “relax” para quem pratica, ajuda a desenvolver o poder da vontade...[...] Na intimidade, cultivam os que a praticam uma estima recíproca, substituindo por uma camaradagem fácil.” Esta passagem leva-nos de volta aos registros das crianças, onde atribuem à prática da capoeira este lugar da diversão, da brincadeira, de fazer amigos, fazendo-nos retomar a história desta prática dicotômica, mas ao mesmo tempo símbolo de camaradagem.

Envolvida, no curso da história, em tantos papéis distintos, desde ser diversão nas folgas do trabalho árduo, ser arma de ataque e defesa contra as injustiças, ser provocadora de conflitos, constar do Código Penal Brasileiro, ela é especialmente símbolo do que resiste, que subsiste, pois tem em sua espinha dorsal o respeito à ancestralidade, à ritualização, o seguimento de preceitos bem definidos.

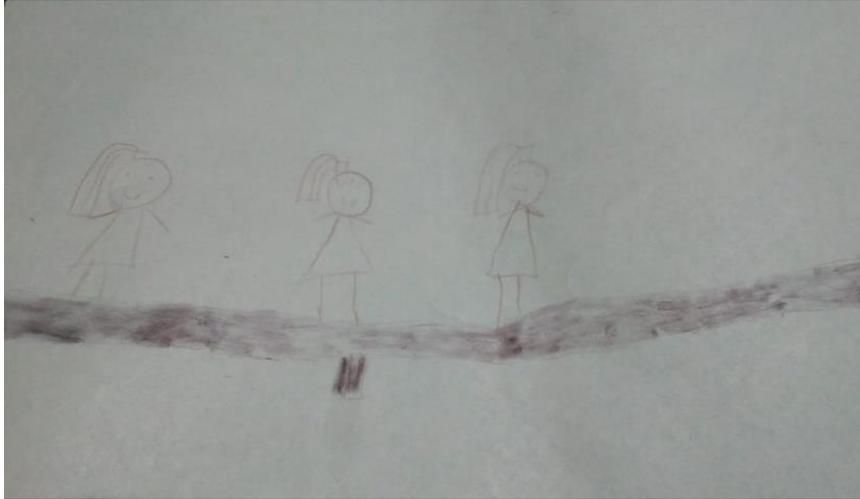
Hoje pode ocupar este lugar de fazer amigos, na visão das crianças, sugerindo a sociabilidade, se reinventando. Junior e Santos (2019, p. 170) nos lembram: “No desenrolar dos tempos, a capoeira foi ganhando espaço e projeção, saindo de uma imposta invisibilidade e marginalização até se tornar uma atividade de interesse e circulação em variados espaços, com diferentes proposições”.

Em seus registros, as crianças apontam proposições da capoeira, através dos sentimentos revelados, do lugar dos mestres, da estrutura da capoeira, mas especialmente do seu papel de proporcionadora de momentos lúdicos, divertidos, socialmente aproveitados por eles e elas. É como se pedisse: Deixa o menino brincar! Deixa o menino jogar! Deixa o menino gingar!

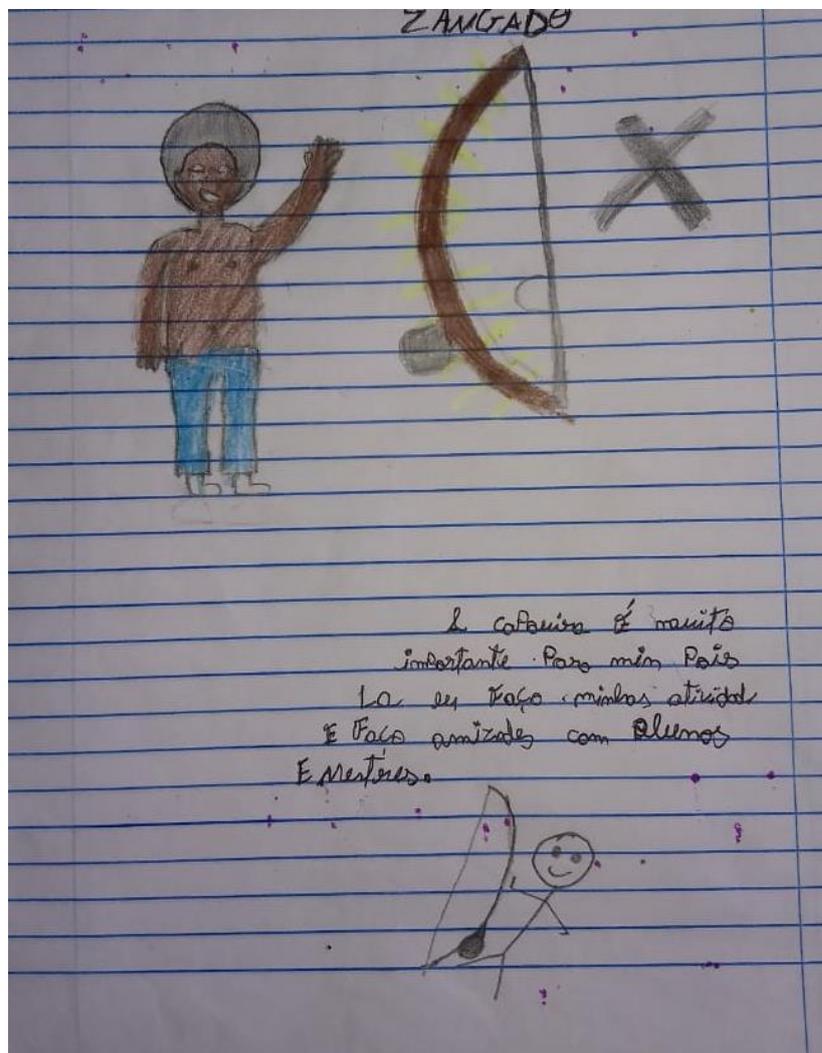
**IMAGEM 30.** Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira

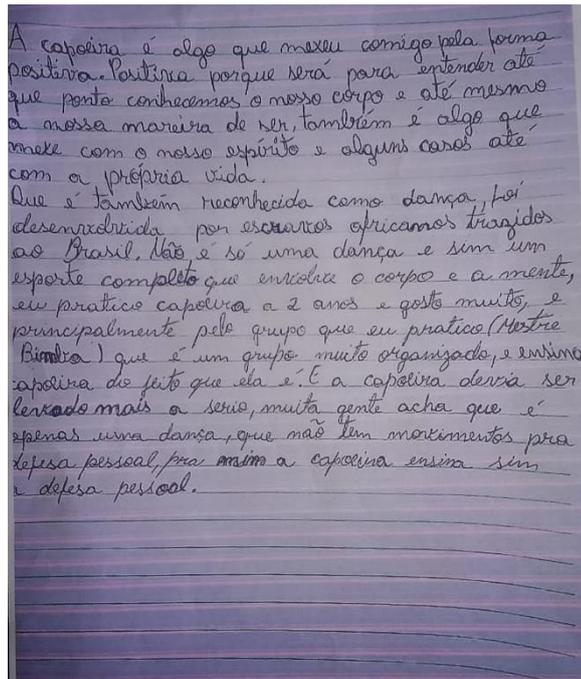
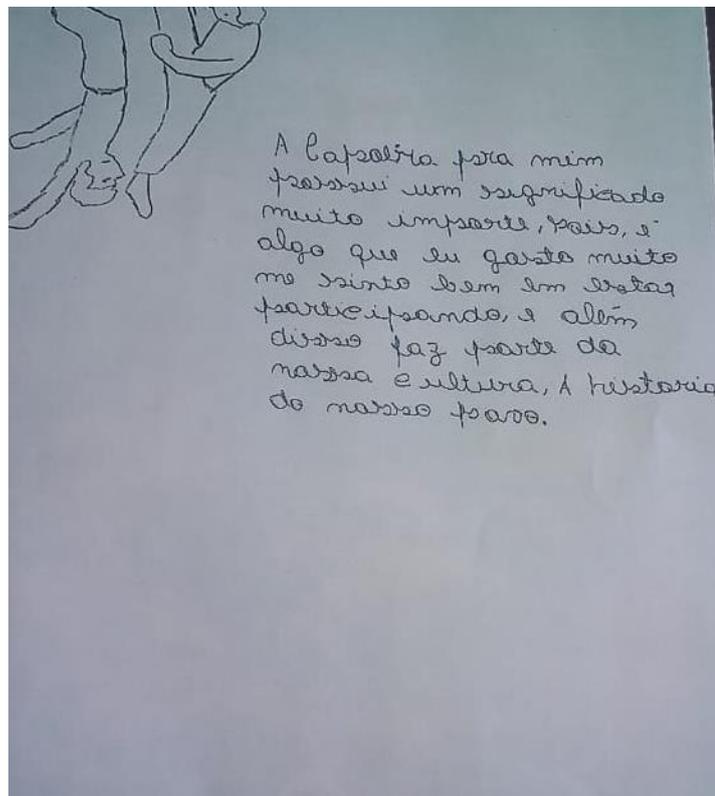


**IMAGEM 31.** Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira



**IMAGEM 32.** Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira



**IMAGEM 33.** Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira**IMAGEM 34.** Representação de fazer amizades/se divertir/brincadeira

Em geral, os pais levam seus filhos (as) para a capoeira, vendo nela a possibilidade destes de ficarem fora do perigo das ruas, praticar uma atividade física. Já para as crianças o momento é de diversão, momento de encontrar os amigos, de gingar. Uma das pequenas, num registro em vídeo, dispara: “Eu gosto da

capoeira porque ela é superlegal, tem amizade, tem tudo. Dá para fazer capoeira, jogar a perna para cima (que eu acho que é, né?). É legal, eu gosto muiiiiito dela, muito, muito mesmo!” Outra, também em vídeo, corrobora: “Eu gosto da capoeira porque tem amizade, tem músicas e tudo que eu gosto.”

Silva e Heine (2008, p. 88) chamam a atenção para a originalidade e singularidade das crianças, devendo então ser respeitadas suas características individuais nos aspectos físicos, cognitivos e psicológicos, no desenvolvimento pela capoeira, assim elas conseguem a satisfação de “suas necessidades de comunicação e expressão da criatividade e dos sentimentos, e principalmente continuam a gostar da capoeira.” Os mesmos autores também listam os direitos do jovem capoeirista:

- Direito de jogar capoeira;
- Direito de participar em um nível adequado na habilidade e na maturidade de cada criança;
- Direito de ter a orientação qualificada de um adulto;
- Direito de gingar, tocar berimbau e cantar “Marinheiro só”;
- Direito de jogar como uma criança, e não como um adulto;
- Direito de partilhar da liderança e da tomada de decisões com relação à participação na capoeira;
- Direito de participar em um ambiente seguro e sadio;
- Direito de uma participação adequada;
- Direito a oportunidades iguais na busca do sucesso;
- Direito de ser tratado de dignidade;
- Direito de ter diversão na capoeira. (SILVA & HEINE, 2008, p. 90)

Listados os direitos do jovem capoeirista, atentemos para o último deles: “Direito de ter diversão na capoeira.” Podemos entrelaçá-lo ao direito ao lazer, assegurado pela Constituição, bem como no ECA?

Se voltarmos o olhar às aprendizagens da capoeira, devemos nos atentar ao seu duplo aspecto educativo, como chama atenção Marcelino (1987). Educar para a capoeira tem a ver com a aprendizagem dos movimentos técnicos que possibilitam a vivência corporal desta prática, como usufruto do tempo de lazer, nos treinos ou nas rodas; educar pelo lazer se inclina das aprendizagens que ocorrem de elementos da cultura através da experiência desta prática. O que se apreende deste universo quando se aprende capoeira? Em relação aos nossos registros, através da capoeira, as crianças sinalizam ter aprendido a fazer amigos, o respeito pela tradição, pela secularidade da arte, assim como conhecimento sobre a história da capoeira; sinalizam também o fato de a capoeira colaborar com a propagação de

ambiente de paz, de desenvolvimento de habilidades para outras práticas, como a da escola formal, bem como os benefícios físicos, dos movimentos próprios da capoeira.

A partir da constatação de Marcellino (1987), pontuamos que a capoeira assume esse duplo aspecto educativo: educa *para* o lazer, ao assumir lugar de prática de divertimento, tempo de brincadeira, assim como *pelo* lazer quando associamos à sua prática a agregação de valores como a sociabilidade, o respeito ao outro, seu lugar como participante de um grupo, suas raízes na cultura brasileira, bem sinalizados pelas crianças em seus registros.

Silva e Heine (2008, p. 50) afirmam:

De maneira geral, a capoeira deve integrar o indivíduo na sociedade e buscar seu desenvolvimento pleno, proporcionando prazer na sua execução, tornando sua prática um hábito e um ato necessário, impulsionando as relações, as tomadas de decisões coletivas, a ajuda mútua e a superação de conflito mediante o diálogo e a cooperação.

Os registros das crianças aproximam a capoeira da colocação de Marcellino (1978) pois a capoeira, ao mesmo tempo que provoca prazer, relaxamento, diversão, propicia também às crianças oportunidade do desenvolvimento de aspectos sociais, favorecedores de sua estruturação psíquica, além da formação cidadã. A capoeira pode ser designada como “lazer construtivo”. (MARCELLINO, 1987).

## 5 POSSÍVEIS CONCLUSÕES

As crianças sempre me fascinaram... com suas perguntas inusitadas, sua coragem de se lançar nas brincadeiras, sua disposição para se lambuzar, sua risada, seu olhar. Elas estão sempre dispostas a criar, a inventar. As crianças são seus corpos e, através dele, elas interagem com tudo que as cerca. Mauss (2003, p. 407) pontua que “o corpo é o primeiro instrumento do homem, o primeiro objeto e meio técnico do homem”.

Mauss (2003, p. 405), ainda tratando sobre técnicas do corpo, ressalta que os movimentos que realizamos com nosso corpo estão ligados originalmente à cultura da qual fazemos parte. Segundo ele “a criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu serem efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela.”

Assim, dizendo com seu corpo do que assimilou da sociedade da qual faz parte, a criança vai marcando sua trajetória de vida, levando adiante a cultura da qual faz parte. Neste sentido, atravessamos a história da construção da infância, tentando marcar seu lugar como sujeito social, o que só ocorreu na Modernidade. No decorrer desse percurso, vimos o lugar da criança mudar, assim como também sua relação com o que, através, de seu corpo, a faz interagir com o mundo: o brincar.

Ocupando tempo e lugar diferentes para cada criança de nosso tempo, o espaço destinado ao brincar se interpôs entre viver ou não a infância. O tempo da brincadeira, aquele tempo desobrigado, foi minguando à medida em que as sociedades foram se modernizando, levando-nos a questionar onde mora o lugar do brincar na vida de tantas crianças. Para investigar esse espaço que seria de lazer, desconsiderado para tantos pequenos, eis que surge a possibilidade de fazer essa investigação através da prática ancestral da capoeira, prática enraizada na cultura do povo soteropolitano e praticada por inúmeras crianças desta cidade.

A capoeira é marca da identidade soteropolitana, inserida no cotidiano, na geografia, em atividades escolares, nos instrumentos. Como marca identitária, carrega em sua história a própria história da cidade do Salvador, abrindo uma brecha importante para a possibilidade de sua prática pelas crianças desta capital, pois oferece a junção de elementos atrativos e muito próximos da vivência infantil: sua música envolvente, o jogo de corpo, a alegria, a diversão, a espontaneidade, a

liberdade. Silva e Heine (2008, p. 49) vão lembrar que “os capoeiristas mais antigos utilizavam o termo *vadiar* quando se referem a jogar capoeira.

O termo *vadiar* significa, nesse contexto, ter momentos de descontração, jogar pelo prazer, pela brincadeira, pela diversão. *Vadiar* é tudo que criança gosta de fazer, portanto infância e capoeira estariam inseridas na mesma “roda”. Vimos que a história da capoeira, permeada por perseguição, criminalização, exclusão, sugeria a não aproximação da vida infantil.

Ser criança também é subverter, é testar limites. Jerusalinsky (1999) lembra-nos que “quando as crianças brincam, embora conheçam a fronteira, nunca estão certas de seu traçado”, elas vão e voltam nos limites, são especialistas das bordas. Aproximamos assim os chamados “Capitães da Areia” da prática subversiva da capoeira, sinalizando algum tipo de enlaçamento da infância com o jogo, com a ginga, com a vadiagem. A partir de mudanças significativas, tanto na legislação quanto na prática da capoeira, essa atração entre a infância e a capoeira permitiu a reaproximação das duas, gerando o que temos hoje como grupos de crianças na prática da capoeira, reafirmando elementos que as une.

A infância, categoria geracional socialmente construída, encontra-se neste estudo com a capoeira, uma mistura de arte/luta/jogo, de origem incerta. Suas histórias são enlaçadas pela roda, assim como pelo aspecto lúdico, característica comum a ambas. Esse encontro acontece tendo como marco geográfico a capital soteropolitana, Salvador. Nesta cidade, a cultura negra fez marca indelével, dando origem à baianidade, um jeito de ser e de viver singular que só o povo baiano, especialmente o soteropolitano tem.

Subindo e descendo as ladeiras desta cidade, no rastro da baianidade, marca da identidade soteropolitana, chegamos aos grupos de capoeira cujo trabalho com as crianças acontece num tempo e espaço fora da escola formal, num tempo livre, tempo fora das obrigações, para ouvir o que elas têm a nos dizer sobre: “o que é a capoeira para você?”.

Para escutá-las, elegemos o desenho, aliado a escrita ou fala delas, no sentido de tentar entender o que move esses pequenos e pequenas na prática da capoeira. Os mestres/professores que trabalham com essas crianças foram o elo entre pesquisadora e pesquisados, estes aqui tratados como aqueles que trazem a leveza e um olhar despretenso do contexto em que se encontram seus grupos de capoeira.

Para início de conversa, as crianças com as quais pudemos estar, demonstraram muita alegria, tanto na realização da prática da capoeira como na realização dos registros solicitados a elas. Usaram e abusaram dos lápis coloridos, não fizeram praticamente nenhum questionamento, somente registraram, livremente, o que foi solicitado a elas.

Seus registros demonstram intimidade com o universo da capoeira, isso podendo ser comprovado na eleição dos elementos essenciais desta marca identitária de Salvador, elencadas a partir da sinalização feitas pelas crianças em seus desenhos: os instrumentos com a musicalidade, a roda, a corporalidade personificada através dos golpes/movimentos, seus mestres, além das relações de amizade e companheirismo, presentes na capoeira, entre os capoeiras.

Ouvimos crianças de comunidades carentes, mas também crianças de classe média, participantes de um dos grupos, percebendo que os registros seguiram na mesma direção, onde a capoeira ocupa o lugar de uma atividade em que se misturam a ludicidade, a história, a cultura, o ritual, a marca da identidade de um povo, além de expressarem a alegria de compartilhar com seus mestres e amigos os momentos da capoeira. Em alguns registros escritos, revelam enxergar a desvalorização da prática, enfatizando que esta arte deveria correr o mundo, tendo o valor que merece, o preconceito de um pai que tinha receio de o filho praticar a capoeira, refletindo um olhar para a resistência através da qual vive e sobrevive a capoeira.

Vemos aí que o preconceito se encontra, geralmente, nos pais, não nas crianças. Elas mesmas, as crianças, são parte desta resistência, quando vão aos momentos de capoeira, gingam, se alegram, se confraternizam e aprendem uns com os outros, o que os torna propagadores dessa manifestação cultural.

Os registros deixam claro que a ludicidade latente da capoeira, através da musicalidade presente nos instrumentos, da ginga do corpo, do encontro, é o que define a capoeira para essas crianças. Elas sentem a força dessa manifestação enraizada na cultura africana, através dos ensinamentos dos mestres, passam a fazer parte dela, mas principalmente, se divertem, aproveitam o tempo na capoeira como um tempo de lazer, corroborando com a afirmação de Rego (1968) da origem da capoeira com a finalidade de divertimento.

É um tempo desobrigado, um tempo em que elas podem fazer o que sabem como ninguém: se divertir! Para além da capoeira, nesse tempo da brincadeira, as

crianças aprendem a socializar, a respeitar o outro, fortalecem a autoestima, o sentimento de pertença, a ser camarada com seu colega ou com quem precisa dele, além de apropriarem-se da cultura que é brasileira, especialmente para os grupos de Salvador, da cultura soteropolitana.

Infância, capoeira e lazer entrelaçam-se, se abraçam na circularidade, numa mesma roda, atados pela ludicidade, pela brincadeira, “como se fora brincadeira de roda.”

A capoeira para as crianças, é lugar de gingar com seu corpo, de estar com seus pares, é tempo da diversão, da brincadeira, portanto, é tempo de lazer, pois a capoeira dos grupos analisados é praticada num tempo fora da obrigação da escola. Aparentava distanciamento das crianças quando elas não apareciam em registros sobre essa arte popular, mas após algumas buscas, encontramos motivos que justificam esse distanciamento: tendo sido perseguida, criminalizada, ela se aproximava dos meninos das maltas ou dos Capitães da Areia. Após resistir e ser ressignificada, vemos neste estudo como infância e capoeira não só estão na mesma roda, como atraem-se mutuamente, estabelecendo uma relação de camaradagem, de vadiagem. Do embalo da cantiga de roda para a ginga da roda de capoeira não há distanciamento significativo, pudemos atestar. As crianças dão as mãos ao que se oferta para elas, se o que lhes foi ofertado flerta com esse universo lúdico, próprio do fazer infantil.

*[...]“Na roda do mundo,  
mãos dadas aos homens,  
lá vai o menino  
rodando e cantando  
cantigas que façam  
o mundo mais manso  
cantigas que façam  
a vida mais justa,  
cantigas que façam  
os homens mais crianças.” [...]  
Cantiga quase de roda  
Thiago de Mello*

A roda do mundo do poema de Thiago de Mello pode ser a nossa, nesta pesquisa. Do encontro entre o desejo de pesquisar a infância e o desejo de atá-la à capoeira, o trabalho aqui apresentado seguiu um percurso ditado pela roda do

mundo, encarando o ineditismo dessa junção, na perspectiva apresentada, fugindo da tendência pedagogizante de ver o desenvolvimento de habilidades em toda prática das crianças, buscando certa liberdade no movimento de indagar. Nesse percurso, como se fosse um rio a correr, descemos e subimos, enfrentamos corredeiras, remamos contra intempéries, mas imagino que chegamos ao mar. Tenho essa sensação ao olhar para trás e perceber que seguimos o curso da melhor maneira que pudemos, e que a chegada foi gratificante. Do ponto inicial, do problema sugerido, vencemos vales, montanhas, temporais e a cantiga que nos embalou sempre foi a de respeitar o percurso, o tempo de acontecer, uma cantiga quase de roda, como a de Thiago de Mello, mas ao invés do menino dar a mão ao homem, quisemos que o homem desse a mão ao menino, para que a criança nos conduzisse. Não sabemos se isso assim sucedeu, sabemos que a travessia até chegar ao mar foi de muito aprendizado. Aprendemos que as crianças enxergam para além do que se mostra, que percebem os detalhes do que lhes acontece, que sabem fazer escolhas e que nas escolhas priorizam o elemento de comunicação fundante em seu viver: o corpo em cena, enredado no brincar, permeado pela cultura de onde vivem, embalados pela cantiga quase de roda.

A pergunta feita às crianças foi a condutora da viagem nesta pesquisa e acreditamos que ela conseguiu alcançar o que se pretendia: ouvir o que elas pensam, como veem a capoeira, como acontecem esses momentos para elas. Através de seus registros, pudemos perceber como a capoeira as envolve e é envolvida por elas. Seus relatos mostraram que o tempo deles na capoeira é tempo de lazer e de prazer, sem desprezar, contanto, a carga cultural e ancestral que ela carrega, bem como a amizade, a partilha, o encontro. Vejo que nossa abertura à escuta dos pequenos e pequenas não foi em vão. Vejo que o caminho apontado pela Sociologia da Infância foi acertado quando colocar as crianças no viva voz mostrou-nos que elas sabem dizer do que vivem, sabem perceber o que lhes acontece e sabem também avaliar o que lhes faz bem. Ao dar a mão ao menino, imaginamos que ele nos levou para o meio da roda e abriu nossos olhos para a possibilidade de outras rodas. Percebemos que a capoeira, a infância e a cidade são temas que se juntam neste escrito, que as crianças e seus mestres também são temas que podem ser mais explorados em pesquisas subsequentes e que se buscarmos, veremos que na roda onde circulam capoeira e infância, circulam também muitos saberes, que certamente serão levados para o centro de outras

rodas de aprendizagem, mostrando-nos que os aspectos que circundam o humano são rodas dentro de outras rodas, dentro da roda da vida.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Ars Poética, 1995.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937. Disponível em: <[https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6845/1/45000008358\\_Output.o.pdf](https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6845/1/45000008358_Output.o.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2021.

ANJOS, Mestre Paulo dos. **Cartão postal**. Rio de Janeiro: BMG Ariola Discos Ltda, 1992. (Duração: 1:40). Disponível em: <<https://www.tucumabrasil.com.br/2019/04/discovinil-mestre-paulo-dos-anjos-1992.html>>. Acesso em: 03 set. 2021.

ARAÚJO, Rosangela Costa (Mestra Janja). **É preta, é kalunga: a capoeira angola como prática política entre os baianos: anos 80-90**. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

**BRASIL**. Lei nº 947, de 29 de Dezembro de 1902 (Reforma o serviço policial no Districto Federal). Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-947-29-dezembro-1902-584264-publicacaooriginal-107022-pl.html>>. Acesso em: 17 ago. 2021.

**BRASIL**. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 26 abr. 2021.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Cengage Learning, 2017.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira et al. As experiências de infância na metrópole. In: BEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima almeida; MARTINS, Sérgio. **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 19-46.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Imagens contraditórias da infância: crianças e adultos na construção de uma cultura pública e coletiva. In: BEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima almeida; MARTINS, Sérgio. **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 71-86.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 16.272, de 20 de dezembro de 1923** (Aprova o regulamento da assistência e proteção aos menores abandonados e delinquentes). Disponível em: [http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=16272&tipo\\_norma=DEC&data=19231220&link=s](http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=16272&tipo_norma=DEC&data=19231220&link=s). Acesso em: 08-12-2021.

DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. p. 1-17.

DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri. Diferentes infâncias, diferentes questões para a pesquisa. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 11-26.

DIAS, Adriana. **A malandragem da mandinga: o cotidiano dos capoeiras de Salvador na República Velha, de 1910-1925**. Salvador: 2004.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos e vadios na Bahia do século XIX**. 1994. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. p. 234, 1994.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Obras completas vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, (1914-1915), 2010.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. p. 69-92.

GÓES, José Roberto de; FLORENTINO, Manolo. Crianças escravas, crianças dos escravos. In: PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 177-191.

GOMES, Ana Maria Rabelo; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. In: BEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima almeida; MARTINS, Sérgio. **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 47-70.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. Belo Horizonte, MG: **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. 2014. Vol. 1, p 3-20, jan./ar.

HUIZINGA, Joan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

IPHAN. Dossiê: **Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília, 2007. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA\\_capoeira.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf)>. Acesso em: 16 maio 2019.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

JERUSALINSKY, Julieta. **Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês**. Salvador-Ba: Ágalma, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Froebel e a concepção de jogo infantil. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage learning, 2017. p. 57-78.

LEAL, Regina Rosa dos Santos. **Crianças no museu: experiência de educação, cultura e lazer no Circuito Cultural Praça da Liberdade na cidade de Belo Horizonte, MG**. 2016. 180 f. Tese (Doutorado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LEIRO, Augusto César Rios. Educação, Lazer e Cultura Corporal. Presente! **Revista de Educação**. Salvador, ano XIV, nº 53, p. 47-53, jun-ago. 2006.

LEVIN, Esteban. **Rumo a uma infância virtual? A imagem corporal sem corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto; MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. Repressão à Capoeiragem do Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX: a infância criminalizada. **Humanidades e Inovação: Infância, Artes e Patrimônio II**, Palmas-TO, vol. 8, n. 33, (69-84), fev/2021.

MAGALHÃES, Sônia Campos. **A criança em nós**. Salvador: Ágalma, 2013.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Tudo que a boca come**: a capoeira e suas gingas na modernidade. 2019, p. 220 f. (Doutorado em Cultura e Sociedade). Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31831>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O direito social ao lazer na cidade do nosso tempo. In: GOMES, Christianne L.; ISAYAMA, Hélder F. **O direito social ao lazer no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Lazer de perto e de dentro**: uma abordagem antropológica. São Paulo: Sesc, 2018.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MARCELINO, Nelson Carvalho. Lazer e cultura. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 9-30.

MARIANO, Agnes. **A invenção da baianidade, segundo as letras de canções**. Salvador: EDUFBA, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Neinha/Downloads/a-invencao-baianidade\_repositorio%20(1)%20(1).pdf >. Acesso em 26 abr. 2021.

MARTINS FILHO, Altino José. Jeitos de ser criança: uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.p. 81-106.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELO, Victor Andrade; JUNIOR, Edmundo de Drummond Alves. **Introdução ao lazer**. Barueri-SP: Manole, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: vozes, 1994. p. 9-29.

NARANJO, Javier. **A casa das estrelas**. São Paulo: Planeta, 2019.

NENEL, Mestre. **Bimba**: Um Século de Capoeira Regional. Salvador: EDUFBA, 2018.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira na Bahia de Todos os Santos**: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937). Goiânia-GO: Grafset, 2004.

QUINTEIRO, Jucirema. **Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos**. 2000. 310 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252157?mode=full>>. Acesso em 05 set 2021.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio etnográfico. Salvador, BA: Editora Itapuã, 1968.

RESENDE, L. F.; DEBORTOLI, José Alfredo. Infância e lazer na cultura do consumo: um estudo sobre os shopping centers em uma nova espacialidade urbana. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Recife: 2007. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/302.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da; SANTOS, Romilson Augusto dos Santos. Capoeira e jogos corporais. In: GOMES, Christianne Luce; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Luciano Pereira da. (Orgs.). **Lazer, práticas sociais e mediação cultural**. Campinas, SP: Autores Associados, 2019. p. 167-184.

RODRIGUES, Silvia Adriana; BORGES, Tammi Flavie Peres; SILVA, Anamaria Santana. "Com olhos de criança": A metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. **Nuances**: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 25, n.2, p. 270-290, mai/ago. 2014.

SALVADOR (BAHIA). Lei nº 9.072 de 15 de julho de 2016. (Dispõe sobre o reconhecimento da capoeira como expressão cultural e esportiva, de caráter educacional e formativo, e permite o estabelecimento de parcerias para o seu ensino nos estabelecimentos de ensino municipais, públicos ou privados). Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/2016/908/9072/lei-ordinaria-n-9072-2016-dispoe-sobre-o-reconhecimento-da-capoeira-como-expressao-cultural-e-esportiva-de-carater-educacional-e-formativo-e-permite-o-estabelecimento-de-parcerias-para-o-seu-ensino-nos-estabelecimentos-de-ensino-municipais-publicos-ou-privados?q=9072+2016>>. Acesso em 05 set. 2021.

SANTOS, Adalberto Silva. **Tradições populares e resistências culturais**: Políticas públicas em perspectiva comparada. Brasília, 2007. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1422/Tese\\_2007\\_AdalbertoSilvaSantos.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1422/Tese_2007_AdalbertoSilvaSantos.pdf)> Acesso em 26 abr. 2021.

SANTOS, Isabele Pires. Capoeira: educação e identidade étnico-cultural em grupos/academias da cidade Salvador-BA. *Sitientibus*, **Feira de Santana**, n. 30, p. 47-60, jan/jun., 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011. 27-60.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009. p. 17-39.

SARMENTO, Manuel. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Edições ASA, 2004. p. 9-34.

SERPA, Angelo. Experiência e vivência, percepção e cultura: uma abordagem dialética das manifestações culturais em bairros populares de Salvador-Bahia. **Raega – O Espaço Geográfico em Análise**, [S.l.], v. 8, dez. 2004. ISSN 2177-2738. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3380>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILVA, Gladson de Oliveira Silva; HEINE, Vinicius. **Capoeira: um instrumento psicomotor para a cidadania**. São Paulo: Phorte, 2008.

SILVA, Juliana Pereira da; BARBOSA, Sílvia Neli Falcão Barbosa; KRAMER, Sônia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. **Perspectiva**, Florianópolis, vol. 23, nº 1, p. 41-64, jan/jul 2005. Disponível em: <[https://grupoinfoc.com.br/publicacoes/periodicos/p27\\_Questoes\\_teorico-metodologicas\\_da\\_pesquisa\\_com\\_crianças.pdf](https://grupoinfoc.com.br/publicacoes/periodicos/p27_Questoes_teorico-metodologicas_da_pesquisa_com_crianças.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILVA, Sílvia Maria Cintra da Silva. **A constituição social do desenho da criança**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SIMPLÍCIO, Franciane; POCHAT, Alex; DIACUÍ, Nágila (orgs). **A capoeira em Salvador: registro de Mestres e Instituições**. Rio de Janeiro: Fundação Gregório de Matos, 2015.

SOUZA, Joseilda Sampaio. **Brincar em tempos de tecnologias digitais móveis**. 2019. Tese (Doutorado em Educação-FACED). Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28762/3/Joseilda.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: 2014. p. 7-72.

## ANEXOS

### Anexo A. Termo de Consentimento Livre Esclarecido – Responsável pela Criança

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>25</sup>

Eu, Edinei Gonçalves Garzedin, acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia (FACED-UFBA), realizo uma pesquisa intitulada: **COMO SE FORA BRINCADEIRA DE RODA: A CAPOEIRA COMO EXPERIÊNCIA DO LAZER DE CRIANÇAS SOTEROPOLITANAS**. Este estudo refere-se a uma produção de dissertação de mestrado, com orientação do Professor Doutor Bruno Otávio de Lacerda Abrahão e tem o objetivo de analisar o lugar da capoeira na vida de determinados grupos de

---

<sup>25</sup> Adaptado da dissertação de mestrado “As Marias de gado: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia”, da Professora Mestra Adriana Priscilla Costa Cavalcanti, 2020.

crianças soteropolitanas, praticada fora da escola, como atividade lúdica. Para tanto, será necessário escutar as crianças, protagonistas deste estudo, que realizam essa prática, em grupos que não fazem parte de programas escolares, bem como escutar seus pais/responsáveis, além dos mestres que orientam as crianças nessa prática. Nesse sentido, gostaríamos de entrevistar e, portanto, convidar seu/sua filho/filha a fazer parte desta pesquisa. As perguntas que serão feitas durante a entrevista se referem ao tema em estudo, não são invasivas e não oferecem qualquer tipo de risco e exposição. É importante mencionar que caso permita a participação de seu/sua filho/filha na pesquisa não terá gastos materiais e/ou financeiros como também a pesquisadora estará garantindo a disponibilização de todas as informações referentes à pesquisa, a qualquer momento, através de explicações compreensíveis e do esclarecimento de eventuais dúvidas, por meio dos contatos de telefone/whatsapp (75) 9 91237777 ou no e-mail neinhagarzedingmail.com. Quanto a privacidade dos dados pessoais fornecidos por seu/sua filho/filha, durante a entrevista, será mantida em sigilo, não havendo a identificação de seu nome, caso não haja expressa autorização de ambas as partes. A participação deverá ser voluntária, podendo se retirar do estudo a qualquer momento, com exclusão das informações prestadas, sem que seja submetida a qualquer penalização.

Para efeito de melhor identificar vossa posição na pesquisa, pedimos resposta a estas questões:

- 1- Permite que seu/sua filho/filha conceda a entrevista? Sim (  ) Não (  )
- 2- Autoriza o uso das informações concedidas por seu/sua filho/filha para a aplicação e análise dos dados, que serão utilizados apenas para os fins de investigação, sendo tratados apenas pela acadêmica e pelo orientador? Sim (  ) Não (  )
- 3- A entrevista realizada com seu/sua filho/filha pode ser gravada (áudio e visual)? Sim (  ) Não (  )
- 4- O nome de seu/sua filho/filha pode ser utilizado na pesquisa como informante, identificando no texto da dissertação, de artigos científicos e de apresentação em eventos e congressos científicos as respostas? Sim (  ) Não (  )
- 5- Caso seja disponibilizado algum material ou imagem particular, vossa senhoria autoriza o uso da imagem de seu/sua filho/filha para fonte de estudo, reprodução e publicação em artigos científicos, apresentação em eventos e congressos científicos e para a produção da dissertação? Sim (  ) Não (  )
- 6- Vossa senhoria autoriza o uso do áudio, imagens, nome e os dados produzidos por seu/sua filho/filha nesta entrevista para fonte de estudo, reprodução e publicação em artigos científicos, apresentação em eventos e congressos científicos e para a produção da dissertação? Sim (  ) Não (  )

Por fim, deverá assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, ficando com uma cópia do mesmo e a outra sob a guarda da pesquisadora responsável.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

---

Acadêmica Edinei Gonçalves Garzedin

---

Responsável pelo participante da pesquisa (Mãe/Pai do(a))

## **Anexo B. Termo Consentimento Livre e Esclarecido – Mestres e Professores de Capoeira**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>26</sup>**

Eu, Edinei Gonçalves Garzedin, acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia (FACED-UFBA), realizo uma pesquisa intitulada: **COMO SE FORA BRINCADEIRA DE RODA: A CAPOEIRA COMO EXPERIÊNCIA DO LAZER DE CRIANÇAS SOTEROPOLITANAS**. Este estudo refere-se a uma produção de dissertação de mestrado, com orientação do Professor Doutor Bruno Otávio de Lacerda Abrahão e tem o objetivo de analisar o lugar da capoeira na vida de determinados grupos de crianças soteropolitanas, praticada fora da escola, como atividade lúdica. Para tanto, será necessário escutar as crianças, protagonistas deste estudo, que realizam essa prática, em grupos que não fazem parte de programas escolares, bem como escutar seus pais/responsáveis, além dos mestres que orientam as crianças nessa prática. Nesse sentido, gostaríamos de convidá-lo(a) a fazer parte desta pesquisa e permitir que a criança pela qual você é responsável. As perguntas que serão feitas se referem ao tema em estudo, dizem respeito às crianças na prática da capoeira, não são invasivas e não oferecem qualquer tipo de risco e exposição. É importante

---

<sup>26</sup> Adaptado da dissertação de mestrado “As Marias de gado: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia”, da Professora Mestra Adriana Priscilla Costa Cavalcanti, 2020.

mencionar que caso aceite participar da pesquisa não terá gastos materiais e/ou financeiros como também a pesquisadora estará garantindo a disponibilização de todas as informações referentes à pesquisa, a qualquer momento, através de explicações compreensíveis e do esclarecimento de eventuais dúvidas, por meio dos contatos de telefone/whatsapp (71) 991237777 ou no e-mail edineigoncalves@ufba.br Quanto a privacidade dos dados pessoais fornecidos por vossa senhoria, será mantida em sigilo, não havendo a identificação de seu nome, caso não haja expressa autorização. A participação deverá ser voluntária, podendo se retirar do estudo a qualquer momento, com exclusão das informações prestadas, sem que seja submetida a qualquer penalização.

Para efeito de melhor identificar vossa posição na pesquisa, pedimos resposta a estas questões:

- 1- É de seu interesse e gosto conceder a entrevista? Sim (  ) Não (  )
- 2- Autoriza o uso das informações concedidas por vossa senhoria para a aplicação e análise dos dados, que serão utilizados apenas para os fins de investigação, sendo tratados apenas pela acadêmica e pelo orientador? Sim (  ) Não (  )
- 3- Pode ser realizada gravação (áudio e visual)? Sim (  ) Não (  )
- 4- Seu nome pode ser utilizado na pesquisa como informante, identificado no texto da dissertação, de artigos científicos e de apresentação em eventos e congressos científicos as respostas? Sim (  ) Não (  )
- 5- Caso seja disponibilizado algum material ou imagem particular, vossa senhoria autoriza o uso para fonte de estudo, reprodução e publicação em artigos científicos, apresentação em eventos e congressos científicos e para a produção da dissertação? Sim (  ) Não (  )
- 6- Vossa senhoria autoriza o uso do áudio, imagens, nome e os dados produzidos nesta entrevista para fonte de estudo, reprodução e publicação em artigos científicos, apresentação em eventos e congressos científicos e para a produção da dissertação? Sim (  ) Não (  )

Por fim, deverá assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, ficando com uma cópia do mesmo e a outra sob a guarda da pesquisadora responsável.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

\_\_\_\_\_  
Acadêmica: Edinei Gonçalves Garzedin

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa ( )